

MARIA DA GRAÇA RESENDE PINTO FERREIRA

**OPTIMISMO, AUTO-ESTIMA E ESTRATÉGIAS
DE *COPING*:
UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE POLÍTICOS AUTARCAS E NÃO
POLÍTICOS**

Orientador: João Pedro Oliveira

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Psicologia**

**Lisboa
2012**

MARIA DA GRAÇA RESENDE PINTO FERREIRA

**OPTIMISMO, AUTO-ESTIMA E ESTRATÉGIAS
DE *COPING*:
UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE POLÍTICOS AUTARCAS E NÃO
POLÍTICOS**

Dissertação apresentada para a obtenção do
Grau de Mestre em Psicologia Clínica no
Mestrado de Psicologia, Aconselhamento e
Psicoterapias, conferido pela Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor João Pedro Oliveira

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Psicologia**

**Lisboa
2012**

Epígrafe

...A predisponibilidade equilibradora do indivíduo e sua necessária homeostasia funcional agem segundo objectivos de integração, de individualidade e de totalidade, implicando e envolvendo suas dimensões bioquímicas, biofísicas, ambientais e sociais, interpessoais e corporais, psicológicas e mentais, constituintes individuais e dimensões que se influenciam mútua e reciprocamente.

Prof. Dr. Evaristo Fernandes – Professor Catedrático na
Faculdade de Ciências de Educação da Universidade de Aveiro

Dedicatória

A meus filhos João Pedro e Ana Isabel e ao meu neto Gonçalo.

À memória do meu pai, pela saudade, pelo seu sentido de justiça, pela sua dedicação ao bem-estar comum, pelos ensinamentos transmitidos e pela inquietação que procurava incutir-me na procura do saber.

Agradecimentos

Começo por referir o orientador do presente estudo - Prof. Doutor João Pedro Oliveira - que, ao longo de todo o ano lectivo e até à conclusão do trabalho, foi um pedagogo de excelência, desde a qualidade dos conhecimentos transmitidos, à disponibilidade sempre manifestada, à dinâmica grupal que imprimiu, estimulando a cooperação dos mestrandos face às múltiplas situações inerentes a um trabalho de investigação.

A nível da Faculdade de Psicologia, um reconhecimento a todos os Professores das 12 cadeiras ministradas no Mestrado e em especial ao meu orientador do Estágio – Prof. José Brites, na medida em que todos contribuíram para o desenvolvimento de capacitações conducentes à elaboração deste trabalho final!

À Universidade no seu todo e à Faculdade de Psicologia em particular, pelas condições de funcionamento que proporcionou, de que se destacam a qualidade dos professores.

Um sincero agradecimento também à Dr^aAna Isabel Bernardo e Dr^aCatarina Rosa, Psicólogas Clínicas colegas do Mestrado, a quem fico a dever a excelente cooperação na componente estatística; ao Dr.António Oliveira, profissional numa autarquia de Lisboa, o seu apoio na recolha de informação de natureza autárquica.

Por último, mas não de somenos importância, renovo os meus agradecimentos às 202 pessoas que amavelmente aceitaram participar na obtenção da amostra - componente *sine qua non* do estudo em apreço.

Resumo

O presente trabalho de investigação centrou-se num estudo comparativo entre Políticos Autarcas do Município de Lisboa e população Não Política residente em Lisboa.

Teve por objectivos: 1. - Apurar se e de que forma as variáveis Optimismo/Pessimismo e a Auto-Estima estão associadas e modelam as Estratégias de *Coping*; - Estabelecidas as correlações, 2. verificar se e de que forma a população política autárquica diverge da população não política.

A amostra, de conveniência, é constituída por pessoas de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 20 e os 78 anos. É composta por dois grupos: - A) - Políticos Autarcas, com funções nas autarquias da cidade de Lisboa e B) - Não Políticos, pessoas residentes em Lisboa.

Foram aplicadas as seguintes medidas: -para avaliar o Optimismo/Pessimismo, a Escala *Life Orientation Test – Revised - LOT-R*, da autoria de Scheier, Carver & Bridges (1994); -para avaliar a Auto-Estima, a Escala *Rosemberg's Self-Esteem Scale - RSE*, de Rosemberg (1989); -e para avaliar as Estratégias de *Coping*, o *Coping Responses Inventory - CRI*, de Moos (1992).

Os dados recolhidos foram, numa 1ª fase, inseridos na base de dados do EXCEL e posteriormente transferidos, analisados e tratados estatisticamente pelo programa PASW - *Predictiv Analytics Software – versão 18.0* para *Windows*.

Os resultados obtidos demonstraram que: a) - consistente com a literatura, o Optimismo revelou-se como um factor predisponente para modelar as Estratégias de *Coping*; b) - no que concerne à Auto-Estima, não sendo a literatura tão consensual, também o presente estudo reflectiu tal diversidade; c) - os Políticos Autarcas e a população Não Política não evidenciaram diferenças estatisticamente significativas nos níveis de Optimismo e de Auto-Estima; d) - como expectável, os Políticos Autarcas e a população Não Política evidenciaram diferenças estatisticamente significativas quanto às Estratégias de *Coping* utilizadas e também quanto aos Centros de Interesse preferidos.

Palavras Chave: Optimismo/Pessimismo; Autoestima; *Coping*; Político; Autarca.

Abstract

This investigation work concerns in a comparative study between Autarkic Politicians and No Politicians.

His purpose was: 1. - To investigate if or how Optimis/Pessimism and Self-Esteem are or not associated and if or how they affect Coping Strategies; 2. – Established the correlations, to analyse if or how Autarkic Politicians diverge of No Politic population.

Convenience samble concerned both sex persons, aged between twenty ans seventy eight. It's composed by two groups: - A) - Autarkic Politicians, functionig in Lisbon city Autarchies and B) - Not Politicians, resident persons in Lisbon city.

There was applicated the following mesures: - for Optmimis/Pessimism assesement, the scale *Life Orientation Test – Revised - LOT-R*, from Scheier, Carver & Bridges (1994); for Self-Esteem assesement, the *Rosemberg's Self-Esteem Scale - SER*, from Rosemberg (1989); and for Coping assesement, the *Coping Responses Inventory - CRI*, from Moos (1992).

The elements obtenues was, at first, introduced in EXCEL basis, and after translated, analysed and statisticment treatad by *Predictiv Analytics Software – PASW*, 18.0 version for Windows program.

Results suggest that: a) - consistent with the literature, Optimism just as revealed as a predisponent factor to model Coping Strategies; - b) - about Self-Esteem, literature is not so consensual and this stude reproduced that diversity; - c) - Autarkic Politicians and No Politicians didn't revealed significative statistic differences about Optimism and Self-Esteem levels; d) - as expected, Autarkic Politicians and No Politicians as revealed significative statistic differences about the Coping strategies that they use and also about Interesting's Centers preferences.

Key-words: Optimism/Pessimism; Self-esteem; Copping; Politician; Autarkic.

Índice

Introdução	11
Capítulo 1 - Fundamentação Teórica	13
1.1. - Optimismo / Pessimismo	14
1.1.1. - Conceitos de Optimismo e de Pessimismo	14
1.1.2. - Optimismo / Pessimismo generalizado, personalidade e natureza do stressor	16
1.1.3. - Optimismo / Pessimismo – Estado ou Traço	17
1.1.4. - Optimismo / Pessimismo e Causas	17
1.1.5. - Optimismo / Pessimismo e Medidas	18
1.1.6. - Terapias Psicológicas	18
1.1.7. - Optimismo / Pessimismo na vertente Organizacional	19
1.2 – Auto-Estima	21
1.2.1. - Conceito de Auto-Estima	21
1.2.2. - Constância, abrangência e nível ou qualidade da Auto-Estima	22
1.2.3. - Auto-Estima e efeitos comportamentais	22
1.2.3.1. Efeitos da Auto-Estima sobre o Desempenho Profissional	24
1 3 - Estratégias de <i>Coping</i>	26
1.3.1. - Conceito de Sresse	26
1.3.2. - Conceito de <i>Coping</i>	27
1.3.2.1. - Modalidades de <i>Coping</i>	28
1.3.2.2. - Estratégias de <i>Coping</i> / Factores Pessoais e Situacionais	29
1.3.2.3. - Estratégias de <i>Coping</i> / Género	30
1.3.2.4. - Estratégias de <i>Coping</i> / Personalidade e Situação	31
1.3.2.5. - Estratégias de <i>Coping</i> / Efeitos e Terapias	32
1.3.3. - Optimismo e <i>Coping</i>	33
1.3.3.1. - Aceitação e Negação	33
1.3.4. – Auto-Estima e <i>Coping</i>	34
1.4 – Políticos Autarcas	36
1.4.1. - Políticos Autarcas	36
1.4.2. – Autarquias	37
1.4.3. - O Município de Lisboa	40

Capítulo 2 – Método	42
2.1. - Objectivos do Estudo e Hipóteses	43
2. 2. - Caracterização da Amostra	44
2.2.1. - Constituição Sociodemográfica	44
2.2.2. - Diferenças entre as Variáveis Sociodemográficas	49
2.3. - Descrição dos Instrumentos	66
2.4. – Procedimento	69
Capítulo 3 – Resultados	70
3.1. - Análise Estatística	71
3.1.1. - Análise Descritiva	71
3.1.2. - Estudos Comparativos	73
3.1.3. - Estudos das Associações entre as Variáveis em Estudo	91
3.1.4. - Estudo das Variáveis Predictoras	93
3.2. – Verificação e Análise das Hipóteses	94
3.3. – Discussão	97
Conclusão	103
Bibliografia	106
Apêndice	
Apêndice I	
Protocolo de Investigação	II
Anexos	
Anexo I	
Mapa Autárquico da Cidade de Lisboa	VII
Modelo em vigor	
Anexo II	
Mapa Autárquico da Cidade de Lisboa	VIII
Modelo aprovado, para futura entrada em vigor	

Índice de Tabelas

Tabela 1.	Órgãos Autárquicos a nível Nacional	38
Tabela 2.	Nº de Políticos Autarcas a nível Nacional	39
Tabela 3.	Caracterização Sóciodemográfica da Amostra	45
Tabela 4.	Órgãos e Funções Autárquicas da Cidade de Lisboa - Situação Real	48
Tabela 5.	Órgãos e Funções Autárquicas da Cidade de Lisboa - Amostra Obtida	48
Tabela 6.	Diferenças entre as variáveis Sociodemográficas Idade e Género	50
Tabela 7.	Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função do Género	51
Tabela 8.	Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função da Etnia	53
Tabela 9.	Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função da Escolaridade	56
Tabela 10.	Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função do Estado Civil	58
Tabela 11.	Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função da Religião	60
Tabela 12.	Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função dos Centros de Interesse	62
Tabela 13.	Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função da Situação Profissional	63
Tabela 14.	Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função da Função Profissional	64
Tabela 15.	Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função do Órgão Autárquico	65
Tabela 16.	Estatística descritiva das variáveis em estudo	72
Tabela 17.	Diferenças de médias entre grupos relativamente à Idade para as variáveis em estudo	73
Tabela 18.	Diferenças de médias entre grupos relativamente ao Género para as variáveis em estudo	74
Tabela 19.	Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de <i>Coping</i> em função da Etnia	75

Tabela 20. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de <i>Coping</i> em função da Escolaridade	77
Tabela 21. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de <i>Coping</i> em função do Estado Civil	79
Tabela 22. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de <i>Coping</i> em função da Religião	81
Tabela 23. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de <i>Coping</i> em função dos Centros de Interesse	83
Tabela 24. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de <i>Coping</i> em função da Situação Profissional	86
Tabela 25. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de <i>Coping</i> em função da Função Profissional	87
Tabela 26. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de <i>Coping</i> em função da Autarquia	89
Tabela 27. Diferenças de médias entre grupos relativamente à Função Autárquica	90
Tabela 28. Correlações entre Optimismo, Auto-Estima e as dimensões das Estratégias de <i>Coping</i>	92
Tabela 29. Factores das Estratégias de <i>Coping</i> preditores do Optimismo	93
Tabela 30. Factores das Estratégias de <i>Coping</i> preditores da Auto-Estima	93

Introdução

Nos termos da Constituição da República Portuguesa, a organização democrática do Estado compreende a existência de autarquias locais, as quais são pessoas colectivas territoriais dotadas de órgãos representativos e que visam a prossecução de interesses próprios das populações respectivas (art.º 235). No continente, as autarquias locais são as freguesias, os municípios e as regiões administrativas (art.º 236), embora estas últimas ainda não tenham sido instituídas em concreto (art.ºs 255 e 256).

Os órgãos representativos do Município são a Assembleia Municipal - órgão deliberativo - e a Câmara Municipal - órgão executivo; os órgãos representativos da Freguesia são a Assembleia de Freguesia - órgão deliberativo - e a Junta de Freguesia - órgão executivo.

O quadro de competências e regime jurídico de funcionamento dos órgãos dos municípios e das freguesias consta da Lei nº 169/99, de 18 de Setembro, republicada pela Lei nº 5-A/2002, de 11 de Janeiro (Diário da República – I SÉRIE – A N O 219 – 18-9-1999; Diário da República – *LEI* n. 5-A/2002, de 11 de Janeiro).

Conforme consta dos dados oficiais, publicados pela Direcção Geral das Autarquias Locais, existem actualmente em Portugal 308 Concelhos e 4.259 Freguesias, englobando o Continente e as Regiões Autónomas dos Açores e Madeira (DGAL – PORTTAL AUTÁRQUICO, 2011).

O montante global atribuído à gestão autárquica cifra-se anualmente em cerca de 1,3% do Orçamento de Estado, atingindo em 2012 o valor de 2.121.246.399 euros, correspondendo a 1,12% do dito Orçamento (MINISTÉRIO DA ECONOMIA E FINANÇAS. Orçamento do Estado para 2012).

Conforme publicação do Ministério da Administração Interna, as estruturas autárquicas são servidas por um universo de 57.469 pessoas (MAI. Base de Dados Central do Recenseamento Eleitoral, 2011).

Saliente-se, contudo, que apenas os Presidentes de Câmara, os Vereadores Municipais e os Presidentes de Juntas com maior número de habitantes exercem funções a tempo inteiro, com remuneração em conformidade, sendo que todos os demais autarcas participam em regime de quase total voluntariado.

As autarquias, enquanto estruturas do poder local, funcionam como elos de ligação entre o Poder Central e as populações. Os Políticos Autarcas, pela sua proximidade física dos

cidadãos que representam; pelo sentido de pertença, já que constituem parte integrante da mesma colectividade; pela avaliação permanente a que estão sujeitos; e ainda por determinadas prerrogativas eventualmente inerentes às suas próprias estruturas de personalidade, conducentes à dedicação à causa pública, parecem estar mais vocacionados para identificar as necessidades, os anseios e aspirações locais e, conseqüentemente, delinear estratégias e elaborar planos de actuação que conduzam à prossecução de caminhos eficientes e ao atingimento de objectivos e, por outro lado, constituírem-se como referenciais idóneos de boas práticas e de boa conduta. Em termos de resultados, constata-se que o Poder Local, na esmagadora maioria dos seus Políticos Autarcas, tem desempenhado um papel crucial no desenvolvimento das localidades e do país.

Encontram-se vários estudos e publicações literárias sobre a classe política dirigente de topo, sobretudo de renome mundial, contudo nas várias pesquisas efectuadas não se identificou qualquer estudo direccionado para o Poder Local Autárquico, pelo que, na ausência de antecedentes comparativos, o presente estudo se reveste de um carácter exploratório, esperando-se que contribua para despoletar o interesse da classe científica, assim significando um ponto de partida para novas investigações.

O objecto de investigação foi direccionado para algumas das prerrogativas consideradas inerentes ao exercício das funções dos Políticos Autarcas, tomando-se para amostra os autarcas afectos ao Município de Lisboa, por se tratar da capital do país.

Foram escolhidas três variáveis: - Optimismo/Pessimismo, Auto-Estima e Estratégias de *Coping*, cuja eventual interacção foi analisada em dois grupos comparativos, ambos eles com ligação ao mesmo espaço geográfico – a cidade de Lisboa.

Conforme consta do índice, o trabalho é constituído por 4 Partes fundamentais, respectivamente: - 1. Fundamentação Teórica relativa às três variáveis em estudo, seguida de breve referência à população dos Políticos Autarcas, em apreço; - 2. Método utilizado na investigação, contendo temas alusivos aos Objectivos definidos e Hipóteses delineadas, caracterização da Amostra, descrição dos Instrumentos e Procedimento; - 3. Resultados, comportando a componente Estatística, a Verificação das Hipóteses e a Discussão; 4. Conclusão. Por fim, a Bibliografia consultada, um Apêndice contendo o Protocolo de Investigação aplicado e dois Anexos, constituídos por dois mapas relativos à configuração Autárquica da Cidade de Lisboa - actual e próxima futura.

Capítulo 1

Fundamentação Teórica

1.1. Optimismo / Pessimismo

1.1.1. - Conceitos de Optimismo e de Pessimismo

Quando as pessoas se confrontam em suas vidas com a adversidade ou dificuldades, experimentam uma variedade de emoções, desde a excitação à raiva, ansiedade e depressão (Scheier, Carver e Bridges, 1994). O equilíbrio entre estes sentimentos parece estar relacionado com o grau de optimismo/pessimismo (Carver e Scheier, 1998; Scheier e Carver, 1992).

As diferenças individuais no optimismo desempenham um papel no ajustamento às situações stressantes da vida (Scheier, Carver e Bridge, 2001). As pessoas optimistas são mais confiantes e, por isso, demonstram uma série de sentimentos positivos, enquanto que a dúvida, que caracteriza as pessoas pessimistas, provoca uma tendência mais acentuada para sentimentos negativos, tais como a ansiedade, culpa, raiva ou tristeza (Carver e Scheier, 1994; Scheier, Carver e Bridges, 1994; Carver, Scheier e Segerstrom, 2010).

Um optimismo elevado tem sido associado a menor perturbação do humor na resposta à variedade de stressores, incluindo às normas escolares (Segerstrom, Taylor, Kemeny e Fahey, 1998).

Scheier e Carver (1992) referem que o optimismo e o pessimismo se relacionam directamente com a importância atribuída à expectativa motivacional, tradicionalmente abordada no contexto dos modelos baseados nos objectivos. Que reflectem confiança/dúvida, não apenas relativamente a situações específicas, mas para com a vida em geral. Que constituem outra das diferenças individuais que surgem na literatura sobre *coping*.

No que concerne às estratégias de *coping*, vários investigadores, consideram que os optimistas são mais eficientes a lidar com os stressores do que os pessimistas. É substancialmente evidente que os optimistas utilizam várias estratégias para lidar com o problema, ao contrário dos pessimistas, e que tais diferenças de *coping* contribuem para uma associação positiva entre optimismo e melhor adaptação (Scheier, Weintraub e Carver 1986; Carver, Scheier e Weintraub, 1989; Stanton e Snider, 1993; Scheier, Carver e Briges, 2001).

Pearlin e Schooler (1978) defendem que o optimismo modela uma série de posturas do indivíduo, como por exemplo o autocontrole, na medida em que este resulta da percepção que o indivíduo constrói sobre os acontecimentos da sua vida.

Assim, e de acordo com afirmações produzidas por vários investigadores, de que se referem Armor e Taylor, (1998); Scheiler e Carver, (1992); Pearlin e Schooler, (1978); Fernandes (2006), o optimismo é um constructo que pode estar relacionado de perto com cada aspecto das vidas das pessoas, o qual se encontra associado com múltiplas variáveis ecológica e teoricamente significativas, incluindo a conservação no emprego, evolução académica, sucesso terapêutico, desempenho atlético, adaptação à mudança, amizades duráveis, religiosidade, liderança, estrutura auto-conceituada. E, talvez mais importante, a saúde mental, a saúde física e a longevidade.

A modelação emocional que o optimismo pode exercer tem sido investigada em várias situações de adversidade. Carver, Scheier e Segerstrom (2010), numa revisão da literatura, referem vários estudos efectuados com populações que enfrentam contextos adversos: - pessoas que sofrem de cancro (Given et al. 1993); -pessoas que sofrem de Alzheimer (Hooker et al., 1992; Shifren e Hooker, 1995); - pessoas em recuperação de cirurgia com *by-pass* da artéria coronária (Fitzgerald et al, 1989); - pessoas com SIDA (Taylor et al., 1992); - pessoas em tratamentos de infertilidade (Litt et al., 1992); - sobreviventes de ataques com mísseis (Zeidner e Hammer, 1992); - alunos que entram para a universidade (Aspinwall e Taylor, 1992; Carver, Brissette e Scheier, 2002) e tantos outros.

A associação entre a predisposição para o optimismo e respostas de saúde positivas tem sido demonstrada em centenas de estudos examinando diversas populações. Todo este conjunto de investigações, embora em diferentes contextos e variando em grau de complexidade, são unânimes na demonstração de que níveis mais elevados de optimismo se relacionam com maior imunidade e se repercutem em menor stresse, melhor conservação dos afectos, menos sentimentos de solidão, menos depressão, maior suporte social e na utilização de estratégias de *coping* mais ajustadas (Carver, Scheier e Segerstrom, 2010; Parashar, 2011).

Paralelamente, alguns investigadores afirmaram que muitas associações baseadas em medidas de optimismo não são devidas ao constructo do optimismo em si, mas são o produto de uma terceira variável, residindo a justificação no facto de que as medidas do optimismo remetem para outros constructos, tais como o humor, o autocontrolo, a auto-estima, o neuroticismo e que uma dessas variáveis é responsável, em primeiro lugar, pelos resultados atribuídos ao optimismo (Marshall e Lang, 1990; Smith et al., 1989).

Contudo, é conveniente frisar que um número de estudos recentes, em que os investigadores testaram a possível influência destas três variáveis, não descobriu suporte para esta afirmação (Chang, 1998; Geers, Handley e McLarney, 2003; Geers, Kosbab, Weiland,

Helfer e Wellman, 2007; Scheier, Carver e Bridges, 1994; Segerstrom, 2001). No caso da saúde, por exemplo, embora numerosos argumentos pareçam contribuir para a relação entre optimismo e saúde, existem também estudos que defendem uma ligação menos directa, por exemplo, que uma postura optimista desencadeia estratégias de *coping* mais activas (Fosnaugh, J., Geers, A. e Wellman, J., 2009).

Outros estudos ainda demonstram que os efeitos do optimismo poderiam não ser apenas específicos deste constructo, mas que poderiam estar associados a determinadas características da personalidade, entre as quais a extroversão, que está em elevada relação com o optimismo (Eysenck, 1967; McCrae e John, 1992).

Num estudo efectuado relativamente à adaptação escolar, Carver, Brissette e Scheier (2002) demonstraram que a extroversão está associada à fácil e rápida obtenção de suporte social entre os pares. Os mesmos investigadores, no mesmo estudo, atribuem uma não muito significativa associação entre optimismo e autoestima na procura e obtenção desse mesmo suporte.

Comparadas com os optimistas, as pessoas pessimistas geralmente antecipam reações negativas e são mais dadas a retrain esforços para alcançar objetivos (Scheier e Carver, 1985 e 1992; Scheier, Carver e Bridges, 1994) concluíram que o pessimismo está correlacionado com a denegação, com o distanciamento, a atracção por distrações temporárias e a desistência de um objectivo com o qual o elemento stressor esteja relacionado. O pessimista é também associado a mais sensações de stresse e pior auto-avaliação de saúde. (Robinson-Whelen et al., 1997). Na literatura dispersa, o pessimismo tem sido associado a pressão arterial mais elevada (William et al, 1990).

Segundo Segerstrom (2006^a), apesar de ser comum a referência a optimistas e pessimistas como duas categorias distintas de pessoas, tal dicotomia não existe na realidade. Como se se considerasse um contínuum, desde a perspectiva de muito optimista a muito pessimista e as pessoas se distribuíssem, em diferentes graus, ao longo dessa escala.

1.1.2. - Optimismo / Pessimismo generalizado, personalidade e natureza do stressor

Será que o optimismo modera as respostas para todos os estímulos, ou é específico para determinadas situações?

A identificação interpessoal com o factor de risco psicológico é uma estrutura emergente para se compreender as influências da personalidade na doença (Smith et al., 2003, 2004). Segundo (Gallo e Smith, 1998), um aspecto chave da identificação interpessoal é que

os constructos da personalidade são caracterizados em termos dos seus atributos interpessoais, o que leva a que a personalidade reflecta modelos nas interações sociais que evoquem respostas psicológicas correspondentes.

No caso dos pessimistas, as reações cardiovasculares, contribuindo para o risco da doença; a hostilidade, envolvendo uma expectativa de que os outros não são para confiar, esperando algum mal proveniente deles, predispõem para comportamentos sociais frios, não amigáveis e submissos, continuamente repetindo interações contribuindo para o acumular de stresse, com consequências directas na saúde física (Smith e Spiro, 2002).

Por outro lado, os optimistas esperando boas intenções das outras pessoas, as quais, por sua vez, lhes retribuirão nos mesmos termos e contribuirão para confirmar e sedimentar a sua visão positiva do mundo. Assad, Donnelan e Conger (2007); Carver, Kus e Scheier (1994), em estudos anteriores sobre relações interpessoais, defendem que os optimistas revelam melhor suporte social, são mais amados pelos outros e apresentam relações mais duráveis.

1.1.3. – Optimismo / Pessimismo - Estado ou Traço

O optimismo pode ser considerado um estado ou traço, respectivamente dependendo de se tratar de mais ou menos posturas de optimismo, em função da situação (Peterson e Bossio, 1991); ou, mais do que isso, de se tratar de uma atitude disposicional generalizada, de expectativa positiva mais consistente, influenciando a procura do atingimento de objectivos (Scheier e Carver, 1992).

No entanto, verificam-se também variações de optimismo/pessimismo, tanto momento a momento, como ao longo de períodos prolongados e ainda maior variabilidade em situações de transição de vida, quando há ruptura da experiência anterior e resultados mais incertos. Por exemplo, a forma como as pessoas se preparam para enfrentar uma ameaça pode variar temporariamente (Sweeny, Carroll e Shepperd, 2006).

1.1.4. - Optimismo / Pessimismo e Causas

Segundo Plomin et al. (1992), a hereditariedade exerce sobre a postura de optimismo/pessimismo uma influência estimada na ordem dos 25%; outros autores apontam para o ambiente na infância, com especial enfoque na presença ou ausência de recursos afetivos - laços parentais e outros -, de segurança e de nível económico (Heinonen, Raikkonen e Keltikangas-Jarvinen, 2005; Heinonen et al., 2006).

1.1.5. - Optimismo / Pessimismo e Medidas

Segundo Fosnaugh, J., Geers, A. e Wellman, J. (2009), seria interessante a ideia de conseguir uma manipulação pura do optimismo generalizado, com o objectivo de conduzir à concepção de um instrumento para futuros investigadores do optimismo, e também para permitir uma oportunidade para melhor avaliar a validade discriminante do constructo.

No que concerne à concepção destas duas variáveis – optimismo e pessimismo – e à sua mensuração, refiram-se duas ópticas de abordagem diferenciadas: - uma, na óptica de Scheier, Carver e Bridges (1994), focalizada na medição directa das expectativas generalizadas, consistindo em perguntas às pessoas sobre o que elas esperam de suas vidas, indicando o seu grau de concordância ou discordância face a determinadas situações apresentadas – Teste de Orientação LOT e seu sucessor revisado LOR-R; e uma outra visão, na óptica de Peterson e Seligman (1984), assentando na ideia de que as expectativas para o futuro têm por base as interpretações do passado, sendo o optimismo e o pessimismo encarados como padrões de atribuições sobre as causas dos acontecimentos. Nesta linha de pensamento, de considerar dois aspectos: - se os fracassos do passado são vistos como reflectindo causas estáveis, então serão, genericamente, esperados também mais fracassos para o futuro, dada a probabilidade de que a causa, que é relativamente permanente, se mantenha em vigor; - já se os fracassos forem sentidos como causas situacionais, então as expectativas face ao futuro podem ser mais favoráveis, visto que a causa pode não estar presente.

1.1.6. - Terapias Psicológicas

Dadas as múltiplas situações nas quais as formas de vida dos optimistas parecem ser melhores do que as dos pessimistas, uma importante questão é se o optimismo pode ser trabalhado ou adquirido.

Segundo Segerstrom (2006a), os níveis de optimismo das pessoas apresentam-se como traços e assim permanecem relativamente estáveis ao longo do tempo. Contudo, a mudança é certamente possível. Mas permanecem as interrogações sobre a sua abrangência e durabilidade. E também sobre a comparação entre a visão do optimista induzida por processo terapêutico com o optimista por estrutura própria.

O processo terapêutico mais utilizado face a um pessimista é constituído por técnicas no âmbito das Terapias Cognitivo-Comportamentais, cuja lógica se baseia no pressuposto de

que por vezes as pessoas têm padrões de distorções cognitivas negativas. Certas espécies de pensamentos negativos favorecem afectos negativos e conduzem a pessoa a não tentar lutar pelos seus objectivos. Esta modalidade terapêutica apoia a pessoa no sentido de tornar as suas cognições mais positivas, assim minorando o distresse e estimulando um esforço acrescido para atingimento dos seus desejos. Nestas terapias, as crenças acerca do seu futuro constituem uma influência importante das cognições, no sentido de contribuírem para a mudança.

Segundo Pretzer e Walsh (2002) e Segerstrom (2006^a), numa óptica cognitiva-comportamental, a medida a aplicar contemplaria o treinamento da pessoa a pensar nas vias optimistas e utilizá-las em situações concretas.

Riskind et al. (1996), constatando que a maior parte da terapia cognitiva é direccionada para a redução dos pensamentos negativos -na realidade, para reduzir o pessimismo - e muito menos direccionada para induzir pensamentos positivos, incrementando o optimismo, colocaram a questão sobre se a ausência de pessimismo é equiparável à presença de optimismo. E concluíram que um decréscimo de pensamentos negativos não se transforma necessariamente no aumento de pensamentos positivos, pelo que sublinham a importância de estimular o desenvolvimento de uma perspectiva positiva. Logo, sugerem as duas medidas em simultâneo, ou seja: -uma, no sentido da supressão das crenças negativas e outra, direccionada para o desenvolvimento de estratégias de procura de resultados positivos.

1.1.7. - Optimismo / Pessimismo na vertente Organizacional

Os investigadores do comportamento organizacional desde cedo demonstraram um interesse elevado pelo papel positivo das atitudes e comportamentos como factores preditores de sucesso organizacional (Luthans e Youssef, 2007; Youssef e Luthans, 2007). De igual modo, Seligman e Csikszentmihalyi (2000), emergindo da Psicologia Positiva.

Luthans (2002b) define o Comportamento Organizacional Positivo (POB) como o estudo e aplicação da força dos recursos humanos positivamente orientados e capacidades psicológicas que podem ser medidas, desenvolvidas e eficazmente dirigidas para o aperfeiçoamento do desempenho nos locais de trabalho actuais.

As crenças positivas podem ser consideradas como um recurso muito importante para as estratégias de *coping* (Lazarus e Folkman, 1984).

O optimismo tem implicações na forma como as pessoas lidam com situações stressantes (Carver e Scheier, 1999) e, mais especificamente, como elas lidam com os problemas organizacionais (Armstrong-Stassen, 1994).

No âmbito dos pressupostos referidos, um estudo efectuado por Armstrong-Stassen e Schlosser (2008), dirigido a 237 Gestores Públicos Canadianos, com o objectivo de investigar a possível associação do optimismo generalizado (Carver e Scheier, 1999) e as cognições, afectividade e comportamento - cognições, atitudes, desempenho profissional, auto-avaliação e estratégias de *coping* eficazes - à resolução de problemas profissionais, sugeriu que algumas destas associações eram parcialmente induzidas por um pensamento estratégico positivo e por expectativas para a futura carreira e sucesso profissional presentes no decurso da situação a enfrentar.

1.2. - Auto-Estima

1.2.1. - Conceito de Auto-Estima

Segundo Rosenberg (1965), entende-se por auto-estima um conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo sobre o seu próprio valor, competência e adequação, que se reflecte numa atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo. Coopersmith (1989) sublinha que o ponto fundamental da auto-estima é o aspecto valorativo. Este aspecto exerce influência na forma como o indivíduo elege os seus objectivos, se aceita a si mesmo, valoriza o outro e projecta as suas expectativas para o futuro (Bednar e Peterson, 1995).

A auto-estima envolve desde crenças - eu sou competente/incompetente - a emoções auto-significantes associadas - orgulho/vergonha - e repercute-se nos comportamentos - confiança/desconfiança. Segundo Sedikides e Gregg (2003), a auto-estima inclui a avaliação subjectiva que uma pessoa faz de si mesma, como sendo, em algum grau, intrinsecamente positiva ou negativa. Muito embora o conceito de auto-estima se encontre muitas vezes associado a outros conceitos, como a auto-imagem, a auto-confiança, a auto-aceitação, vários autores consideraram a auto-estima como um conceito mais amplo, que inclui vários outros conceitos.

Ferris et al. (2010) referem que William James, de 1890 a 1950, introduzira o conceito de “si mesmo”, como sendo o conhecimento que o indivíduo possui de si próprio, o qual, por sua vez, se subdivide em dois componentes distintos: - a auto-imagem, com carácter descritivo e a auto-estima, com carácter valorativo.

Portrec-Rose e Jacob (2006) definiam a auto-estima como um conceito mais amplo e distinguiam auto-confiança de auto-aceitação, em que a auto-confiança está relacionada com a competência pessoal e é definida como a convicção que uma pessoa possui de ser capaz de fazer ou realizar alguma coisa, enquanto que a auto-aceitação se baseia numa abordagem centrada na pessoa, na óptica da Carl Rogers, e indica uma aceitação profunda de si mesmo, das suas próprias fraquezas e erros.

Serra (1986) defende que a auto-estima é a faceta mais importante do auto-conceito, que se encontra associada aos aspectos avaliativos que o sujeito elabora a seu respeito, baseado nas suas capacidades e desempenhos. Também Pelham e Swann (1989) enfatizam a importância dos factores cognitivos e afectivos da auto-estima, consideram que a sua organização é complexa, está multi-determinada e identificam três componentes na auto-

estima global: - 1. - tendência para experimentar estados afectivos positivos e negativos; 2. - as concepções específicas de si mesmo, das suas forças e debilidades; 3. - a forma como as pessoas interiorizam as suas auto-imagens, ou seja, a convicção sobre a importância relativa das auto-imagens positivas de si mesmo perante as negativas, e ainda as discrepâncias entre as auto-imagens reais e ideais de si próprio. Wylie (1974) considera que na avaliação da auto-estima existem dois tipos de problemas: - o primeiro, associado à singularidade da auto-estima como fenómeno; - o segundo, relacionado com a existência de uma grande diversidade de instrumentos a que se recorre para a sua avaliação.

Pelo exposto, e segundo Fernandes (2006), entende-se a auto-estima como um conceito mais amplo, incluindo outros conceitos, como a auto-imagem, a auto-confiança, a auto-aceitação, que se perfiguram como interligados e interatuantes e que a níveis distintos de auto-estima possam estar associados comportamentos distintos, eventualmente com repercussões no bem-estar, na saúde, na longevidade e nos desempenhos individuais.

1.2.2. - Constância, abrangência e nível ou qualidade da Auto-Estima

A auto-estima constitui uma das expressões da personalidade, que surge associada a vários outros constructos. Em maior ou menor grau, com maior abrangência ou direccionada para situações específicas e pouco frequentes, assim poderá ser considerada traço ou apenas estado. Com efeito, alguns investigadores têm considerado a auto-estima como traço, quando revela estabilidade durante um período de tempo; e como estado, se reflecte uma resposta pontual a situações ou eventos de vida (Harter e Whitesell, 2003); outros investigadores sugerem que o desenvolvimento deste atributo contém descontinuidades, ao invés de apresentar um curso estável ao longo do ciclo vital (Cole et al., 2001).

A mensuração da auto-estima tem sido mundialmente realizada por meio da Escala de Auto-estima de Rosenberg - *Rosenberg's Self-Esteem Scale, 1989* -, aliás também utilizada no presente trabalho.

1.2.3. - Auto-Estima e efeitos comportamentais

A auto-estima relaciona-se a constructos psicológicos como o bem-estar (Sanchez e Barrón, 2003) e auto-conceito (Martín-Albo, Nuñez, Navarro e Grijalvo, 2007), sendo amplamente investigada no campo da psicologia da personalidade (Schmitt e Allik, 2005).

Desde fins da década de 1960 a princípios de 1990, foi assumido que a auto-estima de um estudante condicionava os seus resultados escolares, relacionamentos com os colegas e

sucessos posteriores na vida. Em consequência, vários grupos norte-americanos desenvolveram programas com vista a incrementar a auto-estima, esperando reacções positivas, porém não implementando medidas de controlo significativas. Pesquisas recentes indiciam que aumentar a auto-estima dos estudantes, só por si, não surte efeito positivo sobre a qualificação dos mesmos. Contudo, um estudo levado a cabo por Baumeister (2005) demonstrou precisamente o contrário, na mesma linha de pensamento positivo, confirma as suas posições anteriores (Baumeister et al., 2003), ou seja, defende que a auto-estima elevada se correlaciona com a felicidade auto-relatada, embora não seja claro se uma conduza necessariamente à outra.

A auto-estima é considerada como um dos principais preditores de resultados favoráveis, na adolescência e na vida adulta, tendo implicações em áreas como sucesso ocupacional, relacionamentos interpessoais e desempenho académico (Trzesniewski, Donnellan e Robins, 2003). Por outro lado, a influência desta característica também tem sido observada em problemas adversos como a agressão, comportamento anti-social e delinquência na juventude (Donnellan, Trzesniewski, Robins, Moffitt e Caspi, 2005). Dada a sua relação com o ajustamento psicossocial, a auto-estima tem sido vista como um importante indicador de saúde mental e um fator relevante nas análises de crescimento e progresso nos países desenvolvidos (Mruk, 1995). Adicionalmente, a avaliação desta característica vem sendo considerada uma importante ferramenta na identificação de problemas psicológicos (Fan e Fu, 2001).

Rosemberg (1965) e O'Brien e Epstein (1983) sugerem uma relação entre auto-estima e género. E, face aos resultados obtidos com vários instrumentos de medida, consideram necessária a elaboração de normas distintas. Outros estudos revelam que as diferenças, embora pouco significativas, são geralmente superiores no sexo masculino, particularmente durante a adolescência (Aznar et al., 2003; Cairns et al., 1990; Diener e Diener, 1995; Harper e Marshall, 1991; Marsh, 1989; Oslon e Shultz, 1994; Simmons e Rosenberg, 1975; Zimmerman et al., 1997; Santos e Maia, 2003).

Em relação à idade, as teorias psicossociais defendem que as diferenças na auto-estima parecem estar subjacentes aos processos de socialização que as pessoas vão atribuindo aos papéis/estatutos sociais, diferenciados estes para homens e mulheres. King et al. (1999), num estudo de meta-análise, confirmaram esta conclusão e acrescentam que tais diferenças se tornam mais significativas na adolescência média. Outros estudos observaram que a auto-estima aumenta com a idade, no fim da adolescência e no início da idade adulta (Cairns et al.,

1990; Marsh, 1989; Rosenberg, 1979, 1985). Já Wylie (1979) não observou qualquer tipo de relação.

1.2.3.1. Efeitos da Auto-Estima sobre o Desempenho Profissional

No que concerne aos efeitos dos níveis de auto-estima - alto/baixo - sobre o desempenho profissional, encontramos panorama semelhante, ou seja, várias perspectivas teóricas sugerem que o nível de auto-estima poderá implicar efeitos elevados ou moderados, enquanto que, pelo contrário, alguns estudos experimentais e descrições de revisões de literatura sugerem que tais efeitos ou são inexistentes ou altamente variáveis (Ferris, D. et al, 2010).

Com efeito, para além do âmbito estudantil, o desempenho profissional e o conjunto de comportamentos que são relevantes para os objectivos da organização ou para o departamento no qual a pessoa trabalha têm sido alvo de especial atenção por parte de múltiplos gestores e investigadores do comportamento organizacional, o que em nada surpreende, tendo em conta a indiscutível importância do que o mesmo se reveste para as organizações (Murphy, 1989; Arvey e Murphy, 1988; Viswesvaran, 2001; Johnson, 2003; Motowidlo, Schmit et al., 1997).

Pela mesma razão, também os antecedentes do comportamento organizacional têm sido objecto de pesquisa. Viswesvaran (2001) classificou tais requisitos em três categorias: - saber, saber fazer e motivação (Ferris, D. et al. 2010).

No domínio da motivação, tem ganho terreno a ideia de que o nível de auto-estima, ou uma avaliação global positiva ou negativa de si próprio (Brown, 1993) poderia estar associada ao desempenho profissional (Pierce e Gardner, 2004). Tipicamente, tais sugestões evocam a noção de que indivíduos com uma auto-estima elevada são motivados para boa execução no trabalho, para manter uma consistência cognitiva consentânea com as suas auto-avaliações elevadas, isto é, um nível elevado de auto-estima provoca um nível de efeito elevado (Korman, 1970). Ou que uma auto-estima elevada proporciona uma função de defesa face aos stressores que, de outro modo, impediriam a motivação no local de trabalho e o desempenho, isto é, a auto-estima exercendo um efeito moderador (Brockner, 1988).

De modo mais geral, a crença nos benefícios da auto-estima elevada ganhou força considerável na América, como é evidenciado pelo surgimento de instituições como a Associação Nacional para a Auto-Estima, cujo objectivo é integrar plenamente a auto-estima

na estrutura da sociedade Americana, para que cada pessoa, individualmente, se sinta com valor e feliz (National Association for Self-Esteem, 2009, citada por Ferris et al., 2010).

Principais Teorias

Não tendo sido encontrada nenhuma perspectiva que desvalorize a auto-estima como fator de influência sobre o desempenho profissional, mas também não sendo unânime a posição dos teóricos sobre esta temática, passamos a referir três teorias a respeito, respectivamente: - *Self-Consistency Theory*; *Behavioral Plasticity Theory* e *Self-Esteem Contingencies*:

a) a *Self-Consistency Theory* representa a perspectiva mais radical, estabelecendo uma relação directa e elevada entre o nível de auto-estima e o desempenho profissional. Vigorou durante décadas no pensamento da gestão das organizações. Korman (1970), seu principal representante, defendeu, inclusivé, um modelo de funcionamento organizacional baseado na auto-estima enquanto factor de motivação, visto partir da premissa de que os indivíduos com elevada auto-estima estariam muito mais satisfeitos no trabalho e seriam muito mais produtivos;

b) a *Behavioral Plasticity Theory* (Brockner, 1988), contrariamente à *Self-Consistency Theory*, considera que o nível da auto-estima exerce uma influência apenas moderada no desempenho laboral. Basicamente, o nível de auto-estima foi estudado como um moderador dos efeitos dos stressores na satisfação e desempenho laboral;

c) a *Self-Esteem Contingencies* (Crocker e Wolfe, 2001) enfatiza a situação, ou seja, defende que o teor dos efeitos da auto-estima são a resultante de todo um contexto, passando pela natureza do stressor e incluindo o envolvimento do próprio ego - auto-imagem.

1.3. - Estratégias de *Coping*

Partindo do pressuposto assumido por diversos autores de que as estratégias de *coping* estão relacionadas com o stresse, como formas de reacção às situações pelo mesmo provocadas, começamos por definir o próprio conceito de stresse.

1.3.1. - Conceito de Stresse

É comum pensar o stresse como sendo uma classe especial de experiências, porém, provavelmente o stresse não será nada mais ou nada menos do que a experiência de reduzir ou antecipar os esforços de cada um, face aos seus objectivos. Diz-se muitas vezes que o stresse existe quando a pessoa enfrenta situações de adversidade. Portanto, a vivência do stresse parece inexoravelmente associada à prossecução de objectivos e à avaliação psicológica que o sujeito faz das inerentes dificuldades - perigos ou ameaças. Mais basicamente, o stresse ocorre quando uma pessoa percepçiona um impedimento punidor ou impedimento de incapacidade para atingir o objectivo. Do ponto de vista do atingimento de objectivos, estas experiências constituem o extenso e muito geral domínio do comportamento face à adversidade (Carver e Connor-Smith, 2009).

Provavelmente com início no século XV, o conceito de stresse evoluiu, ao longo dos séculos, reportando-se a diferentes situações de tensão, desde as tensões de natureza física, fisiológica e passando para as tensões decorrentes de adversidades. Contudo, o interesse no processo pelo qual as pessoas lidam com o stresse tem crescido exponencialmente nas últimas décadas (Moos, 1986). Porém, a paternidade do conceito é atribuída a Selye (1983), que o delimitou e defininiu como uma resposta inadequada do organismo a um agente qualquer, uma síndrome de adaptação que passa por três fases: -1ª-reacção de alarme; 2ª resistência; 3ª exaustão. Pouco depois, Lazarus e Monat (1985) consideraram três tipos de stresse: -o Stresse Sistémico - inadaptção do organismo, como um todo; -o Stresse Social - relacionado com uma perturbação social e o Stresse Psicológico - pressupondo a interpretação cognitiva conducente à percepção de ameaça. Contudo, de salientar que a situação de stresse apenas existe quando o sujeito a percebe como tal (Lazarus, 1966).

O modelo transaccional do stresse psicológico, apresentado por Lazarus & Folkman (1984) é baseado na dualidade sujeito em interacção com o mundo envolvente. Segundo este autor, nesta dialética, o sujeito interpreta o meio de forma própria e em função dos

imperativos externos - stressores ou fontes de stresse - e em função dos seus recursos internos. A pessoa é confrontada entre a realidade do meio e os seus próprios interesses, o que pode significar uma ameaça ao seu bem-estar e ao alcance dos seus objectivos. Em síntese, este modelo, que se alicerça na relação entre o indivíduo e o ambiente, preconiza uma interacção e interdependência entre as cognições, as emoções e os comportamentos, de que resultam dois processos: -a avaliação e o *coping*.

Segundo Zuckerman (1999), os seres humanos reagem de forma muito diversificada face ao stresse, em função de quatro determinantes fundamentais: -factores biológicos, psicológicos, sociais e de personalidade. Com base nesta identificação, Serra (2005) apresenta uma classificação de personalidades em função da forma de enfrentar o stresse. Assim, serão mais vulneráveis as pessoas: -de neuroticismo elevado, o catastrofizador, o hostil, com baixa autoestima, com fraca inteligência emocional, o procrastinador, a personalidade tipo A e a Personalidade Dependente; por outro lado, serão mais resistentes as pessoas com autoestima elevada, bom sentido de humor e as optimistas.

Serra (2005) considera que o stresse pode ser induzido por vários tipos de agentes stressores, os quais agrupou em classes, respectivamente: -os acontecimentos traumáticos, os acontecimentos significativos ao longo da vida, as situações crónicas de stresse, os micro e macro indutores de stresse, os acontecimentos desejados que não acontecem e os traumas ocorridos nos estádios do desenvolvimento.

O DSM-IV-TR (2006) classifica as perturbações traumáticas em função de acontecimentos extremamente traumáticos: - Perturbação Aguda de Stresse, que se caracteriza por sintomas de ativação aumentada, que ocorrem imediatamente como consequência de um evento extremamente traumático; Perturbação do Stresse Pós-Traumático, com sintomas semelhantes e também com sintomas de evitamento dos estímulos associados com o trauma.

1.3.2. - Conceito de *Coping*

O *coping* é muitas vezes definido como um esforço para prevenir ou diminuir o perigo, o dano e a perda ou para reduzir o distresse associado e pode ser definido como o conjunto e/ou o tipo dos esforços cognitivos e comportamentais que o indivíduo mobiliza para responder a exigências específicas, internas ou externas, por si avaliadas, seja como alteráveis ou então fora dos seus limites de intervenção (Folkman e Lazarus, 1988; Folkman e Moskowitz, 2004).

O indivíduo, quando confrontado com solicitações suscetíveis de ultrapassar as suas capacidades para as enfrentar, faz apelo a mecanismos de ajustamento - as estratégias de *coping*, que são, em parte conscientes, visto que incluem a noção de avaliação de uma situação (Bioy e Fouques, 2008). Nesta linha de pensamento, alguns investigadores preferem circunscrever o conceito de *coping* às respostas voluntárias (Compas et al., 2001); já outros investigadores também incluem as respostas automáticas e involuntárias no constructo de *coping* (Eisenberg et al., 1997; Skinner e Zimmer-Gembeck, 2007).

Segundo Lazarus (2006), o *coping* compreende os mecanismos que o indivíduo utiliza, no sentido de lhe permitir lidar, de forma adequada, ou não, com as situações indutoras de stresse. Defende a existência de um processo com componentes cognitivas que podem contribuir para levar o indivíduo a lidar com o stresse e que o *coping* pode expressar-se através de um modo intrapsíquico que tem como função a regulação interna das emoções e do stresse e o modo de acção direta, cujo papel é lidar com o problema que provoca a emoção, alterando o comportamento manifesto ou o próprio meio.

1.3.2.1. - Modalidades de *Coping*

O *coping* é um processo para executar uma resposta (Carver e Scheier, 1989). O indivíduo apresenta várias formas ou mecanismos de resposta, que têm sido objecto de várias classificações (Carver e Connor-Smith, 2010; Skinner et al., 2003).

Realçamos a classificação apresentada por Folkman e Lazarus (1980), que classifica e descreve as estratégias de *coping* em dois tipos, dependendo da sua função/focalização, respectivamente: -o *coping* focalizado no problema e o *coping* focalizado na emoção. O *coping* focalizado no problema consiste num esforço para agir sobre o elemento stressor, ou seja, sobre a situação, numa tentativa de a alterar; -o *coping* focalizado na emoção consiste num esforço direccionado para regular o estado emocional, tendo por função reduzir a sensação física desagradável - ansiedade, angústia - provocada por situações stressantes.

E ainda reproduzindo o pensamento de Folkman e Lazarus (1980), que descrevem esta dinâmica como um processo interno que inclui uma estruturação cognitiva e uma avaliação primária ou secundária, em que: -a avaliação primária é um processo cognitivo mediante o qual o indivíduo pondera o grau de risco envolvido numa determinada situação stressante; -enquanto que na avaliação secundária, o indivíduo identifica e analisa quais os recursos e as opções de que dispõe para lidar com o problema. Esta distinção na avaliação efectuada pelo sujeito conduz à utilização diferenciada das duas modalidades de *coping*.

Assim, o *coping* focalizado na emoção é mais utilizado em situações avaliadas como inalteráveis (reestruturação cognitiva, aceitação, por exemplo); enquanto que o *coping* focalizado no problema é tendencialmente utilizado em situações avaliadas como modificáveis - planeamento, procura de suporte instrumental, entre outras.

DeLongis e Holtzman (2005) defendem que tal processo avaliativo é considerado adaptado quando o sujeito adota estratégias de *coping* funcionais adequadas às exigências da situação e constitui a própria funcionalidade do *coping*, na medida em que permite a regulação e gestão do(s) stressor(es), a controlabilidade dos acontecimentos, como resultante dos recursos sociais e das características da personalidade da pessoa, incluindo o optimismo, o neuroticismo e a extroversão.

1.3.2.2. - Estratégias de *Coping* / Fatores Pessoais e Situacionais

Dentre as múltiplas questões passíveis de serem colocadas em torno da escolha e mobilização das estratégias de *coping*, tendo em conta o teor do presente trabalho de investigação, foi considerado interessante abordar alguns dos aspectos que se nos afiguraram mais relevantes, designadamente a influência das características pessoais e situacionais.

Segundo Kobasa (1979) um indivíduo com uma personalidade resistente ao stress consegue melhor controlo sobre os acontecimentos, revela um bom funcionamento em várias áreas da sua vida, entende a mudança como um desafio e manifesta menor propensão para a depressão.

Um estudo realizado por Hulim e Lisá (2009), direccionado a 168 gestores, apresentou as seguintes conclusões:

a) - no que concerne às características pessoais: - comparativamente aos homens, as mulheres tendiam a privilegiar a procura de mais suporte social, quando perante um acontecimento stressante e que esta tendência não difere nos gestores comparativamente a outros grupos; -os gestores apresentavam determinadas características, sendo que alguns manifestaram expectativas de as possuir, com destaque para um elevado nível da extroversão;

b) - relativamente à relação entre a avaliação da situação e as estratégias de *coping* utilizadas: -em situações avaliadas como negativas, foram mais utilizadas estratégias de evitação; -em situações tidas como pouco positivas, foi encontrada relação entre a avaliação da situação como ameaça para a saúde e a procura de suporte social; -situações avaliadas como perigos ou situações de mudança não revelaram uma relação significativa;

c) – face ao contexto situacional, os gestores adoptaram diferentes estratégias de *coping*: -em situações que implicassem relacionamentos interpessoais, sobretudo mais próximos - família ou companheiro -, os gestores utilizavam preferencialmente estratégias de evitação; - pelo contrário, nos contextos de trabalho, bem como nos contextos que não exigissem relacionamentos interpessoais próximos, os gestores pareceram apelar mais para a resolução de problemas; e nos casos de saúde, predominou a procura de suporte social;

d) – em termos de relação com as características de personalidade: - na dimensão Introversão/Extroversão, verificou-se uma relação moderada, quer para a procura de suporte social, quer para a resolução de problemas; -uma relação significativa entre Cognição/Emoção, revelando que os gestores que manifestam uma preferência pela cognição não tendem a utilizar a evitação face ao problema, enquanto que os gestores que manifestam tendência mais emocional utilizam a evitação em grau elevado e procuram encontrar uma relação positiva entre a dimensão de Calma/Tensão e procuram suporte social;

e) – considerando as características da personalidade, no que concerne à identificação dos melhores preditores de avaliação orientados para as estratégias de *coping*, os fatores situacionais revelaram-se como os melhores preditores;

f) – face a um problema, as pessoas utilizam toda a espécie de estratégias de *coping*, mas em diferentes proporções, como também afirmam McCrae (1984) e Lazarus (1993).

1.3.2.3. - Estratégias de *Coping* / Género

Hulim e Lisá (2009), no estudo acima referido, sublinham as significativas diferenças de *coping* utilizadas pelos homens e mulheres face a um problema: - os homens tendem a enfrentar o problema ou a evitá-lo, enquanto que as mulheres se concentram mais em exteriorizar as emoções e procurar ajuda.

Corroborando estas conclusões, refira-se uma metanálise realizada por Tamres, Janicki e Helgson (2002), bem como um estudo realizado por Ealton e Bradley (2008), que evidenciaram que as mulheres utilizam uma grande variedade de estratégias comparadas com os homens, sendo que a diferença mais importante foi encontrada na procura de ajuda social para causas emocionais (Amirkhan, 1990); para além disso, as mulheres também tendem para experienciar mais distresse do que os homens (Tytherleigh et al, 2007).

Estas diferenças de *coping* quanto aos géneros são explicadas pela maior vulnerabilidade das mulheres face a acontecimentos stressantes, bem como a sua tendência para avaliar esses acontecimentos como mais stressantes (Ealton, Bradley, 2008).

1.3.2.4. - Estratégias de *Coping* / Personalidade e Situação

Tal como o estudo referido no ponto 2.3, também corroborado por outros estudos (Parkes, 1986; Moos, 1986; Ridder e Kerssens, 2003), concluem que os dois factores no seu conjunto – personalidade e situação - só por si explicam 20-30% da variedade de estratégias de *coping* adoptadas.

Perante as diferenças individuais verificadas, duas questões poderão ser colocadas:

a) a primeira, e talvez a mais óbvia, é a dos estilos ou predisposições que as pessoas eventualmente contenham em si mesmas e que utilizam nas situações stressantes com que se deparam. Segundo este ponto de vista, as pessoas não adoptam estratégias muito diferentes em função de contextos diferentes, mas, pelo contrário, mantêm uma forma própria relativamente fixa no tempo e nas circunstâncias. Porém, a ideia de que este tipo de conjunto de estilos exista é algo controversa. Por exemplo, Folkman e Lazarus (1980, 1985; Folkman et al., 1986) enfatizaram que o *coping* podia ser pensado como um processo dinâmico, que se altera e adapta em sua natureza, de etapa em etapa, em função do contexto da situação em presença (situação essa constituída pelo elemento stressor e pela disposição da pessoa no momento). Esta perspectiva não é de todo estática, mas sim flexível, visto que realça a adaptabilidade das respostas face à mudança das circunstâncias;

b) -a 2ª possibilidade vai mais longe. Especificamente, defende que os caminhos preferidos das estratégias de *coping* face ao stress derivam sobretudo das dimensões tradicionais da personalidade, as quais afetam todo o funcionamento psicológico do indivíduo (McCrae, 1982).

Quer isto dizer que provavelmente certas características da personalidade predispõem para investir em caminhos de *coping* determinados, quando se confrontam com a adversidade. Ora, se a perspectiva a), mais moderada, já se apresenta controversa, por maioria de razão esta posição, mais radical, foi alvo de contestação, pelos investigadores referidos e outros (Byrne, 1961), por exemplo.

Contudo, Carver, Scheier e Weintraub (1989), num estudo direccionado para a medição dos diferentes caminhos que as pessoas seguem para enfrentar o stress, referem que não ficaram certos de que as diferenças individuais não desempenhem um papel na determinação do grau de envolvimento e de influência; e não descaram a possibilidade de relações sistemáticas entre predisposições específicas da personalidade e os modelos, sequências e mudanças que ocorrem durante todo o processo de *coping*.

1.3.2.5. - Estratégias de *Coping* / Efeitos e Terapias

Lazarus e Folkman (1984) defendem que a emoção e o *coping* se interinfluenciam mutuamente.

A adopção de atitudes de evitação nas estratégias de *coping* foram desde há muito apresentadas como um factor de risco potencial para o bem-estar ou adaptação da pessoa nos vários contextos em que se movimenta e insere (Elton e Revenson, 1984; Holahan e Moos, 1986); Bolger, 1990; Aspinwall e Taylor, 1992). Os trabalhadores sociais, por exemplo, que usam mais avaliação nas estratégias de *coping*, exibem mais sintomas de *burnout* e estão seriamente predispostos para deixar os seus trabalhos e mudar de atividade (Kretová-Lisá e Budaiová, 2007).

Por outro lado, outras estratégias de *coping*, tais como várias tendências de aproximação incluindo a procura de apoio social, apresentada em numerosos estudos, parecem contribuir para uma boa adaptação (O'Brien e DeLongis, 1996; DeLongis e Holtzman, 2005; Pierce e Sarason, 1996).

Serra (2005) defende que, a par da importância da rede social de apoio, há processos ou técnicas terapêuticas para apoiar o indivíduo a aprender a lidar com o stresse, em função da situação em presença, desde as técnicas de confronto, à neutralização da ameaça, ignorância selectiva, adiamento do confronto ou evitamento activo do problema. Assim, as estratégias de *coping* podem ser focadas na interação social, distinguindo duas modalidades: - uma delas, quando o stresse é de baixa intensidade e a situação é considerada como controlável. Nesses casos, as estratégias adoptadas removem a fonte de stresse e têm efeitos benéficos no funcionamento psicológico, sendo que os indivíduos que habitualmente as utilizam revelam menor propensão para a depressão; - e a outra, quando a fonte de stresse se revela mais profunda e com escassas probabilidades de resolução. Aí, a tendência dominante será direccionar as estratégias de *coping* para o controlo das emoções, podendo esse controlo ser processado de formas diversas, tal como o controlo perceptivo da situação, mediante técnicas de neutralização da ameaça, ignorância selectiva, adiamento do confronto ou evitamento activo do problema.

Com base nas referências transcritas, poder-se-á considerar que as estratégias de *coping* se caracterizam por: - reações às exigências específicas internas e/ou externas; - esforços fisiológicos e comportamentais utilizados pelo sujeito; - procura de redução do esforço psicológico; - avaliação cognitiva/subjectiva da situação em presença e recursos adaptativos individuais. Infere-se ainda que o indivíduo pode treinar a sua forma de lidar com

o stresse e a adopção de estratégias de *coping* adequadas, por forma a minorar os efeitos negativos, em privilégio de resultados desejáveis, nos vários domínios da sua vida, assim favorecendo a adaptação às situações, promovendo a resolução de problemas, a ultrapassagem de traumas, em suma, contribuindo para o sucesso e o bem-estar.

1.3.3. - Optimismo e *Coping*

Segundo vários autores, o optimismo é importante para lidar com situações altamente stressantes. Carver e Scheier (1994); Carver, Scheier e Fergerstrom (2010) defenderam, citando vários estudos de investigação, que existem correlações positivas entre optimismo e o *coping* centrado na situação stressante, bem como entre optimismo e procura de suporte social e enfatização dos aspectos positivos da situação.

Os optimistas parecem diferenciar-se dos pessimistas nas tendências estáveis de *coping* e nas respostas de *coping* que emergem quando são confrontados com situações stressantes (Solberg Nes e Segerstrom, 2006). As pessoas optimistas diferem das pessoas pessimistas no tipo das estratégias de *coping* que apresentam e nas formas distintas de o indivíduo lhes aceder (Compas, 1987).

Scheier, Carver e Bridges (1994) defendem que os indivíduos optimistas tendem a utilizar estratégias de *coping* mais focadas no problema e na respectiva resolução do que os pessimistas e que, quando o *coping* focado no problema não se configure possível, os optimistas direccionam-se para o *coping* focado na emoção, mais adaptativo, utilizando estratégias como a aceitação, o humor, o reenquadramento positivo (ou reestruturação positiva) da situação. Já os indivíduos pessimistas tendem a lidar com as situações stressantes através da negação e descomprometendo-se dos objectivos com os quais o stressor está a interferir, desistindo com maior facilidade de os alcançar.

1.3.3.1. - Aceitação e Negação

Segundo Scheier e Carver (2001), a aceitação pressupõe o diagnóstico do problema, a percepção da realidade e uma reestruturação que permite identificar e mobilizar os recursos possíveis, no sentido de criar condições para enfrentar a situação e lidar com ela, da forma mais adequada. Ao invés disso, a negação caracteriza-se pela não aceitação do problema, persistindo na manutenção de uma visão do mundo fora da realidade, o que em nada favorece a necessária adaptação. Sublinhe-se, contudo, que aceitação não é equivalente a desistência. E

que há evidências de que a desistência de lutar face à doença pode mesmo conduzir à morte (Geer, Morris, Pettingale e Haybittle, 1990; Reed, Kemeny, Taylor, Wang e Visscher (1994).

Solberg Nes e Segerstrom, citados por Carver, Scheier e Segerstrom (2010) efectuaram uma meta-análise sobre optimismo e *coping*, na qual referem que o optimismo é preditor de um tipo de *coping* mais centrado no problema, com agentes de stress controláveis - por exemplo os relacionados com exigências académicas - e mais focado na emoção, com agentes de stress incontroláveis - por exemplo um trauma. E referem ainda que as estratégias de *coping* são um mecanismo através do qual o optimismo exerce os seus efeitos, podendo mediar o efeito do optimismo sobre situações stressantes.

Indivíduos optimistas e que apresentem estratégias de *coping* adaptativas parecem beneficiar das experiências de stress. Sob o efeito de condições contínuas geradoras de stress, as pessoas optimistas procuram acontecimentos com significações positivas, com o objectivo de aumentar o nível positivo do seu estado afectivo, o que, por seu lado, permite reduzir o stress e, assim, reforçar a capacidade de lidar com situações futuras (Folkman e Moskowitz, 2004).

O papel do pessimismo na utilização de estratégias de *coping* não adaptativas foi apresentado em alguns estudos (Scheier et al, 1986, citados por Chang et al., 1997), bem como a sua relação com a doença psicológica (Mroczek et al., 1993; Peterson, Seligman e Vaillant, 1988, citados por Chang et al., 1997).

Scheier, Carver e Bridges (1994) defendem que o optimismo e o pessimismo podem ser particularmente importantes e desempenham um papel de relevo na resposta aos acontecimentos ameaçadores, nas situações em que há muito pouco controlo pessoal, ou em situações que demoram muito tempo a clarificar-se ou a desenvolver-se.

1.3.4. - Auto-Estima e *Coping*

Mais directa ou mais indirectamente e em maior ou menor grau, a auto-estima tem sido associada a outros constructos. Scheier, Carver e Bridges (1994) defendem que a auto-estima tem muitas vertentes em comum com o optimismo, na medida em que engloba um sentido de auto-conceito, de auto-valor, auto-confiança, estando associada ao desenvolvimento de estratégias que condicionam a relação interpessoal, a aceitação por parte dos outros e o envolvimento nas tarefas, face aos objectivos propostos.

A título de síntese, tendo em conta a interação que nos parece existir entre as três variáveis em apreço, pareceu-nos adequado apresentar neste contexto uma visão holística dos fenómenos psicossociais, que se passa a citar:

-“Os meios estão em constantes mudanças físicas, sociais e psicológicas e as pessoas são dotadas de capacidades de interagir com as suas energias. Possuem, por isso, mecanismos de adaptação e de socialização inatos e adquiridos, que emergem de sua natureza bio-orgânica, neurocerebral, social e psicológica; mecanismos de homeostasia e de regulação cognitiva, mediatizados por processos bioquímicos, fisiológicos, endócrinos e neurológicos, geradores de electricidade e de flexibilidade e preparadores do organismo para as mudanças e as adaptações aos meios e aos ambientes”...“prossequindo, assim, o alcance e as vivências dos seus patamares de auto-realização, alicerçados na satisfação das suas necessidades fisiológicas, no desenvolvimento, na organização e na expansão de uma autoimagem positiva, tanto em relação a si mesmo como em relação aos outros; no desempenho e concretização de seus papéis e funções sociais e profissionais. ...”se por um lado, são as estruturas e os dinamismos bioneurocerebrais de um indivíduo que desenvolvem e activam as sensações e emoções, os afetos e as cognições, por outro lado, as acções e os efeitos das interações das acções não só vitalizam as estruturas biocerebrais do indivíduo, como também organizam e activam nelas novos e diferenciados padrões de activação biocerebral, intercomunicacional e comportamental, não só em relação ao anterior do indivíduo, mas também, e de modo particular, de forma irradiante e difusa, com o exterior, intercâmbios que não só geram mais e melhores capacidades de interiorização e de relacionamentos com os meios, os ambientes e as circunstâncias, mas também, mais e melhor autoestima, segurança pessoal e confiança individual, factores essenciais de evitamento de conflitos, de economia de energias, de qualidade de vida e de saúde psicofísica” (Fernandes, 2006).

Pelo exposto, e em conformidade com as perspectivas apresentadas no presente trabalho reportando-se à multiplicidade de estudos efectuados por vários investigadores, parece poder inferir-se que, entre as três variáveis em apreço (Optimismo, Auto-estima e *Coping*) possa existir um efeito sinérgico. Daí, parecendo também poder inferir-se das significativas vantagens na promoção e desenvolvimento de uma cultura e de uma atitude de optimismo, por forma a proporcionar uma maior eficiência nas respostas às situações stressantes e, consequentemente, maior eficácia no modo de sentir, nos comportamentos e nas acções.

1.4. - Políticos Autarcas

1.4.1. - Políticos Autarcas

Compreender a liderança e a acção dos políticos, as motivações, cognições, ideologias, atitudes e identificar as correlações de vários aspectos diferentes do seu comportamento constitui um centro de elevado interesse, pela importância que tal classe representa na sociedade. Por esse motivo, os investigadores da personalidade dedicaram grande atenção à classe política e exibem um longo historial no estudo das características dos líderes políticos, ao nível idiográfico, tendo-se, desde há muito, debruçado sobre a psicobiografia de figuras políticas destacadas. Por exemplo, estudos sobre: -Hitler (Murray, 1943); -Woodrow Wilson (George & George, 1956); -Mahatma Gandi (Erikson, 1969); -Barack Obama, Hillary Clinton e Ingo Hasselbach (Duncan e Stewart, 2007).

Outros psicólogos da personalidade, direccionados para as motivações e cognições, combinaram estudos de casos com métodos quantitativos, de recolha de dados, à distância, para conseguir maior eficácia e procurar generalizações – Estilos de Liderança (Winter, 1991). De salientar um trabalho de Winter (1987) sobre os perfis de 34 Presidentes Americanos, demonstrando as incongruências entre a visão popular face à história oficial publicada. Outros estudos efetuados por Tetlock (1981) e Suedfeld & Rank (1976), reportando-se à análise dos aspectos cognitivos e complexidade integrativa dos presidentes pré e pós eleições demonstrou que os presidentes bem sucedidos na retórica pré-eleitoral eram mais complicados no pós-eleitoral.

Já no que concerne a outros níveis de cargos políticos, não se encontraram estudos direccionados. Especificamente em relação ao Poder Local, não foram encontrados quaisquer estudos, quer em Portugal, quer noutros países.

Funções dos Políticos Autarcas

As funções dos Políticos Autarcas são diversificadas, pois que estas decorrem, naturalmente, do tipo e dimensão da autarquia e da natureza do cargo ou actividade. Assim, os Presidentes de Câmara, Presidentes de Juntas de Freguesia e Vereadores Municipais exercem sobretudo funções de gestão, embora também funções técnicas; os Tesoureiros, Secretários e Vogais das Juntas de Freguesia exercem funções ao nível da execução; os Deputados Municipais e os Membros das Assembleias de Freguesia apresentam propostas e pareceres,

deliberam sobre as propostas elaboradas e apresentadas pelos Executivos e procedem ao acompanhamento dos respectivos actos de gestão.

Todavia, apesar das diferenças significativas verificadas, todos os Políticos Autarcas têm em comum o desempenho de um serviço público, resultante do compromisso assumido após eleição por sufrágio popular. E, mormente aquele que desempenha funções de gestão, representa o papel de medianeiro entre o Poder Central e a População, pelo que lhe compete auscultar e identificar os seus anseios e necessidades, priorizando-as pelo grau de importância, urgência e exequibilidade e promover, directa ou indirectamente, a resposta adequada.

Perfil dos Políticos Autarcas

A funções diversificadas correspondem, naturalmente, requisitos em conformidade, de exigências acrescidas em função do respectivo posicionamento na linha hierárquica.

Para as funções de topo no universo dos políticos autarcas acima referidas são exigidas prerrogativas várias, desde os conhecimentos e competências técnicas de Planeamento, Organização, Contabilidade, Administrativos, Legislação Autárquica e Legislação Laboral, à Gestão de Recursos Humanos e Financeiros, com especial enfoque na Gestão de Conflitos e na Negociação com todas as instituições, incluindo as forças partidárias, inerentes ao sistema democrático em vigor no país.

Ao Político Autarca compete-lhe, assim, adoptar posturas de dinamização, interesse e respeito pela causa pública, pelo que se considera que o seu perfil deverá conter as seguintes características: - integridade, motivação, auto-confiança, abertura à experiência, criatividade, espírito de iniciativa, dinamismo, perseverança, capacidade de liderança, auto-controle, resistência ao stress, extroversão, capacidade de comunicação e de negociação, entre outras.

1.4.2. - Autarquias

Tal como se referiu na Introdução, as Autarquias são constituídas pelos Municípios e pelas Freguesias.

São Órgãos Autárquicos dos Municípios: - a Câmara Municipal, com o respectivo Executivo, e a Assembleia Municipal, composta pelos Delegados Municipais; são Órgãos Autárquicos das Freguesias: - a Junta de Freguesia, com o respectivo Executivo, e a Assembleia de Freguesia, composta pelos Membros da Assembleia.

A nível nacional, a Organização Administrativa em vigor é composta pelos órgãos autárquicos constantes da Tabela 1, que se segue:

Tabela 1. Órgãos Autárquicos a nível Nacional

Órgãos Autárquicos	Continente	Açores	Madeira	Total
Câmaras Municipais	278	19	11	308
Assembleias Municipais	278	19	11	308
Juntas Freguesia	4.050	155	54	4.259
Assembleias Freguesia	4.050	155	54	4.259
Total	8.656	348	130	9.134

Fonte: (DGAL – PORTAL AUTÁRQUICO).

De salientar, contudo, que este modelo, cuja última revisão data de há mais de meio século, se encontra extraordinariamente desajustado, pois que não acompanhou, adaptando-se, o sem número de alterações demográficas e outras entretanto ocorridas, com repercussões na funcionalidade e nos custos, pelo que, desde há décadas, se tem feito sentir a necessidade premente e urgente de adequar tais estruturas de gestão à situação actual e futura.

Reconheça-se, todavia, que tal inércia - talvez aparente - resulte de um processo deveras complexo, no qual se entrecruzam múltiplas varáveis, com objectivos e pontos de vista dificilmente conciliáveis, pelo que as mudanças têm tardado em se concretizar, estando, porém, desde há 3 anos atrás, implementada uma dinâmica de reestruturação, que aponta para uma redução de cerca de 1/3 do número total de freguesias, a nível nacional.

O número de elementos constituintes dos órgãos autárquicos, conforme consta da Tabela 2, quer em relação aos Municípios, quer em relação às Freguesias, é calculado em função do número de eleitores, sendo que este mesmo indicador determina também o teor das remunerações auferidas pelos Executivos Camarários e Executivos das Juntas de Freguesia, bem como o pagamento das presenças dos Deputados Municipais e Membros das Assembleias de Freguesia nas respectivas sessões.

Tabela 2. N° de Políticos Autarcas a nível Nacional

Órgãos Autárquicos		Autarcas
Desinação	Número	N°
Câmaras Municipais	308	2.078
Assembleias Municipais	308	6.946
Juntas Freguesia	4.259	13.700
Assembleias Freguesia	4.259	34.745
Total	9.134	57.469

Fontes: DGAL – PORTAL AUTÁRQUICO; Base de Dados Central do Recenseamento Eleitoral (MAI, 2011).

1.4.3. - O Município de Lisboa

O município de Lisboa coincide com a própria cidade de Lisboa, ocupando uma área geográfica de 83,84 Km² (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa>), o que representa uma percentagem de 0,0009 %, face aos 92.090 Km² que perfazem a área total de Portugal (<http://www.indexmundi.com/portugal/area.html>); alberga o maior número de habitantes, ou seja, 547.631 (http://www.ine.pt/scripts/flex_provisorios/Main.html), o que traduz uma percentagem de 0,054 % face aos 10.541.870 do país (http://www.ine.pt/scripts/flex_provisorios/Main.html); apresenta a maior densidade populacional, de 6.531,9 habitantes por Km² (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa>), seguida da cidade do Porto, com uma área de 41,66 km² e 237.584 habitantes, a que corresponde uma densidade populacional de 5 702,93 habitantes/km² (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto>).

Para objecto do presente estudo foi seleccionado este município, por se tratar da cidade capital, logo revelando características muito específicas no contexto de todos os 308 municípios do país, para além das citadas no parágrafo anterior, designadamente: - a maior heterogeneidade étnica, cultural, económica; o maior pólo de afluência e de convergência de pessoas e bens, de diversas proveniências, com destaque para a deslocação diária da área metropolitana, mas também de todas as outras zonas e, obviamente também do estrangeiro; a maior oferta cultural, científica, académica, desportiva, de lazer; a proximidade – lado a lado com os centros de decisão governamentais e sedes de outras instituições; uma cidade multiétnica, multicultural, destino e ponto de passagem de muitas gentes e bens de diversas proveniências. Factores de que decorre a importância da Câmara Municipal da capital do país, de cujos Presidentes, em Portugal e Paris, por exemplo, têm provindo Presidentes da República e também, por todos os motivos expostos, as maiores assimetrias e um sem número de necessidades decorrentes da dinâmica que a move, geradoras das maiores tensões e convulsões. Necessidades essas de grande exigência e sempre renovadas, até porque em constante mutação, acompanhando, aliás, o fluir da mutação global.

Conforme consta do Anexo I, à semelhança do país, também o mapa administrativo da cidade de Lisboa se encontra desajustado. Com efeito, Lisboa passou as barreiras da baixa pombalina, crescendo para a periferia, em todas as direcções, gerando novas dinâmicas e novas centralidades. As freguesias revelam enorme assimetria, desde a área geográfica, ao nº de habitantes, aos níveis etários e, consequentemente, às exigências. Em termos de democracia representativa, torna-se um paradoxo – os Presidentes de Junta são, por inerência,

Deputados Municipais, onde cada um tem o seu voto – o mesmo voto, quer represente 40.000 ou apenas 300 cidadãos!

Sob a liderança da Câmara Municipal, Lisboa deu o mote no processo de Reorganização Administrativa, o que conduziu à aprovação do novo modelo autárquico - Anexo II -, de que resultou uma redução significativa do nº de freguesias da cidade, passando de 53 para 24, (Decreto do Presidente da República, nº 160/2012, de 8 de Novembro).

Porém, como o novo modelo apenas surtirá efeitos a partir do próximo acto eleitoral, previsto para Outubro de 2013, o presente estudo ainda se reporta à situação em vigor, o qual é composto por um universo de 54 autarquias - a Câmara Municipal e 53 Juntas de Freguesia - e de 852 autarcas, conforme explicitação mais detalhada nas tabelas 4 e 5, constantes da página 49.

Capítulo 2

Método

2.1. - Objectivos do Estudo e Hipóteses

Objectivos globais

Constituem, assim, objectivos globais do presente estudo verificar em que medida o Optimismo, a Auto-estima e as Estratégias de *Coping* estão ou não associados entre si e em que medida e em que nível estas mesmas prerrogativas, escolhidas porque consideradas adequadas ao perfil dos Políticos Autarcas, possam estar mais presentes nas pessoas que exercem tais funções, face aos Não Políticos.

Objectivos específicos

Face à análise de amostra recolhida sobre a cidade de Lisboa, em termos de políticos autarcas e da população residente, constituíram, assim, objectivos específicos deste estudo: 1. – Apurar de que forma as variáveis Optimismo/Pessimismo e a Auto-estima estão associadas e modelam as Estratégias de *Coping*; 2. - Estabelecidas as correlações, verificar se e e que forma a população dos Políticos Autarcas diverge da população Não Política.

Hipóteses

1ª Hipótese: - É esperado que a níveis mais elevados de Optimismo correspondam níveis mais elevados de Estratégias de *Coping*;

2ª Hipótese: - É esperado que a níveis mais elevados de Auto-estima correspondam níveis mais elevados de Estratégias de *Coping*;

3ª Hipótese: - É esperado que os Políticos Autarcas revelem níveis mais elevados de Optimismo e de Autoestima comparativamente aos Não Políticos;

4ª Hipótese: - É esperado que os Políticos Autarcas revelem níveis mais elevados de Estratégias de *Coping* comparativamente aos Não Políticos.

2.2. - Caraterização da Amostra

2.2.1. Constituição Sociodemográfica

O presente estudo foi baseado numa amostra de conveniência, constituída por 202 indivíduos, sendo 105 (52%) do género masculino e 97 (48%) do género feminino, com idades compreendidas entre os 20 e os 78 anos ($M = 50,49$; $DP = 13,59$).

Considerando o estudo comparativo pretendido, a amostra foi estruturada em dois grupos (A e B): - o grupo A) – Políticos Autarcas da Cidade de Lisboa - contou com 103 participantes e representa 51% do total; e o grupo B) - Não Políticos - população residente na cidade de Lisboa - contou com 99 participantes, representando 49%.

Conforme consta do Questionário Sociodemográfico (Apêndice I), foram recolhidos dados relativamente às seguintes variáveis: - Idade, Género, Etnia, Escolaridade, Estado Civil, Religião, Centros de Interesse, Situação Profissional, Função Profissional. E ainda, especificamente para o Grupo A, foram recolhidos dados sobre as variáveis: - Órgão Autárquico e a Função Autárquica.

Analisando os dados obtidos, conforme consta da Tabela 3, verifica-se que: - em termos de Etnia, a amostra é essencialmente constituída por 195 (96,5%) de indivíduos caucasianos; - no que concerne à Escolaridade dos sujeitos que compõe a amostra, 104 (51,5%) são licenciados, seguindo-se 50 (24,8%) com o ensino secundário; - quanto ao Estado Civil, 141 sujeitos (69,8%) são casados ou vivem em união de facto, seguindo-se 36 (17,3%) pertencentes à categoria de solteiros; - a importância relativa à Religião revela-se diversificada, tendo 53 (26,2%) sujeitos respondido “nenhuma”, seguida da categoria “alguma” com 52 (25,7%); - o Centro de Interesse preferencial foi “Artes e Letras, Ciências, Televisão e Internet” com 105 (52,0%); - quanto à Situação Profissional, 124 (61,4%) são Empregados por Conta de Outrem; relativamente à Função Profissional, 84 (41,6%) são Quadros Superiores. Por último, relativamente aos dados específicos do Grupo A, temos os Órgãos Autárquicos, com predominância das Juntas de freguesia, 47 participantes, representando 23,3% do total da Amostra; e na Função Autárquica é distinguida a função de Presidente, com 30 participantes, representando 14,9 %.

Tabela 3. Caracterização Sociodemográfica da Amostra

		N	%	Mínimo	Máximo	M	DP
Idade				20	78	52	13,59
Género							
	Masculino	105	52,0				
	Feminino	97	48,0				
Etnia							
	Caucasiana	195	96,5				
	Africana	2	1,0				
	Outra	5	2,5				
Escolaridade							
	1º Ciclo Ensino Básico	5	2,5				
	2º Ciclo Ensino Básico	7	3,5				
	3º Ciclo Ensino Básico	13	6,4				
	Ensino Secundário	50	24,8				
	Licenciatura	104	51,5				
	Mestrado	19	9,4				
	Doutoramento	4	1,9				
Estado Civil							
	Solteiro	36	17,8				
	Casado/União Facto	141	69,8				
	Separado/Divorciado	19	9,4				
	Viúvo	6	3,0				
Religião							
	Nenhuma	53	26,2				
	Pouca	37	18,3				
	Alguma	52	25,8				
	Bastante	39	19,3				
	Muita	21	10,4				

Tabela 3. Caracterização Sociodemográfica da Amostra (Continuação)

		N	%	Mínimo	Máximo	M	DP
Centros							
Interesse							
	Artes/Letras/Ciências/Televisão/	105	52,0				
	Internet						
	Desporto	28	13,9				
	Convívio/Passeios/Viagens	54	26,7				
	Social/Voluntariado	15	7,4				
Situação							
Profissional							
	Empregado Conta Própria	21	10,4				
	Empregado Conta Outrem	124	61,4				
	Aposentado	52	25,7				
	Desempregado	5	2,5				
Função							
Profissional							
	Gestor/Chefia	50	24,8				
	Quadro Superior	84	41,6				
	Administrativo	39	19,3				
	Operário Técnico	12	5,9				
	Doméstica	2	1,0				
	Outra	15	7,4				
Órgão							
Autárquico							
	Câmara Municipal	12	5,9				
	Assembleia Municipal	27	13,4				
	Junta Freguesia	47	23,3				
	Assembleia Freguesia	17	8,4				
	Sem Autarquia	99	49,0				
Função							
Autárquica							
	Políticos Autarcas:						
	Presidente	30	14,9				
	Outra	73	36,1				
	Não Políticos	99	49,0				

No que concerne aos Políticos Autarcas, de relembrar que a Amostra recolhida incidiu preferencialmente sobre as funções que resultam dos 1ºs lugares das listas eleitorais, designadamente: - Vereadores da Câmara Municipal, Deputados da Assembleia Municipal e Presidentes das Juntas de Freguesia.

Convém esclarecer que os Presidentes de Junta de Freguesia são também Deputados Municipais, por inerência de funções.

A título comparativo e para melhor clarificação, apresentam-se de seguida os dados correspondentes: -à Situação Real, totalizados, após recolha junto de todas as instituições (Tabela 4) e à Amostra recolhida (Tabela 5).

De salientar que o Presidente da Câmara, por ser o único com tais funções, não foi entrevistado, por motivos de óbvia identificação.

Também boa parte dos Membros das Assembleias de Freguesia não puderam ser contactados, visto que estas apenas reúnem trimestralmente e não se tornou viável, no período de tempo disponível, face ao calendário estipulado para entrega do presente trabalho.

Na Conclusão serão apresentadas sugestões a respeito, para eventuais investigações futuras.

Tabela 4. Órgãos e Funções Autárquicas da Cidade de Lisboa - Situação Real

Câmara Municipal		Assembleia Municipal			Juntas Freguesia		Assembleias Freguesia		Total
Presi- dente	Vereadores	Presidente	Deputados	Deputados - Presidentes Junta	Presidentes	Vogais	Presidentes	Mem- bros	
1	16	1	53	53 ^{*)}	53	174	53 ^{*)}	572	852

^{*)} Acumulam as duas funções, pelo que apenas foram contabilizados uma vez.

Tabela 5. Órgãos e Funções Autárquicas da Cidade de Lisboa – Amostra Obtida

Câmara Municipal		Assembleia Municipal			Juntas Freguesia		Assembleias Freguesia		Total
Presi- dente	Vereadores	Presidente	Deputados	Deputados - Presidentes Junta	Presidentes	Vogais	Presidentes	Mem- bros	
0	12	1	26	28	28	19	1	16	103
0%	75%	100%	49%	53%	53%	11%	2%	0,3%	12%

^{*)} Acumulam as duas funções, pelo que apenas foram contabilizados uma vez.

2.2.2. - Diferenças entre as Variáveis Sociodemográficas

Conforme tabelas 6 a 15, foram efectuadas comparações entre todas as variáveis constantes do Questionário Sociodemográfico, tendo-se verificado: a) – ausência de diferenças estatisticamente significativas entre a Idade e os Géneros; b) - diferenças estatisticamente significativas entre os Géneros relativamente a: - Estado Civil, Religião, Centros de Interesse, Situação Profissional, Função Profissional, Órgão Autárquico e Função Autárquica e ausência de diferenças estatisticamente significativas entre a variável Género e as variáveis Etnia e Escolaridade; c) - diferenças estatisticamente significativas entre as Etnias relativamente ao Estado Civil e à Função Profissional e ausência de diferenças estatisticamente significativas entre a variável Etnia e as variáveis Escolaridade, Religião, Centros de Interesse, Situação Profissional, Órgão Autárquico e Função Autárquica; d) - diferenças estatisticamente significativas entre a Escolaridade relativamente à Função Profissional, ao Órgão Autárquico e à Função Autárquica e ausência de diferenças estatisticamente significativas entre a variável Escolaridade e as variáveis Estado Civil, Religião, Centros de Interesse e Situação Profissional; e) - diferenças estatisticamente significativas entre o Estado Civil relativamente aos Centros de Interesse e ausência de diferenças significativas entre a variável Estado Civil e as variáveis Religião, Situação Profissional, Função Profissional, Órgão Autárquico e Função Autárquica; f) - ausência de diferenças estatisticamente significativas entre a variável Religião e as variáveis Centros de Interesse, Situação Profissional, Função Profissional, Órgão Autárquico e Função Autárquica; g) - diferenças estatisticamente significativas entre os Centros de Interesse relativamente à Função Autárquica e ausência de diferenças estatisticamente significativas entre a variável Centros de Interesse e as variáveis Situação Profissional, Função Profissional e Órgão Autárquico; h) - diferenças estatisticamente significativas entre a Situação Profissional relativamente à Função Profissional e ausência de diferenças estatisticamente significativas entre a variável Situação Profissional e as variáveis Órgão Autárquico e Função Autárquica; i) - diferenças estatisticamente significativas entre a Função profissional relativamente ao Órgão Autárquico e à Função Autárquica; j) - diferenças estatisticamente significativas entre os Órgãos Autárquicos relativamente à Função Autárquica.

De sublinhar os Centros de Interesse manifestados, tendo-se verificado que os Políticos Autarcas revelaram mais interesse pelas Artes, Letras, Ciências, Televisão, Internet, Desporto e Social/Voluntariado do que os Não Políticos, enquanto que os Não Políticos manifestaram mais interesse pelo Convívio, Passeios e Viagens.

Conforme se pode observar na tabela 6, quando comparada a Idade entre os Géneros, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas $t(200) = 0,554$ $p = 0,580$.

Tabela 6. Diferenças entre as Variáveis Sociodemográficas Idade e Género

	Género				<i>t</i>	<i>p</i>
	Masculino		Feminino			
	(N =105)		(N = 97)			
	N	%	N	%		
Idade	105	52,0	97	48,0	0,554	0,580

Conforme se pode verificar na tabela 7, o teste do Qui-quadrado revela diferenças estatisticamente significativas entre os Géneros relativamente a: - Estado Civil ($\chi^2 = 13,283$; $p = 0,004$); Religião ($\chi^2 = 14,820$; $p = 0,005$); Centros de Interesse ($\chi^2 = 23,165$; $p = 0,000$); Situação Profissional ($\chi^2 = 8,311$; $p = 0,040$); Função Profissional ($\chi^2 = 15,421$; $p = 0,009$); Órgão Autárquico ($\chi^2 = 18,398$; $p = 0,001$); e Função Autárquica ($\chi^2 = 14,429$; $p = 0,001$). Entre a variável Género e as variáveis Etnia e Escolaridade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 7. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função do Género

	Género				X ²	p
	Masculino		Feminino			
	(N =105)		(N = 97)			
	N	%	N	%		
Etnia					0,299	0,861
Caucasiana	102	50,5	93	46,0		
Africana	1	0,5	1	0,5		
Outra	2	1,0	3	1,5		
Escolaridade					2,248	0,896
1º Ciclo Ensino Básico	3	1,5	2	1,0		
2º Ciclo Ensino Básico	4	2,0	3	1,5		
3º Ciclo Ensino Básico	8	4,0	5	2,5		
Ensino Secundário	27	13,4	23	11,4		
Licenciatura	50	24,8	54	26,7		
Mestrado	10	5,0	9	4,5		
Doutoramento	3	1,5	1	0,5		
Estado Civil					13,283	0,004
Solteiro	17	8,4	19	9,4		
Casado/União Facto	83	41,1	58	28,7		
Separado/Divorciado	4	2,0	15	7,4		
Viúvo	1	0,5	5	2,5		
Religião					14,820	0,005
Nenhuma	34	16,8	19	9,4		
Pouca	25	12,4	12	5,9		
Alguma	20	9,9	32	15,8		
Bastante	14	6,9	25	12,4		
Muita	12	5,9	9	4,5		

Tabela 7. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função do Género (Continuação)

	Género				X ²	p
	Masculino (N =105)		Feminino (N = 97)			
	N	%	N	%		
Centros Interesse					23,165	0,000
Artes/Letras/Ciências/ Televisão/Internet	58	28,7	47	23,3		
Desporto	24	11,9	4	2,0		
Convívio/Passeios/Viagens	19	9,4	35	17,3		
Social/Voluntariado	4	2,0	11	5,4		
Situação Profissional					8,311	0,040
Empregado Conta Própria	17	8,4	4	2,0		
Empregado Conta Outrem	59	29,2	65	32,2		
Aposentado	27	13,4	25	12,4		
Desempregado	2	1,0	3	1,5		
Função Profissional					15,421	0,009
Gestor/Chefia	35	17,3	15	7,4		
Quadro Superior	37	18,3	47	23,3		
Técnico Administrativo	16	7,9	23	11,4		
Operário Técnico	6	3,0	6	3,0		
Doméstica	0	0,0	2	1,0		
Outra	11	5,4	4	2,0		
Órgão Autárquico					18,398	0,001
Câmara Municipal	11	5,4	1	0,5		
Assembleia Municipal	17	8,4	10	5,0		
Junta Freguesia	28	13,9	19	9,4		
Assembleia Freguesia	11	5,4	6	3,0		
Sem Autarquia	38	18,8	61	30,2		
Função Autárquica					14,429	0,001
Políticos Autarcas:						
Presidente	19	9,4	11	5,4		
Outra	48	23,8	25	12,4		
Não Políticos	38	18,8	61	30,2		

Como se pode verificar na tabela 8, o teste do Qui-quadrado revela diferenças estatisticamente significativas entre as Etnias relativamente ao Estado Civil ($\chi^2 = 14,053$; $p = 0,029$) e à Função Profissional ($\chi^2 = 57,038$; $p = 0,000$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a variável Etnia e as variáveis Escolaridade, Religião, Centros de Interesse, Situação Profissional, Órgão Autárquico e Função Autárquica.

Tabela 8. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função da Etnia

	Etnia						X ²	p
	Caucasiana		Africana		Outra			
	(N =195)		(N = 2)		(N = 5)			
	N	%	N	%	N	%		
Escolaridade							11,194	0,512
1º Ciclo Ensino Básico	5	2,5	0	0,0	0	0,0		
2º Ciclo Ensino Básico	7	3,5	0	0,0	0	0,0		
3º Ciclo Ensino. Básico	12	5,9	1	0,5	0	0,0		
Ensino Secundário	49	24,3	1	0,5	0	0,0		
Licenciatura	100	49,5	0	0,0	4	2,0		
Mestrado	18	8,9	0	0,0	1	0,5		
Doutoramento	4	2,0	0	0,0	0	0,0		
Estado Civil							14,053	0,029
Solteiro	32	15,8	1	0,5	3	1,5		
Casado/União Facto	139	68,8	1	0,5	1	0,5		
Separado/Divorciado	19	9,4	0	0,0	0	0,0		
Viúvo	5	2,5	0	0,0	1	0,5		
Religião							6,819	0,556
Nenhuma	51	25,2	0	0,0	2	1,0		
Pouca	36	17,8	1	0,5	0	0,0		
Alguma	51	25,2	1	0,5	0	0,0		
Bastante	37	18,3	0	0,0	2	1,0		
Muita	20	9,9	0	0,0	1	0,5		
Centros Interesse							5,402	0,493
Artes/Letras/Ciências/ Televisão/Internet	102	50,5	0	0,0	3	1,5		
Desporto	27	13,4	1	0,5	0	0,0		
Convívio/Passeios/Viagens	52	25,7	1	0,5	1	0,5		
Social/Voluntariado	14	6,9	0	0,0	1	0,5		

Tabela 8. Diferenças entre variáveis Sociodemograficas em função da Etnia (Continuação)

	Etnia						X ²	p
	Caucasiana (N =195)		Africana (N = 2)		Outra (N = 5)			
	N	%	N	%	N	%		
Situação Profissional							8,501	0,204
Empregado Conta Própria	20	9,9	0	0,0	1	0,5		
Empregado Conta Outrem	120	59,4	2	1,0	2	1,0		
Aposentado	51	25,2	0	0,0	1	0,5		
Desempregado	4	2,0	0	0,0	1	0,5		
Função Profissional							57,038	0,000
Gestor/Chefia	50	24,8	0	0,0	0	0,0		
Quadro Superior	80	39,6	0	0,0	4	2,0		
Técnico Administrativo	38	18,8	1	0,5	0	0,0		
Operário Técnico	12	5,9	0	0,0	0	0,0		
Doméstica	1	0,5	1	0,5	0	0,0		
Outra	14	6,9	0	0,0	1	0,5		
Órgão Autárquico							9,750	0,283
Câmara Municipal	12	5,9	0	0,0	0	0,0		
Assembleia Municipal	25	12,4	0	0,0	2	1,0		
Junta Freguesia	47	23,3	0	0,0	0	0,0		
Assembleia Freguesia	16	7,9	1	0,5	0	0,0		
Sem Autarquia	95	47,0	1	0,5	3	1,5		
Função Autárquica							1,334	0,856
Políticos Autarcas:								
Presidente	30	14,9	0	0,0	0	0,0		
Outra	70	34,7	1	0,5	2	1,0		
Não Políticos	95	47,0	1	0,5	3	1,5		

Conforme pode observar-se na tabela 9, o teste do Qui-quadrado revela diferenças estatisticamente significativas entre a Escolaridade relativamente à Função Profissional ($\chi^2 = 169,993$; $p = 0,000$), ao Órgão Autárquico ($\chi^2 = 53,858$; $p = 0,000$) e à Função Autárquica ($\chi^2 = 30,529$; $p = 0,002$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a variável Escolaridade e as variáveis Estado Civil, Religião, Centros de Interesse e Situação Profissional.

Tabela 9. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função da Escolaridade

	Escolaridade														X²	P
	1º Ciclo		2º Ciclo		3ºCiclo		Ensino Secundário		Licenciatura		Mestrado		Doutora- mento			
	Ensino Básico		Ensino Básico		Ensino Básico		Ensino Secundário		Licenciatura		Mestrado		Doutora- mento			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
Estado Civil																
Solteiro	0	0,0	0	0,0	2	1,0	10	5,0	20	9,9	4	2,0	0	0,0	28,117	0,255
Casado/União facto	4	2,0	7	3,5	10	5,0	34	16,8	71	35,1	12	5,9	3	1,5		
Separado/Divorciado	0	0,0	0	0,0	1	0,5	3	1,5	11	5,4	3	1,5	1	0,5		
Viúvo	1	0,5	0	0,0	0	0,0	3	1,5	2	1,0	0	0,0	0	0,0		
Religião															23,716	0,165
Nenhuma	1	0,5	1	0,5	4	2,0	9	4,5	29	14,4	7	3,5	2	1,0		
Pouca	0	0,0	1	0,5	0	0,0	10	5,0	19	9,4	6	3,0	1	0,5		
Alguma	2	1,0	2	1,0	5	2,5	18	8,9	24	11,9	0	0,0	1	0,5		
Bastante	0	0,0	2	1,0	3	1,5	6	3,0	23	11,4	5	2,5	0	0,0		
Muita	2	1,0	1	0,5	1	0,5	7	3,5	9	4,5	1	0,5	0	0,0		
Centros Interesse																
Artes/Letras/Ciências/TV/NET	1	0,5	3	1,5	4	2,0	20	9,9	65	32,2	9	4,5	3	1,5	18,142	0,446
Desporto	0	0,0	2	1,0	3	1,5	9	4,5	12	5,9	1	0,5	1	0,5		
Convívio	4	2,0	2	1,0	5	2,5	16	7,9	20	9,9	7	3,5	0	0,0		
Social	0	0,0	0	0,0	1	0,5	5	2,5	7	3,5	2	1,0	0	0,0		
Situação Profissional																
Empregado Conta Própria	1	0,5	0	0,0	0	0,0	3	1,5	13	6,4	4	2,0	0	0,0		
Empregado Conta. Outrém	2	1,0	5	2,5	9	4,5	29	14,4	66	32,7	11	5,4	2	1,0		
Aposentado	1	0,5	2	1,0	4	2,0	17	8,4	22	10,9	4	2,0	2	1,0		
Desempregado	1	0,5	0	0,0	0	0,0	1	0,5	3	1,5	0	0,0	0	0,0		

Tabela 9. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função da Escolaridade (Continuação)

	Escolaridade														X ²	p
	1º Ciclo		2º Ciclo		3º Ciclo		Ensino Secundário		Licenciatura		Mestrado		Doutoramento			
	Ensino	Básico	Ensino	Básico	Ensino	Básico	Ensino	Secundário								
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
Função Profissional															169,993	0,000
Gestor/Chefia	0	0,0	1	0,5	2	1,0	11	5,4	25	12,4	10	5,0	1	0,5		
Quadro Superior	0	0,0	0	0,0	1	0,5	3	1,5	68	33,7	9	4,5	3	1,5		
Administrativo	0	0,0	1	0,5	7	3,5	24	11,9	7	3,5	0	0,0	0	0,0		
Operário	3	1,5	2	1,0	2	1,0	4	2,0	1	0,5	0	0,0	0	0,0		
Doméstica	1	0,5	0	0,0	0	0,0	1	0,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0		
Outra	1	0,5	3	1,5	1	0,5	7	3,5	3	1,5	0	0,0	0	0,0		
Órgão Autárquico															53,858	0,000
Câmara	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	7	3,5	3	1,5	2	1,0		
Assembleia Municipal	0	0,0	0	0,0	1	0,5	1	0,5	19	9,4	5	2,5	1	0,5		
Junta Freguesia	0	0,0	3	1,5	4	2,0	13	6,4	19	9,4	7	3,5	1	0,5		
Assembleia Freguesia	0	0,0	0	0,0	2	1,0	7	3,5	6	3,0	2	1,0	0	0,0		
Sem Autarquia	5	2,5	4	2,0	6	3,0	29	14,4	53	26,2	2	1,0	0	0,0		
Função Autárquica															30,529	0,002
Políticos Autarcas:																
Presidente	0	0,0	0	0,0	2	1,0	10	5,0	10	5,0	7	3,5	1	0,5		
Outra	0	0,0	3	1,5	5	2,5	11	5,4	41	20,3	10	5,0	3	1,5		
Não Políticos	5	2,5	4	2,0	6	3,0	29	14,4	53	26,2	2	1,0	0	0,0		

Conforme pode ser observado na tabela 10, o teste do Qui-quadrado, revela diferenças estatisticamente significativas entre o Estado Civil relativamente aos Centros de Interesse ($\chi^2 = 17,511$; $p = 0,041$). Não foram encontradas diferenças significativas entre a variável Estado Civil e as variáveis Religião, Situação Profissional, Função Profissional e Órgão Autárquico.

Tabela 10. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função do Estado Civil

	Estado Civil								X ²	p
	Solteiro		Casado/ União Facto		Separado/ Divorciado		Viúvo			
	N	%	N	%	N	%	N	%		
Religião									18,354	0,105
Nenhuma	14	6,9	34	16,8	4	2,0	1	0,5		
Pouca	3	1,5	28	13,9	5	2,5	1	0,5		
Alguma	11	5,4	36	17,8	4	2,0	1	0,5		
Bastante	5	2,5	29	14,4	5	2,5	0	0,0		
Muita	3	1,5	14	6,9	1	0,5	3	1,5		
Centros Interesse									17,511	0,041
Artes/Letras/Ciências/ Televisão/Internet	14	6,9	76	37,6	13	6,4	2	1,0		
Desporto	4	2,0	24	11,9	0	0,0	0	0,0		
Convívio/Passeios/Viagens	14	6,9	34	16,8	4	2,0	2	1,0		
Social/Voluntariado	4	2,0	7	3,5	2	1,0	2	1,0		
Situação Profissional									7,660	0,569
Empregado Conta Própria	4	2,0	16	7,9	1	0,5	0	0,0		
Empregado Conta Outrem	25	12,4	83	41,4	13	6,4	3	1,5		
Aposentado	5	2,5	39	19,3	5	2,5	3	1,5		
Desempregado	2	1,0	3	1,5	0	0,0	0	0,0		

Tabela 10. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função do Estado Civil (Continuação)

	Estado Civil								X ²	p
	Solteiro		Casado/ União Fato		Separado/ Divorciado		Viúvo			
	N	%	N	%	N	%	N	%		
Função Profissional									20,607	0,150
Gestor/Chefia	3	1,5	43	21,3	3	1,5	1	0,5		
Quadro Superior	17	8,4	55	27,2	11	5,4	1	0,5		
Técnico Administrativo	9	4,5	23	11,4	5	2,5	2	1,0		
Operário Técnico	1	0,5	19	5,0	0	0,0	1	0,5		
Doméstica	1	0,5	1	0,5	0	0,0	0	0,0		
Outra	5	2,5	9	4,5	0	0,0	1	0,5		
Órgão Autárquico									9,370	0,671
Câmara Municipal	1	0,5	10	5,0	1	0,5	0	0,0		
Assembleia Municipal	5	2,5	19	9,4	3	1,5	0	0,0		
Junta Freguesia	6	3,0	35	17,3	4	2,0	2	1,0		
Assembleia Freguesia	3	1,5	10	5,0	4	2,0	0	0,0		
Sem Autarquia	21	10,4	67	33,2	7	3,5	4	2,0		
Função Autárquica									6,927	0,328
Políticos Autarcas:										
Presidente	2	1,0	25	12,4	2	1,0	1	0,5		
Outra	13	6,4	49	24,3	10	5,0	1	0,5		
Não Políticos	21	10,4	67	33,2	7	3,5	4	2,0		

O teste do Qui-quadrado, conforme pode ser observado na tabela 11, revela que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a variável Religião e as variáveis Centros de Interesse, Situação Profissional, Função Profissional, Órgão Autárquico e Função Autárquica.

Tabela 11. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função da Religião

	Religião										X ²	p
	Nenhuma		Pouca		Alguma		Bastante		Muita			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
Centros Interesse											17,364	0,136
Artes/Letras/Ciências/												
Televisão/Internet	29	14,4	20	9,9	27	13,4	22	10,9	7	3,5		
Desporto	9	4,5	7	3,5	7	3,5	4	2,0	1	0,5		
Convívio/Passeios/												
Viagens	13	6,4	10	5,0	14	6,9	9	4,5	8	4,0		
Social/Voluntariado	2	1,0	0	0,0	4	2,0	4	2,0	5	2,5		
Situação Profissional											9,274	0,679
Empregado Conta												
Própria	8	4,0	5	2,5	2	1,0	2	1,0	4	2,0		
Empregado Conta												
Outrem	32	15,8	22	10,9	33	16,9	27	13,4	10	5,0		
Aposentado	12	5,9	9	4,5	15	7,4	9	4,5	7	3,5		
Desempregado	1	0,5	1	0,5	2	1,0	1	0,5	0	0,0		

Tabela 11. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função da Religião (Continuação)

	Religião										X ²	p	
	Nenhuma		Pouca		Alguma		Bastante		Muita				
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
Função Profissional												15,494	0,747
Gestor/Chefia	13	6,4	11	5,4	10	5,0	11	5,4	5	2,5			
Quadro Superior	24	11,9	16	7,9	18	8,9	19	9,4	7	3,5			
Técnico Administrativo	8	4,0	5	2,5	14	6,9	8	4,0	4	2,0			
Operário Técnico	3	1,5	2	1,0	4	2,0	0	0,0	3	1,5			
Doméstica	0	0,0	1	0,5	1	0,5	0	0,0	0	0,0			
Outra	5	2,5	2	1,0	5	2,5	1	0,5	2	1,0			
Órgão Autárquico												18,571	0,292
Câmara Municipal	5	2,5	4	2,0	1	0,5	1	0,5	1	0,5			
Assembleia Municipal	9	4,5	7	3,5	2	1,0	7	3,5	2	1,0			
Junta Freguesia	8	4,0	7	3,5	16	7,9	11	5,4	5	2,5			
Assembleia Freguesia	6	3,0	3	1,5	6	3,0	2	1,0	0	0,0			
Sem Autarquia	25	12,4	16	7,9	27	13,4	18	8,9	13	6,4			
Função Autárquica												6,361	0,607
Políticos Autarcas:													
Presidente	5	2,5	5	2,5	9	4,5	7	3,5	4	2,0			
Outra	23	11,4	16	7,9	16	7,9	14	6,9	4	2,0			
Não Políticos	25	12,4	16	7,9	27	13,4	18	8,9	13	6,4			

Conforme pode ser observado na Tabela 12, o teste do Qui-quadrado revela diferenças estatisticamente significativas entre os Centros de Interesse relativamente à Função Autárquica ($\chi^2 = 13,930$; $p = 0,030$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a variável Centros de Interesse e as variáveis Situação Profissional, Função Profissional e Órgão Autárquico.

Tabela 12. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função dos Centros de Interesse

	Centros de Interesse								X ²	p
	Artes/Letras/ Ciências/Tele visão/Internet		Desporto		Convívio/ Passeios/ Viagens		Social/ Voluntariado			
	N	%	N	%	N	%	N	%		
Situação Profissional									13,773	0,131
Empregado Conta Própria	16	7,9	0	0,0	4	2,0	1	0,5		
Empregado Conta Outrem	61	30,2	22	10,9	35	17,3	6	3,0		
Aposentado	26	12,9	6	3,0	13	6,4	7	3,5		
Desempregado	2	1,0	0	0,0	2	1,0	1	0,5		
Função Profissional									20,873	0,141
Gestor/Chefia	31	15,3	4	2,0	8	4,0	7	3,5		
Quadro Superior	46	22,8	12	5,9	21	10,4	5	2,5		
Técnico Administrativo	17	8,4	8	4,0	12	5,9	2	1,0		
Operário Técnico	4	2,0	1	0,5	6	3,0	1	0,5		
Doméstica	0	0,0	0	0,0	2	1,0	0	0,0		
Outra	7	3,5	3	1,5	5	2,5	0	0,0		
Órgão Autárquico									19,909	0,069
Câmara Municipal	7	3,5	4	2,0	0	0,0	1	0,5		
Assembleia Municipal	14	6,9	3	1,5	8	4,0	2	1,0		
Junta Freguesia	26	12,9	6	3,0	8	4,0	2	1,0		
Assembleia Freguesia	11	5,4	3	1,5	2	1,0	1	0,5		
Sem Autarquia	47	23,3	12	5,9	36	17,8	4	2,0		
Função Autárquica									13,930	0,030
Políticos Autarcas:										
Presidente	18	8,9	2	1,0	6	3,0	4	2,0		
Outra	40	19,8	14	6,9	12	5,9	7	3,5		
Não Políticos	47	23,3	12	5,9	36	17,8	4	2,0		

Conforme pode ser observado na tabela 13, o teste do Qui-quadrado revela diferenças estatisticamente significativas entre a Situação Profissional relativamente à Função Profissional ($\chi^2 = 51,478$; $p = 0,000$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a variável Situação Profissional e as variáveis Órgão Autárquico e Função Autárquica.

Tabela 13. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função da Situação Profissional

	Situação Profissional								X ²	P
	Emp. Conta Própria		Emp. Conta Outrem		Aposentado		Desempregado			
	N	%	N	%	N	%	N	%		
Função Profissional									51,478	0,000
Gestor/Chefia	13	6,4	22	10,9	14	6,9	1	0,5		
Quadro Superior	7	3,5	56	27,7	20	9,9	1	0,5		
Técnico Administrativo	0	0,0	30	14,9	9	4,5	0	0,0		
Operário Técnico	0	0,0	8	4,0	4	2,0	0	0,0		
Doméstica	0	0,0	1	0,5	0	0,0	1	0,5		
Outra	1	0,5	7	3,5	5	2,5	2	1,0		
Órgão Autárquico									14,219	0,287
Câmara Municipal	1	0,5	9	4,5	2	1,0	0	0,0		
Assembleia Municipal	6	3,0	14	6,9	7	3,5	0	0,0		
Junta Freguesia	6	3,0	23	11,4	17	8,4	1	0,5		
Assembleia Freguesia	2	1,0	10	5,0	5	2,5	0	0,0		
Sem Autarquia	6	3,0	68	33,7	21	10,4	4	2,0		
Função Autárquica									11,350	0,078
Políticos Autarcas:										
Presidente	5	2,5	13	6,4	11	5,4	1	0,5		
Outra	10	5,0	43	21,3	20	9,9	0	0,0		
Não Políticos	6	3,0	68	33,7	21	10,4	4	2,0		

Conforme pode ser observado na tabela 14, o teste do Qui-quadrado revela diferenças estatisticamente significativas entre a Função profissional relativamente ao Órgão Autárquico ($\chi^2 = 88,443$; $p = 0,000$) e à Função Autárquica ($\chi^2 = 106,415$; $p = 0,000$).

Tabela 14. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em função da Função Profissional

	Função Profissional												X ²	p
	Gestor/ Chefia		Quadro Superior		Técnico Admi- nistrativo		Operário Técnico		Domés- tica		Outra			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
Órgão Autár- quico													88,443	0,000
Câmara	7	3,5	5	2,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0		
Ass. Mun.	5	2,5	19	9,4	3	1,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0		
Junta Freg	30	14,9	6	3,0	9	4,5	1	0,5	0	0,0	1	0,5		
Ass. Freg.	3	1,5	7	3,5	5	2,5	1	0,5	0	0,0	1	0,5		
Sem Autarquia	5	2,5	47	23,3	22	10,9	10	5,0	2	1,0	13	6,4		
Função Autár- quica													106,415	0,000
Políticos Autarcas:														
Presidente	28	13,9	1	0,5	1	0,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0		
Outra	17	8,4	36	17,8	16	7,9	2	1,0	0	0,0	2	1,0		
Não Políticos	5	2,5	47	23,3	22	10,9	10	5,0	2	1,0	13	6,4		

*) Câmara = Câmara Municipal; Ass. Mun. = Assembleia Municipal; Junta Freg. = Junta Freguesia; Ass. Freg. = Assembleia Freguesia.

Conforme pode ser observado na tabela 15, o teste do Qui-quadrado revela diferenças estatisticamente significativas entre os Órgãos Autárquicos relativamente à Função Autárquica ($\chi^2 = 278,373$; $p = 0,000$).

Tabela 15. Diferenças entre variáveis Sociodemográficas em Função do Órgão Autárquico

Função Autárquica	Órgão Autárquico										X ²	p
	Sem Autarquia		Câmara Municipal		Assembleia Municipal		Junta Freguesia		Assembleia Freguesia			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
Políticos Autarcas:											278,373	0,000
Presidente	0	0,0	0	0,0	1	0,5	28	13,9	1	0,5		
Outros	0	0,0	12	5,9	26	12,9	19	9,4	16	7,9		
Não Políticos	99	49,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0		

2.3. - Descrição dos Instrumentos

Em conformidade com o Protocolo celebrado com o Orientador, à amostra foi aplicado um Questionário Sociodemográfico e uma bateria de testes psicométricos, compostos por três Escalas, respectivamente: - a Escala *LOT-R - Life Orientation Test – Revised* -, para avaliar o Optimismo/Pessimismo; a Escala *RSES - Rosenberg's Self-Esteem Scale* -, para avaliar a Auto-estima; e o *CRI - Coping Responses Inventory*, para avaliar as Estratégias de *Coping* (Apêndice I).

Questionário de Características Sociodemográficas

Para a recolha das características sociodemográficas da população em estudo, foi concebido um questionário, constituído por duas partes: - a 1ª parte – comum -, destinada aos dois grupos em estudo – o grupo A e o grupo B -, e composta pelas variáveis: Idade, Género, Etnia, Escolaridade, Estado Civil, Religião, Centros de Interesse, Situação Profissional e Função Profissional; a 2ª parte, apenas destinada ao grupo A – Autarcas - e constituída pelas variáveis Órgãos Autárquicos e Funções Autárquicas.

Escala LOT-R - Life Orientation Test – Revised

O Optimismo/pessimismo foi analisado através da escala *LOT-R – Life Orientation Test – Revised* (Scheier, Craver e Bridges, 1994). No presente estudo foi utilizada uma versão espanhola, disponibilizada por Perczek, Carver, Price e Pozo-Kaderman (2000) e posteriormente traduzida para português. A escala é composta por nove itens, seis dos quais indicadores de optimismo e três vão numa direcção negativa. Os itens 3, 6 e 8 são invertidos e três itens (2, 5, 7) são itens distractores, não sendo cotados. O formato de resposta apresenta-se numa escala de Likert, com 5 hipóteses de resposta, desde: -“1” Discordo fortemente, “2” - Discordo um pouco, “3” - Nem concordo nem discordo, “4” - Concordo um pouco, “5” - Concordo fortemente. A nota mínima é de 0 e a máxima é de 24.

Segundo Scheier, Craver & Bridges (1994), o estudo da consistência interna da escala LOT-R mostrou valores de *Alpha de Cronbach* de 0.78, indicando uma fidelidade aceitável.

O valor de consistência interna encontrado no presente estudo foi de 0,61, revelando uma consistência interna aceitável.

Escala RSE - Rosenberg's Self-Esteem Scale

A Auto-estima foi analisada através da RSE - *Rosenberg's Self-Esteem Scale* (Rosenberg, 1989). Esta escala é constituída por dez itens, reportando-se aos sentimentos

de respeito e aceitação de si mesmo. Cinco dos itens estão enunciados positivamente e os outros cinco negativamente. Trata-se de uma escala de Likert, com 4 hipóteses de resposta, desde: - “1” - Concordo Muito, “2” - Concordo, “3” - Discordo e “4” - Discordo Muito. Uma vez efectuadas as inversões devidas, a média dos 10 itens dá a cotação da pontuação total da escala, que varia entre 10 e 40.

A escala RSE na sua aferição inicial em Portugal foi aplicada a adolescentes, tendo sido posteriormente aplicada a jovens adultos (seco, 1991, cit. por Santos e Maia, 1999) e adultos (Simoes e Lima, 1992, cit. por Santos e Maia, 1999).

Relativamente às características psicométricas da RSE, são vários os estudos que evidenciam níveis de consistência interna elevados, situando-se na maioria dos casos acima dos 0,80 (cf. Santos e Maia, 1999). Em estudos realizados com população adulta foram encontrados valores de alfa desde 0,77, sendo considerados aceitáveis (Faria e Silva, 2000, in Azevedo e Faria, 2004) e valores até 0,86 demonstrando uma elevada consistência interna (Lima, 2002).

O valor de consistência interna encontrado no presente estudo foi de 0,82, revelando uma elevada consistência interna.

Escala CRI - Coping Responses Inventory

A avaliação das Estratégias de *Coping* foi analisada através do *CRI – Coping Response Inventory*, da autoria de Moos (1992). É uma medida de auto-avaliação, constituída por duas partes: - Na 1ª parte, o participante é convidado a reportar-se a um problema maior ou a uma situação de stresse que tenha vivenciado nos últimos doze meses, sendo a apreciação efectuada por dez itens; - na 2ª parte, o participante fornece dados avaliativos sobre o problema ou situação que indicou. Esta apreciação é efectuada através de quarenta e oito itens, organizados por oito Estratégias de *Coping*, os quais, por sua vez, são organizados segundo duas visões complementares e que contemplam as duas principais abordagens teóricas em voga, respectivamente: a) - a abordagem do ponto de vista da focagem das respostas - ou no problema ou na emoção; -b) - a abordagem do ponto de vista do método de estruturação subjacente à elaboração das respostas - cognitivo ou comportamental.

Com efeito, as teorias contemporâneas enfatizam os aspectos multidimensionais dos processos de avaliação e *coping*. Resumidamente, os investigadores utilizaram duas maneiras de classificar as respostas: a) – uma corrente, que enfatiza a focalização do *coping* - ou para o problema, ou para a emoção; b) – outra corrente, que enfatiza o próprio método de *coping* -

cognitivo ou comportamental (Moos, 1981, 1984; Folkman e Lazarus, 1985; Lazarus e Folkman, 1984).

a) – Do ponto de vista do enfoque no problema ou na emoção, o CRI considera dois grupos de respostas, reflectindo: - o *Coping* de Aproximação - Análise Lógica, Reavaliação Positiva, Procura de Aconselhamento/Suporte e Resolução de Problemas; e o *Coping* de Evitamento - Evitamento Cognitivo, Aceitação/Resignação, Procura de Recompensas Alternativas e Descarga Emocional.

b) – Do ponto de vista do método de *coping*, considera igualmente dois conjuntos: -o Cognitivo - Análise Lógica, Reavaliação Positiva, Evitamento Cognitivo e Aceitação/Resignação -, e o Comportamental - Procura de Aconselhamento/Suporte, Resolução de Problemas, Procura de Recompensas Alternativas e Descarga Emocional.

Para melhor compreensão, passamos a apresentar a definição destes conceitos na óptica do autor. Assim: Análise Lógica – Esforços cognitivos para compreender e preparação mental para um agente stressor e suas consequências; Reavaliação Positiva – Esforços cognitivos para equacionar e reestruturar um problema numa perspectiva positiva, ao mesmo tempo aceitando a realidade da situação; Procura de Aconselhamento/Suporte – Esforços comportamentais para procurar informação, aconselhamento ou apoio; Resolução de Problemas – Esforços comportamentais direccionados para procurar actuar sobre o próprio problema; Evitamento Cognitivo – Esforços cognitivos para evitar pensar realisticamente acerca do problema; Aceitação ou Resignação – Esforços cognitivos para reagir ao problema, aceitando-o; Procura de Recompensas Alternativas – Esforços comportamentais para se envolver em atividades alternativas e criar novas fontes de satisfação; Descarga Emocional – Esforços comportamentais para reduzir a tensão, expressando sentimentos negativos.

As respostas tomam a forma de uma escala de Likert, com 4 hipóteses para cada item. Variam numa escala de 0 a 3 valores, desde: "0"-NÃO, de maneira nenhuma; "1" - SIM, uma ou duas vezes; "2" - SIM, algumas vezes; e "3" - SIM, bastantes vezes. A amplitude da escala varia entre 0 e 18 para cada um dos oito tipos de resposta.

A versão original apresenta uma consistência interna aceitável nas várias Estratégias de *Coping*, tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino, variando de 0.58 a 0.74 (Moos, 1992).

O valor de consistência interna encontrado no presente estudo foi de 0,88, revelando uma consistência interna elevada para a totalidade da escala. Relativamente às várias Estratégias de *Coping*, o valor de consistência interna varia de 0,42 a 0,73.

2.4. - Procedimento

A recolha da amostra decorreu desde Dezembro de 2011 até Maio de 2012.

Os questionários foram preenchidos individualmente, na presença da autora do estudo e após prestação de todos os esclarecimentos necessários, desde a finalidade meramente estatística do estudo, garantia de confidencialidade, ausência de respostas certas ou erradas, ao carácter de voluntariedade, possibilidade de desistência a qualquer momento e disponibilização para prestação de quaisquer outros esclarecimentos ou dúvidas (Questionário Sociodemográfico, Apêndice I).

Para o Grupo A – Políticos Autarcas – o preenchimento teve lugar preferencialmente nas sessões oficiais das instituições autárquicas da cidade de Lisboa, com destaque para a Assembleia Municipal, com o objectivo de conseguir o maior nº possível de participações, e também na Câmara Municipal e nas Juntas de Freguesia; para o grupo B – Não Políticos – procurou-se abranger um leque de pessoas com características diferenciadas, em vários contextos informais, contanto que reunissem os requisitos exigíveis nos condicionantes propostos, tal como a residência na cidade de Lisboa, a idade compreendida entre os 20 e 78 anos e manifestassem capacidade mínima para compreender os itens em apreço. Não se revelou necessário qualquer pedido de autorização a nenhum responsável institucional.

O desenho da investigação é de carácter Transversal, por ser efectuado numa só fase, e a metodologia de carácter Experimental, visto que assenta num estudo comparativo entre Políticos Autarcas e Não Políticos.

Os dados recolhidos foram, inicialmente, inseridos na base de dados do EXCEL e posteriormente transferidos, analisados e tratados estatisticamente pelo programa SPSS - *Statistical Package for Social Sciences* - versão 18.0 para Windows.

Foi efectuada uma comparação entre os dois grupos A e B, para análise das eventuais semelhanças e/ou divergências e elaboração das respectivas conclusões.

Capítulo 3

Resultados

3.1. - Análise Estatística

3.1.1. Análise Descritiva

Na tabela 16 encontram-se as estatísticas descritivas das variáveis das escalas utilizadas no presente estudo. Como se verifica, a variável Optimismo apresenta um valor mínimo de 13 e um valor máximo de 30 ($m = 21,79$; $dp = 3,689$). A variável Auto-Estima apresenta um valor mínimo de 10 e um valor máximo de 34 ($m = 16,67$; $dp = 4,163$). A variável Análise Lógica apresenta um valor mínimo de 6 e um valor máximo de 26 ($m = 15,10$; $dp = 4,027$). A variável Reavaliação Positiva apresenta um valor mínimo de 6 e um valor máximo de 24 ($m = 14,98$; $dp = 3,760$). A variável Procura de Orientação e Apoio apresenta um valor mínimo de 6 e um valor máximo de 24 ($m = 15,78$; $dp = 4,302$). A variável Resolução de Problemas apresenta um valor mínimo de 6 e um valor máximo de 24 ($m = 16,59$; $dp = 3,824$). A variável Evitamento Cognitivo apresenta um valor mínimo de 6 e um valor máximo de 23 ($m = 12,71$; $dp = 3,527$). A variável Aceitação/Resignação apresenta um valor mínimo de 6 e um valor máximo de 22 ($m = 12,28$; $dp = 3,891$). A variável Procura de Recompensas Alternativas apresenta um valor mínimo de 6 e um valor máximo de 24 ($m = 13,94$; $dp = 3,894$). A variável Descarga Emocional apresenta um valor mínimo de 6 e um valor máximo de 19 ($m = 11,86$; $dp = 3,520$).

Tabela 16. Estatística descritiva das variáveis em estudo

	Mínimo	Máximo	M	DP
Optimismo	13	30	21,79	3,689
Auto-estima	10	34	16,67	4,163
Análise Lógica	6	26	15,10	4,027
Reavaliação Positiva	6	24	14,98	3,760
Procura Orientação e Apoio	6	24	15,78	4,302
Resolução Problemas	6	24	16,59	3,824
Evitamento Cognitivo	6	23	12,71	3,527
Aceitação/Resignação	6	22	12,28	3,891
Procura Recompensas Alternativas	6	24	13,94	3,894
Descarga Emocional	6	19	11,86	3,520
<i>Coping</i> de Aproximação	24	90	62,45	12,653
<i>Coping</i> de Evitamento	24	78	50,78	11,402

3.1.2. - Estudos Comparativos

Com o objectivo de verificar as possíveis associações entre as três variáveis em estudo (Optimismo/Pessimismo, Auto-Estima e Estratégias de *Coping*), foram utilizados Testes de Correlação *t de Student* e, em algumas situações, apurada a Análise de Variância, seguida de comparações *Post-Hoc* através do teste de *Scheffé*.

A tabela 17 apresenta os valores médios e de Desvio Padrão relativamente à Idade, para as variáveis em estudo, sendo igualmente apresentados os resultados do *t de Student* para amostras independentes. Como se pode observar, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre a variável Idade e a variável Auto-Estima ($t = -2,102$; $p = 0,037$), Evitamento Cognitivo ($t = 2,876$; $p = 0,004$) e Aceitação/Resignação ($t = 2,106$; $p = 0,036$).

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a variável Idade e as seguintes variáveis: -Optimismo, Análise Lógica, Reavaliação Positiva, Procura de Orientação e Apoio, Resolução de Problemas, Procura de Recompensas Alternativas, Descarga Emocional, *Coping* de Aproximação e *Coping* de Evitamento.

Tabela 17. Diferenças de médias entre grupos relativamente à Idade para as variáveis em estudo

	Idade Recodificada				<i>t</i>	<i>p</i>
	< = 52		> 53			
	M	DP	M	DP		
Optimismo	22,03	3,842	21,55	3,526	0,942	0,347
Auto-Estima	16,06	3,859	17,29	4,386	-2,102	0,037
Análise Lógica	15,30	3,897	14,90	4,165	0,712	0,477
Reavaliação Positiva	15,26	3,582	14,69	3,930	1,087	0,279
Procura Orientação e Apoio	15,83	3,928	15,73	4,673	0,170	0,865
Resolução Problemas	16,57	3,727	16,61	3,939	-0,077	0,939
Evitamento Cognitivo	13,40	3,803	12,00	3,081	2,876	0,004
Aceitação/Resignação	12,84	3,797	11,70	3,919	2,106	0,036
Procura Recompensas Alternativas	13,66	3,764	14,22	4,022	-1,028	0,305
Descarga Emocional	12,25	3,414	11,45	3,597	1,631	0,104
<i>Coping</i> de Aproximação	62,97	11,695	61,93	13,599	0,583	0,560
<i>Coping</i> de Evitamento	52,16	11,809	49,37	10,850	1,746	0,082

A tabela 18 apresenta os valores médios e de Desvio Padrão relativamente ao Género, para as variáveis em estudo, sendo igualmente apresentados os resultados do *t* de *Student* para amostras independentes. Verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre a variável Género e a variável Procura de Orientação e Apoio ($t = -2,662$; $p = 0,008$), Evitamento Cognitivo ($t = -4,032$; $p = 0,000$), Aceitação/Resignação ($t = -2,801$; $p = 0,036$), Descarga Emocional ($t = -3,710$; $p = 0,000$) e *Coping* de Evitamento ($t = -3,404$; $p = 0,001$).

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a variável Género e as seguintes variáveis: -Optimismo, Auto-Estima, Análise Lógica, Reavaliação Positiva, Resolução de Problemas, Procura de Recompensas Alternativas e *Coping* de Aproximação.

Tabela 18. Diferenças de médias entre grupos relativamente ao Género para as variáveis em estudo

	Género				<i>t</i>	<i>p</i>
	Masculino		Feminino			
	M	DP	M	DP		
Optimismo	21,81	3,374	21,78	4,018	0,050	0,960
Auto-Estima	16,58	4,139	16,77	4,209	-0,327	0,744
Análise Lógica	15,10	3,929	15,10	4,149	0,003	0,998
Reavaliação Positiva	14,98	3,747	14,98	3,794	0,003	0,998
Procura Orientação e Apoio	15,02	4,334	16,61	4,132	-2,662	0,008
Resolução Problemas	16,37	3,737	16,82	3,921	-0,841	0,401
Evitamento Cognitivo	11,78	3,296	13,71	3,509	-4,032	0,000
Aceitação/Resignação	11,55	3,833	13,06	3,818	-2,801	0,006
Procura Recompensas Alternativas	13,88	3,790	13,99	4,022	-0,189	0,850
Descarga Emocional	11,00	3,396	12,78	3,431	-3,710	0,000
<i>Coping</i> de Aproximação	61,47	12,780	63,51	12,491	-1,145	0,253
<i>Coping</i> de Evitamento	48,22	10,868	53,55	11,373	-3,404	0,001

Com a finalidade de determinar quais as dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de Coping em que se verificam diferenças estatisticamente significativas entre as várias Etnias, foi utilizada a Análise de Variância, tendo-se posteriormente realizado comparações *Post-Hoc* através do teste de *Scheffé* (Tabela 19). Na tabela 19 pode observar-se que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Tabela 19. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de Coping em função da Etnia

	Etnia						F	p
	Caucasiana		Africana		Outra			
	M	DP	M	DP	M	DP		
Optimismo	21,86	3,666	18,00	4,242	20,80	4,324	1,276	0,282
Auto-Estima	16,66	4,142	22,00	4,242	14,80	3,962	2,168	0,117
Análise Lógica	14,99	3,99	21,00	2,83	17,20	4,32	2,957	0,054
Reavaliação Positiva	14,86	3,68	20,00	5,66	17,40	5,18	2,9630	0,054
Procura Orientação e Apoio	15,72	4,32	15,50	7,78	18,20	1,92	0,811	0,446
Resolução Problemas	16,52	3,83	17,50	0,71	18,80	4,09	0,921	0,400
Evitamento Cognitivo	12,67	3,50	18,00	1,41	12,40	3,85	2,318	0,101
Aceitação/Resignação	12,26	3,87	15,50	3,54	11,80	4,92	0,725	0,486
Procura Recomp. Alternativas	13,93	3,91	15,50	2,12	13,40	4,28	0,207	0,813
Descarga Emocional	11,87	3,52	12,50	0,71	11,00	4,53	0,182	0,834
<i>Coping</i> de Aproximação	62,10	12,57	74,00	0,00	71,60	14,43	2,242	0,109
<i>Coping</i> de Evitamento	50,72	11,33	61,50	7,78	48,60	15,24	0,977	0,378

Com o intuito de determinar quais as dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em que se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os vários níveis de Escolaridade, foi utilizada a Análise de Variância, tendo-se posteriormente realizado comparações *Post-Hoc* através do teste de *Scheffé* (Tabela 20). Como se pode observar na tabela 20, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para as dimensões Optimismo ($F(6;195) = 3,474; p = 0,003$) e Autoestima ($F(6;195) = 4,393; p = 0,000$).

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os vários níveis de Escolaridade e as seguintes variáveis: -Análise Lógica, Reavaliação Positiva, Procura de Orientação e Apoio, Resolução de Problemas, Evitamento Cognitivo, Aceitação/Resignação, Procura de Recompensas Alternativas, Descarga Emocional, *Coping* de Aproximação e *Coping* de Evitamento.

Tabela 20. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em função da Escolaridade

	Escolaridade															
	1º Ciclo		2º Ciclo		3º Ciclo		Ensino		Licenciatura		Mestrado		Doutoramento		F	P
	Ensino Básico		Ensino Básico		Ensino Básico		Secundário									
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
Optimismo	17,00	3,81	19,28	4,42	20,77	3,29	21,12	2,93	22,39	3,69	23,00	3,76	22,75	5,44		
Auto-Estima	20,80	3,03	21,71	5,65	18,54	5,46	16,90	3,30	16,17	3,99	15,26	3,87	13,50	3,32	4,393	0,000
Análise Lógica	10,00	2,45	14,43	4,79	14,85	3,53	14,54	3,69	15,55	3,69	16,11	4,62	14,25	4,11	2,042	0,062
Reavaliação Positiva	15,80	1,10	11,14	2,41	15,38	2,93	14,56	4,26	15,37	3,61	14,95	3,88	14,75	4,57	1,596	0,150
Procura Orientação e Apoio	14,60	3,78	16,43	4,93	15,92	3,33	15,44	4,92	15,84	4,28	16,00	3,92	17,50	1,29	0,256	0,957
Resolução Problemas	18,20	3,56	17,29	4,15	16,61	2,79	16,44	4,25	16,62	3,76	16,74	4,09	16,75	2,75	0,340	0,915
Evitamento Cognitivo	13,80	3,19	13,43	3,36	12,38	3,99	13,38	4,16	12,24	3,14	13,68	3,58	10,25	1,50	1,334	0,244
Aceitação/Resignação	12,60	2,70	13,43	5,41	12,38	3,91	12,92	4,11	12,02	3,82	11,53	3,31	11,75	4,92	0,536	0,781
Procura Recompensas Alternativas	14,80	2,28	14,43	4,28	14,08	3,17	13,66	3,90	13,82	3,79	14,89	4,79	13,50	6,61	0,314	0,929
Descarga Emocional	12,80	2,86	11,71	3,45	12,31	3,82	12,58	3,71	11,25	3,29	13,32	3,65	9,25	3,95	1,925	0,079
Coping de Aproximação	58,60	5,22	59,29	14,19	61,77	10,22	60,98	14,91	63,38	11,68	63,79	14,80	63,25	10,66	0,392	0,883
Coping de Evitamento	54,00	9,57	53,00	11,97	51,16	12,48	52,54	13,28	49,33	10,06	53,42	12,64	44,75	10,97	0,948	0,462

Com a finalidade de determinar quais as dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em que se verificam diferenças estatisticamente significativas entre as condições decorrentes do Estado Civil, foi utilizada a Análise de Variância, tendo-se posteriormente realizado comparações *Post-Hoc* através do teste de *Scheffé* (Tabela 21). Na tabela 21 pode observar-se que não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Tabela 21. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em função do Estado Civil

	Estado Civil								F	p
	Solteiro		Casado/União de Facto		Separado/Divorciado		Viúvo			
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
Optimismo	22,47	3,72	21,56	3,64	22,95	3,75	19,67	3,72	1,904	0,130
Auto-Estima	15,72	4,27	17,03	4,19	16,00	3,64	16,17	4,07	1,166	0,324
Análise Lógica	15,36	4,29	14,99	4,02	15,74	3,38	14,33	5,13	0,316	0,814
Reavaliação Positiva	15,25	3,81	14,77	3,76	16,05	3,39	14,83	4,88	0,720	0,541
Procura Orientação e Apoio	14,97	3,87	15,67	4,36	17,47	4,49	17,83	3,60	1,915	0,128
Resolução Problemas	16,39	3,86	16,53	3,75	16,68	4,53	18,83	3,13	0,733	0,533
Evitamento Cognitivo	13,39	3,82	12,31	3,40	13,74	3,12	14,67	4,84	2,236	0,085
Aceitação/Resignação	12,69	4,14	12,12	3,89	12,21	3,19	13,67	4,93	0,467	0,705
Procura Recompensas Alternativas	14,19	4,14	13,72	3,67	15,05	4,90	14,00	4,43	0,721	0,541
Descarga Emocional	12,36	3,18	11,45	3,53	13,42	3,45	13,33	4,13	2,520	0,059
Coping de Aproximação	61,97	12,18	61,96	12,82	65,95	12,92	65,83	11,34	0,710	0,547
Coping de Evitamento	52,64	12,36	49,60	10,86	54,42	11,54	55,67	15,15	1,856	0,138

Com o objectivo de determinar quais as dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em que se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os vários graus de Religiosidade, foi utilizada a Análise de Variância, tendo-se posteriormente realizado comparações *Post-Hoc* através do teste de *Scheffé* (tabela 22). Como se pode observar na tabela 22, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para a dimensão Procura Orientação e Apoio ($F(3;198) = 3,788$; $p = 0,005$).

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os vários níveis de Escolaridade e as seguintes variáveis: -Optimismo, Auto-Estima, Análise Lógica, Reavaliação Positiva, Resolução de Problemas, Evitamento Cognitivo, Aceitação/Resignação, Procura de Recompensas Alternativas, Descarga Emocional, *Coping* de Aproximação e *Coping* de Evitamento.

Tabela 22. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em função da Religião

	Religião										F	p
	Nenhuma		Pouca		Alguma		Bastante		Muita			
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
Optimismo	21,81	3,67	22,03	3,81	21,29	3,33	22,36	4,16	21,57	3,61	0,524	0,718
Auto-Estima	16,02	3,89	16,95	4,26	16,90	3,50	16,51	4,54	17,57	5,41	0,661	0,620
Análise Lógica	15,17	3,95	15,49	3,83	14,88	4,05	15,41	4,28	14,24	4,25	0,420	0,794
Reavaliação Positiva	14,68	4,02	14,78	3,78	14,75	3,38	15,72	3,87	15,29	3,90	0,564	0,689
Procura Orientação e Apoio	14,19	4,35	15,57	4,97	16,42	4,09	17,44	3,65	15,52	3,34	3,788	0,005
Resolução Problemas	16,21	4,42	16,49	4,07	16,56	3,59	17,28	2,79	16,52	74,17	0,456	0,768
Evitamento Cognitivo	12,66	3,67	13,00	3,73	13,08	3,43	12,15	2,99	12,43	4,07	0,477	0,753
Aceitação/Resignação	12,47	3,81	12,57	4,27	12,42	4,02	11,33	3,75	12,67	3,40	0,725	0,576
Procura Recompensas Alternativas	13,17	4,02	14,68	3,96	13,77	3,46	14,00	4,22	14,86	3,76	1,171	0,325
Descarga Emocional	11,49	3,77	12,51	3,58	12,06	3,48	11,26	3,36	12,24	3,19	0,850	0,495
Coping de Aproximação	60,25	13,72	62,32	13,24	62,62	11,85	65,85	11,07	61,57	13,30	1,136	0,341
Coping de Evitamento	49,79	11,72	52,76	11,78	51,33	11,34	48,74	10,73	52,19	11,54	0,795	0,529

Com a finalidade de determinar quais as dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em que se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes Centros de Interesse, foi utilizada a Análise de Variância, tendo-se posteriormente realizado comparações *Post-Hoc* através do teste de *Scheffé* (tabela 23). Na tabela 23 pode observar-se que não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Tabela 23. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em função dos Centros de Interesse

	Centros de Interesse								F	p
	Arte e Letras, Ciências, Televisão e Internet		Desporto		Convívio, Passeios e Viagens		Social/Voluntariado			
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
Optimismo	21,70	3,58	22,07	2,94	21,61	4,26	22,60	3,69	0,353	0,787
Auto-Estima	16,64	4,28	16,32	3,81	17,04	4,01	16,27	4,80	0,251	0,860
Análise Lógica	15,24	3,61	15,36	3,70	14,53	4,77	15,73	4,59	0,551	0,648
Reavaliação Positiva	14,79	3,81	14,89	3,27	14,93	3,99	16,67	3,29	1,105	0,348
Procura Orientação e Apoio	15,63	4,42	16,75	3,64	15,43	4,67	16,33	3,15	0,719	0,541
Resolução Problemas	16,32	3,64	17,14	3,99	16,52	4,21	17,67	3,37	0,765	0,515
Evitamento Cognitivo	12,32	3,46	12,50	3,06	13,72	3,81	12,13	3,36	2,104	0,101
Aceitação/Resignação	11,82	3,89	13,64	4,13	12,70	3,79	11,40	3,31	2,142	0,096
Procura Recompensas Alternativas	13,37	4,02	13,64	4,13	12,70	3,79	11,40	3,31	1,560	0,200
Descarga Emocional	11,54	3,74	12,11	3,25	12,26	3,47	12,13	2,50	0,588	0,624
Coping de Aproximação	61,98	12,34	64,14	10,52	61,41	14,72	66,40	10,25	0,823	0,483
Coping de Evitamento	49,06	11,56	64,14	10,52	61,41	14,72	66,40	10,25	1,918	0,128

Com o intuito de determinar quais as dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em que se verificam diferenças estatisticamente significativas entre as várias Situações Profissionais, foi utilizada a Análise de Variância, tendo-se posteriormente realizado comparações *Post-Hoc* através do teste de *Scheffé* (Tabela 24). Como se pode observar na tabela 24, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para as dimensões Auto-Estima ($F(3;198) = 3,532$; $p = 0,016$), Evitamento Cognitivo ($F(3;198) = 5,185$; $p = 0,002$), Descarga Emocional ($F(3;198) = 2,957$; $p = 0,034$) e *Coping* de Evitamento ($F(3;198) = 3,516$; $p = 0,016$).

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os vários níveis de Escolaridade e as seguintes variáveis: -Optimismo, análise Lógica, Reavaliação Positiva, Procura Orientação e Apoio, Resolução de Problemas, Aceitação/Resignação, Procura de Recompensas Alternativas e *Coping* de Aproximação.

Tabela 24. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em função da Situação Profissional

	Situação Profissional								F	P
	Empregado Conta Própria		Empregado Conta Outrem		Aposentado		Desempregado			
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
Optimismo	22,43	3,34	21,92	3,69	21,33	3,64	21,00	5,83	0,606	0,612
Auto-Estima	17,19	4,51	16,02	3,59	18,13	4,89	15,40	4,83	3,532	0,016
Análise Lógica	16,24	3,94	15,31	3,72	14,12	4,62	15,60	4,16	1,749	0,158
Reavaliação Positiva	15,57	5,09	14,96	3,33	14,77	4,09	15,20	4,97	0,232	0,874
Procura Orientação e Apoio	14,19	4,04	16,31	4,07	15,12	4,78	16,20	4,21	2,055	0,108
Resolução Problemas	17,19	4,11	16,53	3,67	16,54	4,18	16,00	3,46	0,222	0,881
Evitamento Cognitivo	10,71	3,29	13,40	3,59	11,85	3,11	12,80	2,49	5,185	0,002
Aceitação/Resignação	11,33	3,73	12,78	3,72	11,33	4,28	13,60	2,30	2,384	0,071
Procura Recompensas Alternativas	12,81	3,14	14,00	3,83	14,21	4,35	14,20	3,42	0,688	0,560
Descarga Emocional	10,24	3,02	12,38	3,41	11,27	3,89	11,80	0,84	2,957	0,034
Coping de Aproximação	63,19	15,37	63,11	10,91	60,54	15,26	63,00	13,15	0,532	0,661
Coping de Evitamento	45,10	9,22	52,56	11,10	48,65	12,39	52,40	5,73	3,516	0,016

Com o intuito de determinar quais as dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em que se verificam diferenças estatisticamente significativas entre as várias Funções Profissionais, foi utilizada a Análise de Variância, tendo-se posteriormente realizado comparações *Post-Hoc* através do teste de *Scheffé* (Tabela 25). Como se pode observar na tabela 25, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para as dimensões Optimismo ($F(5;196) = 5,098$; $p = 0,000$), Auto-Estima ($F(5;196) = 3,417$; $p = 0,006$), e Evitamento Cognitivo ($F(5;196) = 2,721$; $p = 0,021$).

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os vários níveis de Escolaridade e as seguintes variáveis: -Análise Lógica, Reavaliação Positiva, Procura Orientação e Apoio, Resolução de Problemas, Aceitação/Resignação, Procura de Recompensas Alternativas, Descarga Emocional, *Coping* de Aproximação e *Coping* de Evitamento.

Tabela 25. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, Auto-estima e Estratégias de *Coping* em função da variável Função Profissional

	Função Profissional												F	p
	Gestor/Chefia		Quadro Superior		Administrativo		Operário		Doméstica		Outra			
M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP			
Optimismo	21,74	3,63	22,81	3,75	21,54	2,89	18,92	4,01	15,50	0,70	20,07	2,86	5,098	0,000
Auto-Estima	16,00	3,60	15,92	3,95	18,21	4,44	18,92	4,06	22,00	4,24	16,67	4,85	3,417	0,006
Análise Lógica	15,64	3,91	15,58	3,75	14,64	3,79	12,50	4,60	16,50	9,19	13,73	4,79	1,964	0,086
Reavaliação Positiva	15,20	3,70	15,39	3,60	14,41	3,53	14,41	4,06	20,50	4,95	13,13	4,39	2,112	0,066
Procura Orientação e Apoio	15,58	4,28	15,98	4,03	16,85	4,48	13,75	3,47	15,50	7,78	14,27	5,24	1,459	0,205
Resolução Problemas	16,96	3,63	16,62	3,66	16,28	4,19	16,08	4,76	16,00	1,41	16,47	4,24	0,196	0,964
Evitamento Cognitivo	12,14	3,26	12,17	3,25	14,18	3,82	14,00	4,67	15,50	4,95	12,40	2,95	2,721	0,021
Aceitação/Resignação	11,34	3,50	12,00	3,81	13,44	3,93	13,33	3,73	16,00	2,83	12,60	4,98	1,967	0,085
Procura Recompensas Alternativas	14,80	3,87	13,52	4,09	13,85	3,31	14,17	4,15	17,50	0,71	12,93	4,03	1,234	0,295
Descarga Emocional	11,68	3,53	11,46	3,49	12,56	3,52	12,92	3,90	13,00	0,00	11,80	3,61	0,806	0,547
Coping de Aproximação	63,38	12,67	63,57	11,46	62,18	13,14	56,75	14,76	68,50	7,78	57,60	15,65	1,215	0,303
Coping de Evitamento	49,96	10,69	49,15	10,86	54,03	11,88	54,42	14,62	62,00	7,07	49,73	11,63	1,711	0,134

Com o intuito de determinar quais as dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em que se verificam diferenças estatisticamente significativas entre as várias Autarquias, foi utilizada a Análise de Variância, tendo-se posteriormente realizado comparações *Post-Hoc* através do teste de *Scheffé* (Tabela 26). Como se pode observar na tabela 26, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para as dimensões Auto-Estima ($F(4;197) = 2,555; p = 0,040$), e Procura de Recompensas Alternativas ($F(4;197) = 3,576; p = 0,008$).

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os vários níveis de Escolaridade e as seguintes variáveis: -Optimismo, Análise Lógica, Reavaliação Positiva, Procura de Orientação e Apoio, Resolução de Problemas, Evitamento Cognitivo, Aceitação/Resignação, Descarga Emocional, *Coping* de Aproximação e *Coping* de Evitamento.

Tabela 26. Comparação de médias das dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping* em função da Autarquia

	Autarquia										F	p
	Sem Autarquia		Câmara Municipal		Assembleia Municipal		Junta de Freguesia		Assembleia de Freguesia			
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
Optimismo	21,58	3,93	22,33	3,14	22,07	4,02	22,00	3,33	21,65	3,28	0,222	0,926
Auto-Estima	16,37	4,10	13,67	3,42	17,59	5,14	17,49	3,68	16,82	3,68	2,555	0,040
Análise Lógica	14,44	4,07	15,67	3,40	15,78	4,10	15,91	4,02	15,24	3,89	1,404	0,234
Reavaliação Positiva	14,79	3,99	15,91	3,40	15,89	3,77	14,66	3,48	14,89	3,37	0,729	0,573
Procura Orientação e Apoio	15,63	4,37	18,50	2,84	15,11	4,19	16,13	4,18	14,88	4,86	1,678	0,157
Resolução Problemas	16,34	4,14	18,58	2,23	15,40	4,07	17,23	3,34	16,71	3,10	1,936	0,106
Evitamento Cognitivo	12,85	3,77	12,25	2,42	11,85	3,57	12,87	3,29	13,12	3,39	0,566	0,688
Aceitação/Resignação	12,84	4,15	11,83	2,95	11,70	4,41	11,87	3,38	11,35	3,16	1,069	0,373
Procura Recompensas Alternativas	12,93	3,66	14,25	4,96	14,70	3,73	15,04	3,95	15,29	3,35	3,576	0,008
Descarga Emocional	11,60	3,29	12,75	3,44	11,96	3,85	12,09	3,73	11,94	3,96	0,382	0,821
Coping de Aproximação	61,20	12,92	68,67	8,21	62,19	13,23	63,94	12,55	61,71	12,62	1,148	0,335
Coping de Evitamento	50,21	11,56	51,08	7,91	50,22	12,74	51,87	11,37	51,71	11,38	0,212	0,931

A tabela 27 apresenta os valores médios e de Desvio Padrão relativamente à Função Autárquica Recodificada, para as variáveis em estudo, sendo igualmente apresentados os resultados do *t* de *Student* para amostras independentes. Como se pode observar, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre a variável Função Autárquica Recodificada e a variável Análise Lógica ($t = 2,307$; $p = 0,022$), a Aceitação/Resignação ($t = -2,025$; $p = 0,044$) e Procura de Recompensas Alternativas ($t = 3,714$; $p = 0,000$).

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a variável Função Autárquica Recodificada e as seguintes variáveis: -Otimismo, Auto-Estima, Reavaliação Positiva, Procura de Orientação e Apoio, Resolução de Problemas, Evitamento Cognitivo, *Coping* de Aproximação e *Coping* de Evitamento.

Tabela 27. Diferenças de médias entre grupos relativamente à Função Autárquica

	Função Autárquica Recodificada				<i>t</i>	<i>p</i>
	Políticos Autarcas		Não Autarcas			
	M	DP	M	DP		
Optimismo	22,00	3,45	21,59	3,93	0,797	0,426
Auto-Estima	16,96	4,23	16,37	4,10	1,002	0,317
Análise Lógica	15,74	3,900	14,44	4,069	2,307	0,022
Reavaliação Positiva	15,16	3,526	14,79	3,998	0,712	0,477
Procura Orientação e Apoio	15,93	4,254	15,63	4,367	0,504	0,615
Resolução Problemas	16,82	3,501	16,34	4,136	0,895	0,372
Evitamento Cognitivo	12,57	3,288	12,85	3,769	-0,554	0,580
Aceitação/Resignação	11,74	3,556	12,84	4,154	-2,025	0,044
Procura Recompensas Alternativas	14,90	3,884	12,93	3,659	3,714	0,000
Descarga Emocional	12,11	3,723	11,59	3,295	1,031	0,304
<i>Coping</i> de Aproximação	63,66	12,333	61,20	12,919	1,383	0,168
<i>Coping</i> de Evitamento	51,32	11,278	50,21	11,560	0,690	0,491

3.1.3. – Estudos das Associações entre as Variáveis em Estudo

Na tabela 28 pode observar-se as correlações realizadas através do Coeficiente de *Pearson*, no sentido de se verificar as associações entre as dimensões do Optimismo, da Auto-Estima e das Estratégias de *Coping*.

A variável Optimismo correlaciona-se positiva e significativamente com a Análise Lógica ($r = 0,292$; $p \leq 0,01$), com a Reavaliação Positiva ($r = 0,243$; $p \leq 0,01$), com a Resolução de problemas ($r = 0,177$; $p \leq 0,05$) e com o *Coping* de Aproximação ($r = 0,244$; $p \leq 0,01$). A variável Optimismo correlaciona-se inversamente e significativamente com as dimensões Evitamento Cognitivo ($r = -0,163$; $p \leq 0,05$), Aceitação/Resignação ($r = -0,272$; $p \leq 0,05$) e com o *Coping* de Evitamento ($r = -0,163$; $p \leq 0,05$).

É de referir a inexistência de correlações estatisticamente significativas entre a variável Optimismo e as seguintes variáveis: -Procura de Orientação e Apoio, Procura de Recompensas Alternativas e Descarga Emocional.

A variável Auto-Estima correlaciona-se positiva e significativamente com a Aceitação/Resignação ($r = 0,155$; $p \leq 0,05$). A variável Autoestima correlaciona-se no sentido inverso e significativamente com as dimensões: -Análise Lógica ($r = -0,250$; $p \leq 0,01$), Reavaliação Positiva ($r = -0,268$; $p \leq 0,01$), Resolução de problemas ($r = -0,170$; $p \leq 0,05$) e com o *Coping* de Aproximação ($r = -0,256$; $p \leq 0,01$).

Não se verifica a inexistência de correlações estatisticamente significativas entre a variável Auto-estima e as seguintes variáveis: -Procura de Orientação e Apoio, Evitamento cognitivo, Aceitação/Resignação, Procura de Recompensas Alternativas, Descarga Emocional e *Coping* de Evitamento.

Tabela 28. Correlações entre Optimismo, Auto-Estima e as dimensões das Estratégias de *Coping*

	Optimismo	Autoestima
Análise Lógica	0,292**	-0,250**
Reavaliação Positiva	0,243**	-0,268**
Procura Orientação / Apoio	0,075	-0,133
Resolução Problemas	0,177*	-0,170*
Evitamento Cognitivo	-0,163*	0,096
Aceitação/Resignação	-0,272**	0,155*
Procura Recompensas Alternativas	0,050	0,050
Descarga Emocional	-0,120	0,020
<i>Coping</i> de Aproximação	0,244**	-0,256**
<i>Coping</i> de Evitamento	-0,163*	0,106

Nota: * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

3.1.4. - Estudo das Variáveis Predictoras

Com o objectivo de analisar as variáveis das Estratégias de *Coping* que predizem o Optimismo e a Auto-estima, foi efectuada uma análise de Regressão Múltipla, método *Stepwise*, para cada uma das dimensões. Os resultados são apresentados na tabela 29.

Os resultados revelaram que para a variável dependente Optimismo, foram encontradas duas variáveis independentes predictoras: - Análise Lógica e Aceitação/Resignação, que explicam 24,9% da variância. Estes resultados indicam que os indivíduos com valores mais altos de Optimismo apresentam valores mais elevados de Análise Lógica ($\beta = 0,300$; $t = 4,625$; $p = 0,000$, e de Aceitação/Resignação ($\beta = -0,280$; $t = -4,323$; $p = 0,000$).

Tabela 29. Factores das Estratégias de *Coping* preditores do Optimismo

VD	Passos	Predictores	R ²	R ² Ajustado	β	T
Optimismo	1	Análise Lógica	0,085	0,081	0,300	4,625***
	2	Aceitação/Resignação	0,164	0,155	-0,280	-4,323***
24,9% Variância explicada						

Nota: * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$; *** $p \leq 0,001$

Conforme consta da tabela 30, os resultados revelaram que para a variável dependente Autoestima, foram encontradas três variáveis independentes predictoras: - Reavaliação Positiva, Procura de Recompensas Positivas e Análise Lógica, que explicam 28,8% da variância. Estes resultados indicam que os indivíduos com valores mais altos de Auto-estima apresentam valores mais elevados de Reavaliação Positiva ($\beta = -0,224$; $t = -2,739$; $p = 0,007$), de Procura de Recompensas Alternativas ($\beta = 0,205$; $t = 2,800$; $p = 0,006$) e de Análise Lógica ($\beta = -0,203$; $t = -2,437$; $p = 0,016$).

Tabela 30. Factores das Estratégias de *Coping* preditores da Auto-Estima

VD	Passos	Predictores	R ²	R ² Ajustado	β	t
Auto-Estima	1	Reavaliação Positiva	0,072	0,067	-0,224	-2,739**
	2	Procura de Recompensas Alternativas	0,095	0,085	0,205	2,800**
	3	Análise lógica	0,121	0,108	-0,203	-2,437*
28,8% Variância explicada						

Nota: * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$; *** $p \leq 0,001$

3 2 - Verificação e Análise das Hipóteses

1ª Hipótese:- É esperado que a níveis mais elevados de Optimismo correspondam níveis mais elevados de Estratégias de *Coping*. Os resultados obtidos confirmaram a hipótese.

a) Testes de Correlação

Com efeito, verifica-se: a) - uma associação fraca no sentido positivo, entre a variável Optimismo e a Estratégia de *Coping* Análise Lógica - tentativas cognitivas de compreensão e preparação para uma situação stressante e suas consequências -, assim indiciando que o Optimismo influencia positivamente a Estratégia de *Coping* na sua vertente Análise Lógica; b) - uma associação fraca no sentido positivo entre o Optimismo e a Reavaliação Positiva - tentativas cognitivas de construir e reestruturar um problema de uma forma positiva aceitando a situação real em presença -, logo indicando que o Optimismo influencia positivamente a Reavaliação Positiva; c) - uma associação fraca no sentido positivo entre o Optimismo e a Resolução de Problemas - tentativas comportamentais de tomada de ação direcionada para a resolução de problemas -, indicando que o Optimismo influencia positivamente a Resolução de Problemas; - uma associação fraca no sentido positivo entre o Optimismo e o *Coping* de Aproximação - tentativas de assunção do problema, em termos cognitivos e comportamentais -, indicando que o Optimismo influencia positivamente o *Coping* de Aproximação.

Por outro lado, verifica-se uma associação fraca no sentido inverso, entre a variável Optimismo e a Estratégia de *Coping* nas seguintes vertentes: Evitamento Cognitivo - tentativas cognitivas de evitamento de pensar sobre um problema -, tal indiciando que o optimismo influencia negativamente o Evitamento Cognitivo; - Aceitação/Resignação - tentativas cognitivas de reagir ao problema, e aceitá-lo -, indiciando que o optimismo influencia negativamente a Aceitação/Resignação; - *Coping* de Evitamento, significando que o optimismo influencia negativamente o *Coping* de Evitamento - tentativa de se distanciar do problema, em termos cognitivos e comportamentais.

b) Testes de Regressão Múltipla (método Stepwise)

Através da análise dos Factores das Estratégias de *Coping* preditores do Optimismo, foram identificadas duas variáveis independentes preditoras: - Análise Lógica e Aceitação/Resignação, que explicam 24,9% da variância. Os resultados obtidos indicam que

os indivíduos com valores mais elevados de Optimismo apresentam valores mais elevados de Análise Lógica e de Aceitação/Resignação.

2ª Hipótese: -É esperado que a níveis mais elevados de Auto-Estima correspondam níveis mais elevados de Estratégias de *Coping*. Os resultados não confirmaram a hipótese.

a) Testes de Correlação

Apenas se verifica uma associação fraca no sentido positivo, entre a variável Auto-Estima e a Estratégia de *Coping* Aceitação/Resignação - tentativas cognitivas de reagir ao problema e aceitá-lo -, tal significando que a Auto-Estima influencia positivamente a Aceitação/Resignação. Nas restantes situações, verificam-se mesmo associações fracas no sentido inverso, entre a variável Auto-Estima e as seguintes Estratégias de *Coping*: - Análise Lógica, Reavaliação Positiva, Resolução de Problemas e *Coping* de Aproximação - tentativa de envolvimento no problema -, significando que a variável Auto-Estima influencia negativamente estas modalidades.

b) Testes de Regressão Múltipla (método Stepwise)

Através da análise dos Factores das Estratégias de *Coping* preditores da Auto-Estima, foram identificadas três variáveis independentes preditoras: - Reavaliação Positiva, Procura de Recompensas Positivas e Análise Lógica, que explicam 28,8% da variância. Os resultados obtidos indicam que os indivíduos com valores mais altos de Auto-Estima apresentam valores mais elevados de Reavaliação Positiva, Procura de Recompensas Alternativas e de Análise Lógica.

3ª Hipótese: - É esperado que os Políticos Autarcas revelem níveis mais elevados de Optimismo e de Auto-estima comparativamente aos Não Autarcas, ou seja, que existam diferenças estatisticamente significativas nos níveis de Optimismo e de Auto-Estima entre Políticos Autarcas e Não Políticos. Os resultados obtidos não confirmaram a hipótese.

A análise dos valores apurados a partir do t de *Student*, no que diz respeito às diferenças de médias entre Políticos Autarcas e Não Políticos relativamente ao Optimismo revelam que não existiram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos. O mesmo se processou e confirmou no tocante à Auto-Estima.

4ª Hipótese -É esperado que os Políticos Autarcas revelem níveis mais elevados de Estratégias de *Coping* comparativamente aos Não Políticos, ou seja, que existam diferenças

estatisticamente significativas entre Políticos Autarcas e Não Políticos referente às várias Estratégias de *Coping*. Os resultados obtidos confirmaram a hipótese.

A análise dos valores obtidos a partir do *t* de *Student*, no que diz respeito às diferenças de médias entre Políticos Autarcas e Não Políticos relativamente às Estratégias de *Coping*, revelam que: -os Políticos Autarcas utilizam com mais frequência as Estratégias de *Coping* Análise Lógica e a Procura de Recompensas Alternativas, comparativamente aos Não Políticos; - por outro lado, no que concerne à Estratégia de *Coping* Aceitação/Resignação, verificou-se que os Não Políticos utilizam esta estratégia de *Coping* com mais frequência do que os Políticos Autarcas.

3.3. – Discussão

Com o presente estudo pretendeu-se verificar em que medida o Optimismo e a Auto-estima estão associados e modelam as Estratégias de *Coping* e em que medida estas mesmas prerrogativas, escolhidas porque consideradas adequadas ao perfil dos Políticos Autarcas, possam estar mais presentes nos Políticos Autarcas face aos não Políticos.

Folkman e Lazarus (1980) classificam e descrevem duas modalidades de estratégias de *coping*, dependendo da sua função/focalização, respetivamente: - o *coping* focalizado no problema e *coping* focalizado na emoção. O *coping* focalizado no problema consiste num esforço para agir sobre o elemento stressor, ou seja, sobre a situação, numa tentativa de a alterar; -o *coping* focalizado na emoção consiste num esforço direccionado para regular o estado emocional, tendo por função reduzir a sensação física desagradável (ansiedade, angústia) provocada por situações stressantes.

Segundo (Moos (1986); Folkman e Lazarus (1985); Lazarus e Folkman (1984), as teorias contemporâneas enfatizam os aspectos multidimensionais dos processos de avaliação e *coping*, sendo utilizadas duas maneiras de classificar as respostas: a) – uma corrente, que enfatiza a focalização do *coping* - mais centrado no problema, ou mais centrado na emoção; b) – e outra corrente, que enfatiza o próprio método de *coping* - cognitivo ou comportamental.

Conforme se referiu no tema relativo aos Instrumentos de Medida utilizados, no presente trabalho foi aplicado o *CRI - Coping Responses Inventory* (Moos, 1992) o qual conjuga as duas modalidades mencionadas (a e b), pelo que se tomou por base a terminologia e descrições apresentadas pelo autor e de que passamos a reproduzir apenas uma parte, com o objectivo de facilitar, na descrição que se segue, a compreensão dos 8 conceitos ou modalidades de Estratégias de *Coping* equacionadas: a) – Do ponto de vista do enfoque no problema ou na emoção, o autor considera dois grupos de respostas, reflectindo: -o *Coping* de Aproximação - Análise Lógica, Reavaliação Positiva, Procura de Aconselhamento/Suporte e Resolução de Problemas; e o *Coping* de Evitamento - Evitamento Cognitivo, Aceitação/Resignação, Procura de Recompensas Alternativas e Descarga Emocional; b) – Do ponto de vista do método de *coping*, considera igualmente dois conjuntos: - o Cognitivo - Análise Lógica, Reavaliação Positiva, Evitamento Cognitivo e Aceitação/Resignação, e o Comportamental - Procura de Aconselhamento/Suporte, Resolução de Problemas, Procura de Recompensas Alternativas e Descarga Emocional.

1ª Hipótese: - Consistente com a literatura, o Optimismo revelou-se como um factor predisponente para modelar as Estratégias de *Coping*, salientando-se que aos valores mais elevados de Optimismo corresponderam valores mais elevados de Análise Lógica e de Aceitação/Resignação.

Segundo Zuckerman (1999), os seres humanos reagem de forma muito diversificada face ao stresse, em função de quatro determinantes fundamentais: -factores biológicos, psicológicos, sociais e de personalidade. Com base nesta identificação, Serra (2005) apresenta uma classificação de personalidades em função da forma de enfrentar o stresse. Assim, serão mais vulneráveis as pessoas: -de neuroticismo elevado, o catastrofizador, o hostil, com baixa autoestima, com fraca inteligência emocional, o procrastinador, a personalidade tipo A e a Personalidade dependente; por outro lado, serão mais resistentes as pessoas: -com autoestima elevada, bom sentido de humor e as optimistas.

Carver, Scheier e Weintraub (1989; Scheier, Carver e Weintraub (1986; Stanton e Snider (1993; Scheier et al (2001) defendem que os optimistas são mais eficientes a lidar com os agentes stressores do que os pessimistas e que é substancialmente evidente que os optimistas utilizam várias estratégias para lidar com o problema, ao contrário dos pessimistas, e que tais diferenças de *coping* contribuem para uma associação positiva entre optimismo e melhor adaptação.

Vários autores (Carver e Scheier, 1994; Carver, Scheier e Segerstrom, 2010), citando vários estudos de investigação, defenderam a ideia de que o optimismo é importante para lidar com situações altamente stressantes e que existem correlações positivas entre optimismo e o *coping* centrado na situação stressante, bem como entre optimismo e procura de suporte social e ênfase dos aspectos positivos da situação.

Os optimistas parecem diferenciar-se dos pessimistas nas tendências estáveis de *coping* e nas respostas de *coping* que emergem quando são confrontados com situações stressantes (Solberg Nes e Segerstrom, 2006, citados por Carver, Scheier e Segerstrom, 2010). As pessoas optimistas diferem das pessoas pessimistas no tipo das estratégias de *coping* que apresentam e nas formas distintas de o indivíduo lhes aceder (Compas, 1987; Folkman e Moskowitz, 2004; Skinner et al.2003, citados por Carver, Scheier e Segerstrom, 2010).

Segundo Scheiler e Carver (1985), comparadas com os optimistas, as pessoas pessimistas geralmente antecipam reações negativas e são mais dadas a retrain esforços para alcançar objectivos. Scheier, Carver e Bridges (1994) concluíram que o pessimismo está

correlacionado com a denegação, com o distanciamento, a atracção por distrações temporárias e a desistência de um objectivo com o qual o elemento stressor esteja relacionado.

Scheier, Carver e Bridges (1994) defendem que os indivíduos optimistas tendem a utilizar estratégias de *coping* mais focadas no problema e na respectiva resolução do que os pessimistas. E que, quando o *coping* focado no problema não se configure possível, os optimistas direccionam-se para o *coping* focado na emoção, mais adaptativo, utilizando estratégias como a aceitação, o humor, o reenquadramento positivo (ou reestruturação positiva) da situação. Já os indivíduos pessimistas tendem a lidar com as situações stressantes através da negação e descomprometendo-se dos objectivos com os quais o stressor está a interferir, desistindo com maior facilidade de os alcançar.

Indivíduos optimistas e que apresentem estratégias de *coping* adaptativas parecem beneficiar das experiências de stresse. Sob o efeito de condições contínuas geradoras de stresse, as pessoas optimistas procuram acontecimentos com significações positivas, com o objectivo de aumentar o nível positivo do seu estado afectivo, o que, por seu lado, permite reduzir o stresse e, assim, reforçar a capacidade de lidar com situações futuras (Folkman e Moskowitz, 2004).

O papel do pessimismo na utilização de estratégias de *coping* não adaptativas foi apresentado em alguns estudos (Scheier et al., 1986, citado por Chang, 1997), bem como a sua relação com a doença psicológica (Mroczec et al., 1993; Peterson, Seligman e Vaillant, 1988, citados por Chang, 1997).

Solberg Nes e Segerstrom (2006) efectuaram uma meta-análise sobre optimismo e *coping*, na qual referem que o optimismo é preditor de um tipo de *coping* mais centrado no problema, com agentes de stresse controláveis (por exemplo os relacionados com exigências académicas) e mais focado na emoção, com agentes de stresse incontroláveis (por exemplo um trauma). E referem ainda que as estratégias de *coping* são um mecanismo através do qual o optimismo exerce os seus efeitos, podendo mediar o efeito do optimismo sobre situações stressantes.

Um estudo realizado por Hulim e Lisá (2009), direccionado a 168 gestores, entre outras conclusões, apurou que os gestores que manifestam uma preferência pela cognição não tendem a utilizar a evitação face ao problema, enquanto que os gestores que manifestam tendência mais emocional utilizam a evitação em grau elevado e procuram encontrar uma relação positiva entre a dimensão de Calma/Tensão e procuram suporte social.

2ª *Hipótese* – A Auto-Estima, nos Testes de Correlação, praticamente não se revelou como um factor predisponente para modelar as Estratégias de *Coping*. Apenas evidenciou uma associação fraca positiva face à Aceitação /Resignação e inversa com as dimensões Análise Lógica, Reavaliação Positiva e Resolução de Problemas. Porém, no teste de Regressão Múltipla, os resultados obtidos indicam que os indivíduos com valores mais altos de Auto-estima apresentam valores mais elevados de Reavaliação Positiva, Procura de Recompensas Alternativas e de Análise Lógica.

Este resultado, não se revelando totalmente clarificador, não surpreende, na medida em que vai, aliás, no sentido da própria literatura existente, a qual não se revela consensual.

Com efeito, a par de várias posições defensoras da Auto-Estima como um conceito preditor de bem-estar e de sucessos a vários níveis, surgem também posições divergentes, começando pela própria clarificação do conceito, o qual surge associado a vários outros constructos psicológicos, muito embora a Auto-Estima seja tida como o conceito mais amplo, da autoria de William James, que, entre 1890 e 1950, introduzira o conceito de “si mesmo”, como sendo o conhecimento que o indivíduo possui de si próprio, o qual, por sua vez, se subdivide em duas componentes distintas: - a auto-imagem, com carácter descritivo e a Auto-Estima, com carácter valorativo (Ferris et al. (2010).

Na mesma linha de pensamento, a posição de Fernandes (2006), que entende a Auto-Estima como um conceito mais amplo, incluindo outros conceitos, como a auto-imagem, a auto-confiança, a auto-aceitação, que se perfiguram como interligados e inter-actantes e que a níveis distintos de auto-estima possam estar associados comportamentos distintos, eventualmente com repercussões no bem-estar, na saúde, na longevidade e nos desempenhos individuais.

A Auto-Estima é considerada um dos principais preditores de resultados favoráveis, na adolescência e na vida adulta, tendo implicações em áreas como sucesso ocupacional, relacionamentos interpessoais e desempenho académico (Trzesniewski, Donnellan e Robins, 2003). Desde fins da década de 1960 a princípios de 1990, foi assumido que a auto-estima de um estudante condicionava os seus resultados escolares, relacionamentos com os colegas e sucessos posteriores na vida.

Tipicamente, tais sugestões evocam a noção de que indivíduos com uma auto-estima elevada são motivados para boa execução no trabalho, para manter uma consistência cognitiva consentânea com as suas auto-avaliações elevadas, isto é, um nível elevado de auto-estima provoca um nível de efeito elevado (Korman, 1970); ou que uma auto-estima elevada

proporciona uma função de defesa face aos stressores que, de outro modo, impediriam a motivação no local de trabalho e o desempenho, isto é, a auto-estima exercendo um efeito moderador (Brockner, 1988).

Todavia, e ainda no que concerne aos efeitos dos níveis de auto-estima (alto/baixo) sobre o desempenho profissional, encontramos igualmente panorama não consensual, ou seja, várias perspectivas teóricas sugerem que o nível de auto-estima poderá implicar efeitos elevados ou moderados. Brown, (1993); Pierce e Gardner (2004) defendem que, no domínio da motivação, tem ganho terreno a ideia de que o nível de auto-estima, ou uma avaliação global positiva ou negativa de si próprio, poderia estar associada ao desempenho profissional.

Por outro lado, alguns estudos experimentais e descrições de revisões de literatura sugerem que tais efeitos ou são inexistentes ou altamente variáveis (Ferris, D. et al, 2010). Baumeister (2005), num estudo realizado corrobora a mesma posição já por si defendida em 2003, referindo que a auto-estima elevada se correlaciona com a felicidade auto-relatada, embora não seja claro se uma conduza necessariamente à outra.

De modo mais geral, a crença nos benefícios da alta auto-estima ganhou força considerável na América, como é evidenciado pelo surgimento de instituições como a Associação Nacional para a Auto-Estima, cujo objectivo é integrar plenamente a Auto-Estima na estrutura da sociedade Americana, para que cada pessoa, individualmente, se sinta com valor e feliz (National Association for Self-Esteem, 2009, citada por Ferris, D. et al., 2010).

3ª Hipótese – Os Políticos Autarcas e os Não Políticos não evidenciaram diferenças estatisticamente significativas no que concerne aos níveis de Optimismo e de Auto-Estima.

De referir que não existem estudos sobre esta temática, comparando estes dois tipos de população, nem tão pouco sobre os Políticos Autarcas, pelo que o presente trabalho de investigação assume um carácter exploratório.

4ª Hipótese - Como expectável, os Políticos Autarcas e os Não Políticos evidenciaram diferenças estatisticamente significativas no que concerne às Estratégias de *Coping* utilizadas, destacando-se que: -os Políticos Autarcas utilizaram com mais frequência as Estratégias de *Coping* Análise Lógica e a Procura de Recompensas Alternativas, comparativamente aos Não Políticos; -os Não Políticos utilizaram a Aceitação/Resignação com mais frequência do que os Políticos Autarcas.

Neste último caso, é de sublinhar que, no modelo do CRI; a Análise Lógica se encontra no cruzamento das duas modalidades de classificação, correspondendo às vertentes: -enfoque no problema e cognitivo, o que, conjuntamente com a Procura de Recompensas Alternativas, nos parece indiciar uma maior predisposição dos Políticos Autarcas para uma visão mais racional e realista, traduzida na resolução lógica ou na procura de formas alternativas para contornar/ultrapassar o problema ou situação, face aos Não Políticos.

Tal como se referiu em relação à variável anterior, também para o caso das estratégias de *Coping* não existem estudos sobre os Políticos Autarcas, pelo que se trata, igualmente, de um estudo exploratório.

Conclusão

Conclusão

O presente estudo teve por finalidades principais a obtenção de elementos que pudessem contribuir para esclarecer: a) a eventual associação entre as variáveis Optimismo/Pessimismo, Auto-Estima e Estratégias de *Coping*; b) -proporcionar algum conhecimento sobre o funcionamento psicológico dos Políticos Autarcas, do Poder Local, no que concerne às variáveis Optimismo/Pessimismo, Auto-estima e Estratégias de *Coping*.

Foi baseado numa amostragem circunscrita à cidade de Lisboa, mediante um raciocínio comparativo entre dois grupos constituídos: –o Grupo A (Políticos Autarcas) e o Grupo B (Não Políticos) ambos da mesma área geográfica e contendo um conjunto de características sociodemográficas o mais possível equiparadas.

A análise dos resultados evidenciou: a) – uma associação estatisticamente significativa entre o optimismo e as estratégias de *Coping*; b) - uma associação pouco vincada, ou seja não estatisticamente significativa entre a Auto-Estima e as estratégias de *Coping*; c) - não diferenciação nos níveis de Optimismo e de Auto-Estima entre os dois grupos em apreço; d) – diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos quanto às Estratégias de *Coping*, sendo que os Políticos Autarcas se revelaram mais direccionados para uma postura de enfrentamento/resolução da situação, através de Estratégias de Análise Lógica e de Procura de Recompensas Alternativas, enquanto que nos Não Políticos predominam posturas de índole mais passiva/adaptativa, no âmbito da Aceitação/Resignação.

No tocante à análise das Características Sociodemográficas, de sublinhar também a diferença verificada nos Centros de Interesse. Nestes domínios, as Artes, Letras, Ciências, Televisão, Desporto e Social/Voluntariado revelaram-se mais da preferência dos Políticos Autarcas, enquanto que o Convívio, Passeios e Viagens revelaram-se mais da preferência dos Não Políticos.

Condicionantes do trabalho

Embora a explicação dos objectivos pretendidos - meramente estatísticos -, bem como a salvaguarda da entrega e devolução dos questionários constituíssem cuidados sempre presentes para com todos os participantes da amostra, no que respeita ao grupo A – Políticos Autarcas, por se tratar de uma população sempre exposta perante a opinião pública, logo mais defensiva, a obtenção da cooperação de cada um foi rodeada de cuidados acrescidos. Exatamente por este motivo, optou-se pela não entrega do Questionário ao Presidente da

Câmara, não nos parecendo adequado colocá-lo em evidência, por se tratar de um único elemento com tal função.

Revelou-se, também, muito difícil o contato com os membros das 53 Assembleias de Freguesia, as quais apenas reúnem 4 vezes por ano e.

Além disso, refira-se que os Políticos Autarcas são constituídos por vários perfis, visto que desempenham funções bem diversificadas, consoante o Órgão Autárquico em que se inserem.

Por último, não foi fácil a obtenção de vários dos dados pretendidos, com o tratamento estatístico em conformidade, sendo necessário o recurso a várias instituições.

Em síntese, subsecreve-se a afirmação comum de que um trabalho deveria começar quando se acaba. Com efeito, ao penetrar no universo da amostra, cedo se passou a equacionar um sem número de questões que teriam resultado em benefício acrescentado, se desde o início tivessem sido tidas em consideração, como a seguir se refere.

Sugestões para futuras investigações

Tendo em conta os condicionantes expostos, bem como os resultados apurados no presente trabalho, para efeitos de eventual prossecução de estudos com a população em apreço, sugerem-se três aspectos que se consideram fundamentais: -1º - Focalizar a investigação, ou seja, no mínimo considerar três grupos de Políticos Autarcas (A - constituído por Presidentes de Câmara, Presidentes de Junta e Vereadores Municipais; B – constituído pelos restantes elementos dos Executivos das Juntas de freguesia; -C – constituído pelos Deputados Municipais e Membros das Assembleias de Freguesia); 2º -abrangência geográfica a nível de uma Região Metropolitana; 3º -enfoque nas variáveis Personalidade e Estratégias de *Coping*.

Para finalizar, espera-se que o presente estudo, de cariz meramente exploratório, porque sem precedentes comparativos, possa ter contribuído para despoletar o interesse da comunidade científica pela classe política do Poder Local e que tal se traduza em estudos de continuidade e aperfeiçoamento, que explorem e aprofundem o conhecimento sobre o respectivo perfil e personalidade.

Bibliografia

Bibliografia

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. 4th ed. Text Revision. Washington D.C. and London, England: APA Publications, 2000. Tradução portuguesa, Lisboa: Climepsi Editores, Lda, 2ª ed., 2006. 429 p.
- Amirkhan, J. H. (1990). A factor analytically derived measure of coping. The coping strategy Indicator. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (5), 1066-1074.
- Amirkhan, J. H., Risinger, R.T., & Swickert, R.J. (1995). Extraversion: A "Hidden" personality factor in coping? *Journal of Personality*, 63, 189-212.
- Armor, A. & Taylor, E. (1988). Situated optimism: Specific outcome experiences and self-regulation. *Advances in Experimental Social Psychology*, 30, 309-379.
- Armstrong-Stassen, M. & Schlosser, F. (2008). Taking a positive approach to Organizational Downsizing. *Canadian Journal of Administrative Sciences, Revue Canadienne des sciences de l'administration*, 25, 93-106.
- Arvey, R. V. & Murphy, K.R. (1998). Performance Valuation in Work Settings. *Annual Review of Psychology*, 49, 141-168.
- Aspinwall, L. G. & Taylor, S.E. (1992). Modeling cognitive adaptation: A longitudinal investigation of the impact of individual differences and coping on college adjustment and performance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63 (6), 989-1003.
- Assad, K. K, Donnellan, M.B. & Conger, R.D. (2007). Optimism: An enduring resource for romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93 (2), 285-287.
- Aznar, M. M., Fernández, I.I., Quevedo, R. M. & Abella, M. C. (2003). Diferencias en autoestima en función del Género. *Análisis y Modificación de Conducta*, 29 (123), 51-78. Baumeister, R.F et al (2000). Self-Esteem, narcissism and aggression: Does violence result from low self-esteem or from threatened egotism? Current Directions. In *Psychological Science*, 9, 26-29.
- Baumeister, R. F., Campbell, J. D. Krueger, J. I., Vohs, K. D. (2003). Does High Self-Esteem cause better Performance, Interpersonal Success, Happiness, or Healthier Lifestyles? *Psychological Science in the Public Interest*, 4, 1-44.
- Baumeister, R. F , Campbell, J. D., Krueger, J. I., & Vohs, K. D. (2005). Exploding the Self-esteem Myth. *Scientific American Review*.

- Bednar, R. & Peterson, S. (1995). Self-esteem: paradoxes and innovation in clinical therapy and practice. Washington, D.C.: American Psychology Association.
- Bioy, A. & Fouques, D. (2008). *Psychologie Clinique et Psychopathologie*. Paris: Dunod.
- Bolger, N. (1990). Coping as a personality process: A prospective study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (3), 525-537.
- Brown, J. D. (1993). Self-esteem and self-evaluations: Feeling is believing. In Suls J (Ed.), *Psychological Perspectives on the Self* (Vol. 4, pp. 27-58). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Brockner, J. (1988). *Self-Esteem at Work: Research, theory and practice*. Lexington, MA: D.C. Heath & CO.
- Byrne, D. (1961). The repression-sensibilization scale: Rationale, reliability and validity. *Journal Of Personality*, 29, 334-349.
- Cairns, E., Mc Whirter, L., U. & Barry, R. (1990). The stability of self-concept in late adolescence: Gender and situational effects. *Personality and Individual Differences*, 11 (9), 937-944.
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (1989) Assessing Coping Strategies: A Theoretically based Approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 267-283.
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (1994) Situational coping and coping dispositions in a stressful transition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 184-195.
- Carver, C. S., Kus, L.A. & Scheier, M. F. (1994). Effects of good versus bad mood and optimistic versus pessimistic outlook on social acceptance versus rejection. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 13, 138-151.
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (1998). *On the self-regulation of behaviour*. NY: Cambridge University Press.
- Carver, C. S., Brissette, I. & Scheier, M. F. (2002). The role of Optimism in Social Network Development, Coping and Psychological Adjustment During a Life transition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 102-111.
- Carver, C. S., Scheier, M. F., Miller, C. J., Fulford, D. (2009). Optimism. In *Oxford Handbook of Positive Psychology*, ed. CR Snyder, SJ Lopez, 303-311. New York: Oxford Univ. Press, 2nd ed.
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. & Segerstrom, S.C. (2010). Optimism. *Clinical Psychology Review*, 30, 879-889.
- Carver, C. S., & Connor-Smith, J. (2010). Personality and coping. *Annual Review of Psychology*, 61, 679-704.

- Chang, E. C. (1998). Distinguishing between optimism and pessimism: A second look at the optimism-neuroticism hypothesis. In R.R. Hoffman & M. F. Sherrick (Eds.), *Viewing Psychology as a Whole: The integrative science of William N. Dember* (pp. 415-432). Washington, DC: APA.
- Cole, D. A., Maxwell, S.E., Martin, J.M., Hoffman, K.B., Ruiz, M.D., Jacquez, F. & Maschman, T. (2001). The development of multiple domains of child and adolescent self-concept: a cohort sequential longitudinal design. *Child Development*, 72, 1723-1746.
- Compas, B. E. (1987). Coping with stress during childhood and adolescence. *Psychological Bulletin* (101), pp. 393-403.
- Compas, B. E., Connor-Smith, J. K., Saltzman, H., Thomsen, A. H., Wadsworth, M. E. (2001). Coping with stress during childhood and adolescence: problems, progress and potential in theory and research. *Psychological Bulletin*, 127, 87-127.
- Constituição da República Portuguesa. Art.ºs 235, 236, 253 e 256.
- Coopersmith, S. (1989). Coopersmith Self-Esteem Inventory. Palo Alto: *Consulting Psychologists Press*.
- Crocker, J. & Wolfe, C.T. (2001). Contingencies of Self-Worth. *Psychological Review*, 108, 593-623.
- DeLongis, A. & Holtzman, S. (2005). Coping in context: The role of stress, social support and personality in coping. *Journal of Personality*. Special Issue: Advances in Personality and Daily Experience, 73 (6), 1633-1656.
- DIRECÇÃO GERAL DAS AUTARQUIAS LOCAIS (DGAL) – *Portal Autárquico*.
<https://appls.portalautarquico.pt/.../Section.aspx?>, acedido em 1 de Agosto de 2012.
- Decreto do Presidente da República nº 160/2012. “*D.R. I Série*” – Nº 216-8, de 8 de Novembro de 2012.
- Diener, E. & Diener, M. (1995). Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68 (4), 653-663.
- Donnelan, M. Tzesniewski, K., Robins, R., Moffitt, T. & Caspi, A. (2005). Low self-esteem is related to aggression, antisocial behavior, and delinquency. *Psychological Science*, 16 (4), 328-335.
- Duncan, L. E. & Stewart (2007). Personal political salience: The role of personality in collective identity and adiction. *Political Psychology*, 28, 143-164.

- Eaton, R. J. & Bradley, G. (2008). The role of gender and negative affectivity in stressor appraisal and coping selection. *International Journal of Stress Management*, 15 (1), 94-115.
- Elton, B. J.; & Reversion, T.A. (1984). Coping with chronic illness: A study of illness controllability and the influence of coping strategies on psychological adjustment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 52 (3), 343-353.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Guthrie, I. (1997). Coping with stress: the roles of regulation and development. In *Handbook of Children's Coping with Common Stressors: Linking Theory, Research and Intervention*, ed. JN Sandler, SA Wolchik, 41-70. New York: Plenum.
- Erikson, E. H. (1969). *Gandy's truth: On the origins of militant nonviolence*. New York: Norton.
- Eysenk, H. J. (1967). *The biological basis of personality* (3rd ed). London: Methuen.
- Fan, F. & Fu, J. (2001). Self-concept and mental health of college students. *Chinese Mental Health Journal*, 15, 76-77.
- Felton, B.J., & Reversion, T.A. (1984). Coping with chronic illness: A study of illness controllability and the influence of coping strategies on psychological adjustment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 52 (3), 343-353.
- Fernandes, E. (2006). *Emoções e sentimentos nas Saúdes e Longevidades*. Edipanta, Lda.(pp.55-128).
- Ferris, D. et al (2010). Self-Esteem and Job Performance: The Moderating Role of Self-Esteem Contingencies. *Personnel Psychology*. Autumn 2010, 63 (3), ProQuest *Psychology Journals*, pp. 561-563.
- Fitzgerald, T. E., Tennen, H., Affleck, G., & Pransky, G.S. (1993). The relative importance of dispositional optimism and control appraisals in quality of life after coronary artery bypass surgery. *Journal of Behavioral Medicine*, 16, 25-43.
- Folkman, S. & Lazarus, R.S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21 (3), 219-239.
- Folkman, S. & Lazarus, R.S. (1985). If it changes, it must be a process: A study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 150-170.

- Folkman, S., Lazarus, R. S., Dunkek-Schetter, C., DeLongis, A., & Gruen, R. J. (1986). Dynamics of a stressfull encounter: Cognitive appraisal, coping and encounter outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 992-1003.
- Folkman, S. & Lazarus, R.S. (1988). Coping as a mediator of emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 466-475.
- Folkman, S., & Moskowitz, J. T. (2004). Coping: pitfalls and promise. *Annual Review of Psychology*, 55, 745-774.
- Fosnaugh, J.; Geers, A. & Wellman, J. (2009). Giving Off a Rosy Glow: The Manipulation of an Optimistic Orientation. *The Journal of Social Psychology*, 149.3 (Jun. 2009): 349-64.
- Gallo, L. C. & Smith, T.W. (1998). *Construct validation of health-relevant personality traits: Interpersonal circumplex and five factor model analysis of the aggression questionnaire*.
- Geers, A., Handley, I. M. & McLarney, A.R. (2003). Discerning the role of optimism in persuasion: The valence-enhancement hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85, 554-565.
- Geers, A., Kosbad, K., Weiland, P. E., Helfer, S.G. & Welman, J.A. (2007). Further evidence for individual differences in placebo responding: An interactionist perspective. *Journal of Psychosomatic Research*, 62, 563-570.
- Greer, S., Morris, T., Pettingale, K. & Haybittle (1990). *Psychological Response to Breast Cancer and 15-year Outcome*. *Lancet*, 1, 49-50.
- Given, C. W., Stommel, M., Given, B., Osuch, J., Kurtz, M. E., & Kurtz, J. C. (1993). The influence of cancer patients' symptoms and functional states on patients' depression and family caregivers' reaction and depression. *Health Psychology*, 12, 277-285.
- George, A. L. & George, J. L. (1956). *Woodrow Wilson and Colonel House: A personality study*. New York: John Day.
- Harper, J. F. & Marshall, E. (1991). Adolescents' problems and their relationship to self-esteem: *Adolescence*, 26, 799-808.
- Harter, S. & Whitesell, N.R. (2003). Beyond the debate: why some adolescents report stable self-worth over time and situation, whereas others report changes in self-worth. *Journal of Personality*, 71, 1027-1058.

- Heinonen, K. Raikkonen, K. & Keltikangas-Jarvinen, L. (2005). Dispositional optimism: development over 21 years from the perspectives of perceived temperament and mothering. *Personality and Individual Differences*, 38, 425-435.
- Heinonen, K., Raikkonen, K. et al, (2006). Socioeconomic status in childhood and adulthood: Associations with dispositional optimism and pessimism over a 21-year follow-up. *Journal of Personality*, 74, 1111-1126.
- Holahan, C. J. & Moos, R. H. (1986). Personality, coping and family resources in stress resistance: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51 (2), 389-395.
- Hooker, K., Monahan, D., Shifren, K. & Hutchinson, C. (1992). Mental and physical health of spouse caregivers: The role of personality. *Psychology and Aging*, 7, 367-375.
- Hulin, M. & Lisá, E. (2009). Some situational and personality determinants of coping among managers. *Studia Psychologica*, 51, 2-3.
- index mundi Portugal* area <http://www.indexmundi.com/portugal/area.html>, retirado da Internet a 1 de Maio de 2012.
- Johnson, J. W. (2003). Toward a better understanding of the relationship between personality and individual Job performance. In Barric M, Rian AM (Eds), *Personality and Work* (pp. 83-120). San Francisco: Jossey-Bass.
- Kobasa, S. C. (1979). Stressful life events, personality and health: An inquiry into hardiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 1-11.
- Korman, A. K. (1970). Toward an hypothesis of work behavior. *Journal of Applied Psychology*, 54, 31-41.
- Kling, K. C., Hyde, J.S., Showers, C.J. & Buswell, B.N. (1999). Gender differences in self-esteem: A Meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 125 (4), 470-500.
- Kretová-Lisá, E. & Budaiová, V. (2007). Bournout syndrome in social workers and their notions about prevention and intervention. *Studia Psychologica*, 49 (3), 233-249.
- Lazarus, R. S., (1966). *Psychological Stress and the coping process*. New York: McGraw-Hill.
- Lazarus, R. S. & Folkman, S., (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Lazarus, R. S. & Monat, A. (1985). *Stress and coping: An Anthology*. New York: Columbia University Press.
- Lazarus, R. S. (1993). Coping theory and research: Past, present and future. *Psychosomatic Medicine*, 55 (3), 234-247.

- LEI nº 169/1999. “*D.R. I SÉRIE*”. LEI nº 169/99, de 18 de Setembro www.cvarg.azores.gov.pt/.../cms_Lei-n_o169-99-de-18-de-Setembro.dre.pt/pdf1sdip/1999/09/219A00/64366457.
- LEI nº 5-A/2002. *D.R.*, de 11 de janeiro www.cvarg.azores.gov.pt/.../cms_Lei-N_o5-A-2002-de-11-de-Janeiro.
- Lei n.º 64-B/2011 de 30 de Dezembro Orçamento do Estado para 2012 Diário da República, 1.ª série — N.º 250 — 30 de Dezembro de 2011 <http://dre.pt/pdf1sdip/2011/12/25001/0004800244.pdf>, retirado da Internet a 1 de Maio 2012.
- Litt, M. D., Tennen, H., Affleck, G., & Klock, S. (1992). Coping and cognitive factors in adaptation to in vitro fertilization failure. *Journal of Behaviour Medicine*, 15, 171-187.
- Luthans, F. (2002b). Positive organizational behaviour: Developing and managing psychological strengths. *Academy of Management Executive*, 16, 57-72.
- Luthans, F., & Youssef, C. M. (2007). Emerging positive Organizational Behaviour. *Journal of Management*, 33, 321-349.
- MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA (MAI). *Base de Dados Central do Recenseamento Eleitoral. Censos 2011 Resultados Provisórios* http://www.ine.pt/scripts/flex_provisorios/Main.html, retirado da Internet a 1 Maio 2012.
- Marshall, G. N. & Lang, E.L. (1990). Optimism, self-mastery and symptoms of depression in women professionals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 1067-1074.
- Martin-Albo, J., Núñez, J., Navarro, J. & Grijalvo, F. (2007). The Rosenberg Self-esteem Scale: translation and validation in university students. *The Spanish Journal of Psychology*, 10 (2), 458-467.
- McCrae, R. R. (1982). Age differences in the use of coping mechanisms. *Journal of Gerontology*, 37, 454-460.
- McCrae, R. R. (1984). Situational determinants of coping responses: Loss, threat and challenge. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46 (4), 919-928.
- McCrae, R. R. & John, O. P. (1992). An introduction to the five factor model and its applications. *Journal of Personality*, Special Issue: The Five-factor model: Issues and applications, 60 (2), 175-215.
- Ministério da Administração Interna (MAI). 2011. *Base de Dados do Recenseamento Eleitoral*. Lisboa: Ministério da Administração Interna.

- Moos, R. H. (1986). *Coping with life crisis: An integrated approach*. New York: Plenum Press.
- Moos, R. H. (1992). Coping Responses Inventory (CRI – Adult Form - Professional Manual). *Psychological Assessment Resources*, Inc. (PAR).
- Motowidlo, S. Borman, W. & Smith, M. (1997). A theory of individual differences in task and contextual performance. *Human Performance*, 10, 71-83.
- Mruck, C. (1995). *Self-esteem: Research, theory and practice*. New York: Springer Publishing Company.
- Murphy, K. (1989). Dimensions of Job performance. In Dillon RF, Pellegrino JW (Eds.), *Testing: The Oretical and Applied Perspectives* (pp. 218-247). New York: Praeger.
- Murray, H.A. (1943). *Analysis of the personality of Adolph Hitler: With redictions of his future behavior and suggestions foe dealing with him now and after Germany's surrender*. Washington, DC: Office of Strategic Services Report.
- O'Brien, E. & Epstein, S. (1983). MSEI: The multidimensional self-esteem inventory. Odessa: *Psychological Assessement Ressources*.
- O'Brien, T. D. & DeLongis, A. (1996). The international context of problem – emotion and relationship – focused coping: The role of the big five personality factors. *Journal of Personality*, 64 (4), 775-813.
- Olson, D. A. & Shultz, K.S. (1994). Gender differences in the dimensionality of social support. *Journal of Applied Social Psychology*, 24, 1221-1232.
- MINISTÉRIO DA ECONOMIA E FINANÇAS. *Orçamento de Estado para 2012*. Diário da economiafinancas.com/.../oficial-orcamento-de-estado-para-2012-pu.
- Parashar, F. (2011). *Positive Psycology UK*. Retirado em 25 de Abril de 2011, de *Positive Psycology UK*: <http://www.positivepsychology.org.uk/pp-theory/optimism/98-optimism-and-pessimism.html>.
- Parkes, K. R. (1986). Coping in a stressfull episodes. The role of individul differences, environemental factors, and situational characteristics. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1277-1292.
- Pearlin, L. I. & Schooler, C. (1978). The structure of coping. *Journal of Health and Social Behavior*, 19, 2-21.
- Pelham, B.W. & Swann, W.B. (1989). From self-conceptions to self-worth: On the sources and structures of self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 672-680.

- Peterson, C. & Seligman, M. P. (1984). Causal explanations as a risk factor for depression: Theory and evidence. *Psychological Review*, 91, 347-374.
- Peterson, C. & Bossio, L. M. (1991). *Health and optimism*. New York: Free Press.
- Pierce, G. R., Sarason, I.G. & Sarason, B.R. (1996). Coping and social support. In: M. Zeidner, N.S. Endler, *Handbook of coping: Theory*. New York: Willey.
- Pierce, J. & Gardner, D. (2004). Self-Esteem within the work and organizational context: A review of the organization-based self-esteem literature. *Journal of Management*, 30, 591-622.
- Portal Autárquico pt/portalautarquico/Section.aspx. Retirado da Internet em 22 de Julho de 2012.
- Portreck-Rose, F. & Jacob, G. (2006). *Selbstzuwendung, Selbstvertrauen, Selbstakzeptanz – Psychotherapeutische Interventionen zum Aufbau von Selbstwertgefühl*. Stuttgart: Clett-Kota. ISBN 3-608-89016-5.
- Pretzer, J. L. & Walsh, C.A. (2002). Optimism, pessimism and psychotherapy: Implications for clinical practice. In E. C. Chang (Ed), *Optimism and pessimism: Implications for theory, research and practice* (pp. 321-346). Washington, DC: American Psychological Association.
- Reed, G., Kemeny, M. E., Taylor, S. E., Wang, H. Y. & Visscher, B. R. (1994). Realistic acceptance as a predictor of decreased survival time in gay men with AIDS. *Health Psychology*, 13, 299-307.
- Ridder, D., Kerssens, J. (2003). Owing to the force of circumstances? The impact of situational features and personal characteristics on coping patterns across situations. *Psychology and Health*, 18, 217-236.
- Riskind, J. H., Sarampote, C.S. & Mercier, M.A. (1996). For every malady a sovereign cure: Optimism training. *Journal of Cognitive Psychotherapy: Na International Quarterly*, 10, 105-117.
- Robinson-Whelen, S., Kim, C., MacCallum, R. C., & Kiecolt-Glasser, J. K. (1997). Distinguishing optimism from pessimism in older adults: Is it more important to be optimistic or not to be pessimistic? *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 1345-1353.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton University Press.
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the self*. New York: Basic Books.

- Rosenberg, M. (1985). Self-concept and psychological well-being in adolescence. In R. Leach (Ed.), *The Development of Self* (pp. 205-246), Orlando: Academic Press.
- Rosenberg, M. (1989). *Rosenberg's Self-Esteem Scale*.
- Scheier, M. F. & Carver, C. S. (1985). Optimism, coping and health: Assessment and implications of generalized outcome expectancies. *Health Psychology*, 4, 219-247.
- Scheier, M. F., Weintraub, J. K. & Carver, C. S. (1986). Coping with stress: Divergent strategies of optimists and pessimists. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1257-1264.
- Scheier, M. F. & Carver, C. S. (1992). Effects of optimism on psychological and physical well-being: Theoretical overview and empirical update *Cognitive Therapy and Research*, 16, 201-228.
- Scheier, M. F., Carver, C. S. & Bridges, M. B. (1994). Distinguishing Optimism From Neuroticism (and Trait Anxiety, Self-Mastery, and Self-Esteem): A Reevaluation of the Life Orientation Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67 (6), 1063-1078.
- Scheier, M. F., Carver, C. S. & Bridges, M. B. (2001). Optimism, pessimism and psychological well-being. In E. C. Chand (Ed). *Optimism and pessimism: Implications for theory, research and practice*. (pp. 189-216). Washington, DC: American Psychological Association.
- Scheier, M. F. & Carver, C. S. (2001). Adapting to cancer: The importance of hope and purpose. In A. Baun & B.I. Anderson (Eds). *Psychological Interventions for Cancer* (pp 15-36). Washington, DC: American Psychological Association.
- Schmitt, D. & Allik, J. (2005). Simultaneous administration of the Rosenberg Self-Esteem Scale in 53 nations: exploring the universal and culture-specific features of global self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 623-642.
- Sedikides, C. & Gregg, A. P. (2003). Portraits of the self. In M. A. Hogg & A. Cooper (Eds), *Sage Handbook of Social Psychology* (pp. 110-138). London: Sage Publications.
- Segerstrom, S. C. (2001). Optimism and attentional bias for negative and positive stimuli. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27, 1334-1343.
- Segerstrom, S. C. (2006). *Breaking Murphy's law*. New York: Guilford.
- Segerstrom, S. C. (2006a). How does optimism suppress immunity? Evaluation of three affective pathways. *Health Psychology*, 25, 653-657.

- Seligman, M. P. & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive Psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55, 5-14.
- Selye, H., (1983). The Stress Concept: past, present and future. *Stress Research: issues for the eighties*, pp. 1-20, New York: John Wiley and Sons.
- Serra, A. V. (1986). A importância do auto-conceito- *Psiquiatria Clínica*, 72, 57-66.
- Serra, A. V. (2005). As múltiplas facetas do stresse. *Stresse e bem-estar: Modelos e domínios de aplicação*, p.p.17-41, Lisboa: Climepsi.
- Shifren, K., & Hooker, K. (1985). Stability and change in optimism: A study among spouse caregivers. *Experimental Aging Research*, 21, 59-76.
- Skinner, E. A., Edge, K., Altman, J. & Sherwood, H. (2003). Searching for the structure of coping: A review and critique of category systems for classifying ways of coping. *Psychological Bulletin*, 129, 216-269.
- Skinner, E. A. & Zimmer-Gembeck, M. J. (2007). The development of coping. *Annual Review of Psychology*, 58, 119-144.
- Simmons, R. G. & Rosenberg, F. (1975). Sex, sex roles and self-image. *Youth Adolescence*, 4, 229-258.
- Smith, T.W., Pope, M K., Rhodewalt, F. & Poulton, J. L. (1989). Optimism, neuroticism, coping and symptoms reports: An alternative interpretation of Life Orientation Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 640-648.
- Smith, T.W., & Spiro, A. (2002). Personality, health and aging. Prolegomenon for the next generation. *Journal of Research in Personality*, 36, 363-394.
- Soelberg Nes & Segerstrom (2006). Dispositional optimism and coping: A meta-analytic review. *Personality and Social Psychology Review*, 10, 235-251.
- Stanton, A. L. & Snider, P. R. (1993). Coping with breast cancer diagnosis. *Health Psychology*, 12, 16-23.
- Suedfeld, P. & Rank, A. D. (1976). Revolutionary leaders: Long-term success as a function of changes in conceptual complexity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 34, 169-178.
- Sweeny, K., Carroll, P. J. & Shepperd, J.A. (2006). *Is optimism always best?* Current Directions in Psychological Science, 15, 302-306.
- Tamres, L. K., Janicki, D. & Helgeson, V. S. (2002). Sex differences in coping behavior: A meta-analytic review and an examination of relative coping. *Personality and Social Psychology Review*, 6, 1, 2-30.

- Taylor, S. E., Kemeny, M. E., Aspinwall, L. G., Rodriguez, R., & Herbert, M. (1992). Optimism, coping psychological distress, and high-risk sexual behaviour among men at risk for Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS). *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 460-473.
- Tetlock, P. (1981). Pre – to postelection shifts in presidential rhetoric: Impression management or cognitive adjustment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 34, 169-178.
- Trzesniewski, K., Donnellan, M. & Robins, R. (2003). Stability of self-esteem across the life span. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 205-220.
- Tytherleigh, M. Y., Jacobs, P.A., Webb, C., Ricketts, C. & Cooper, C. (2007). Gender, health and stress in English university staff-exposure or vulnerability? *Applied Psychology: An International Review*, 56(2), 267-287.
- Wikipedia – Lisboa <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa>, retirado da Internet a 1 de Maio de 2012.
- Wikipedia – Porto <http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto>, retirado da Internet a 1 de Maio de 2012.
- Viswesvaran, C. (2001). Assessment of individual Job performance: A review of the past century and a look ahead. In Anderson N. ones DS, Sinangil HK, Viswesvaran C. (Eds.). *Handbook of Industrial, Work & Organizational Psychology* (pp. 110-126). Thousand Oaks, CA: Sage.
- William, L. J. & Anderson, S. E. (1991). Job satisfaction and organizational commitment as predictors of organizational citizenship and in-role behaviors. *Journal of Management*, 17, 601-617.
- Williams, R. D., Riels, A. G., & Roper, K. A. (1990). Optimism and distractibility in cardiovascular reactivity. *Psychological Record*, 40, 451-457.
- Winter, D. G. (1987). Leader appeal, leader performance and the motive profiles of leaders and followers: A study of American presidents and elections. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 196-202.
- Winter, D. G. (1991). Measuring personality at a distance: Development of an integrated system for scoring motives in running text. In A. J. Stewart, J. M. Healy Jr., & D. J. Oser (Eds.), *Perspectives in personality*, 3 (B), 59-89.
- Wylie, R.C. (1974). The self-concept. *A Review of Methodological Considerations and Measuring Instruments* (vol.I), Lincoln, NE: University of Nebraska Press.

- Wylie, R. C. (1979). The self-concept. *A Review of Methodological Considerations and Measuring Instruments* (vol.II), Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Youssef, C. M., & Luthans, F. (2007). Positive organizational behavior in the workplace: The impact of hope, optimism, and resilience. *Journal of Management*, 33, 774-800.
- Zeidner, M. & Hammer, A. L. (1992). Coping with missile attack: Resources, strategies, and outcomes. *Journal of Personality*, 60, 709-746.
- Zimmerman, R. A., Copeland, L.A., Shope, J.T. & Dielman, T.E. (1997). A Longitudinal study of self-esteem: Implications for adolescent development. *Journal of Youth and Adolescence*, 26, 117-141.
- Zuckerman, M. (1999). *Vulnerability to psychopathology: A biosocial model*. Washington: American Psychological Association.

Apêndice

Apêndice I

Protocolo de Investigação

Apêndice I
Protocolo de Investigação

- Questionário Sociodemográfico
- LOT-R (Life Orientation Test – Revised)
- SER (Rosemberg's Self-Esteem Scale)
- CRI (Coping Responses Inventory)

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Psicologia

Código _____

O presente questionário visa efectuar um estudo de algumas características de personalidade, no âmbito de um trabalho de investigação da Universidade Lusófona, em Lisboa.

As suas respostas terão apenas finalidade estatística. Serão anónimas e, consequentemente, garantida total confidencialidade.

Assim, é solicitada a sua cooperação no preenchimento das questões, com a máxima sinceridade, assinalando com uma X a resposta que considere adequada. Não há respostas certas ou erradas.

Obrigada pela sua colaboração.

1. Idade _____

2. Género Masculino _____ Feminino _____

3. Etnia

Caucasiana _____ Africana _____ Outra _____

4. Escolaridade

1º Ciclo Ensino Básico _____ 2º Ciclo Ensino Básico _____ 3º Ciclo Ensino Básico _____
Ensino Secundário _____ Licenciatura _____ Mestrado _____ Doutoramento _____

5. Estado Civil

Solteiro _____ Casado/União Fato _____ Separado/Divorciado _____ Viúvo _____

6. Religião (Grau de Importância na sua vida)

Muito Elevada 5 _____ 4 _____ 3 _____ 2 _____ 1 _____ Nenhuma

7. Centros de Interesse

Artes/Letras/Ciências/Televisão/Internet _____ Desporto _____ Convívio/Passeios/Viagens _____
Social/Voluntariado _____ Outro _____

8. Situação Profissional

Empregado Conta Própria _____ Empregado Conta Outrem _____ Aposentado _____ Desempregado _____

9. Função Profissional

Gestor/Chefia _____ Quadro Superior _____ Técnico Administrativo _____
Operário Técnico _____ Doméstica _____ Outra _____

Se exerce funções autárquicas:

10 .1. Órgão Autárquico

Câmara _____ Assembleia Municipal _____ Junta Freguesia _____ Assembleia Freguesia _____

10.2. Cargo/Função Autárquica: Presidente _____ Outra _____

FAVOR NÃO ASSINAR

11. RSE – Rosenberg (1989); Versão para investigação de Simões e Lima (1992). **As afirmações que se seguem relacionam-se com a forma como vê a vida no geral. Responda colocando um círculo no número apropriado a seguir a cada uma das afirmações para indicar até que ponto concorda ou discorda com essa afirmação. Não há respostas certas ou erradas, só se pretende saber a sua opinião.**

Utilize a escala de 1 (Discordo fortemente) a 5 (Concordo fortemente):

- 1 = Discordo fortemente
 2 = Discordo um pouco
 3 = Nem concordo nem discordo
 4 = Concordo um pouco
 5 = Concordo fortemente

1	Em tempos de incerteza, geralmente penso que me vão acontecer coisas boas.	1	2	3	4	5
3	Se alguma coisa má me pode acontecer, estou certo de que assim será.	1	2	3	4	5
5	Aprecio muito os meus amigos	1	2	3	4	5
6	Raramente espero que as coisas corram à minha maneira	1	2	3	4	5
8	Raramente espero que me aconteçam coisas boas	1	2	3	4	5

12. LOT-R – Scheier, Craver & Bridges (1994); Versão para investigação de J. P. Oliveira (2009).

Por favor escolha a resposta adequada para cada item, dependendo apenas se concorda muito, concorda, discorda ou discorda muito.

1	2	3	4
Concordo Muito	Concordo	Discordo	Discordo Muito

1	No conjunto estou satisfeito comigo próprio	
3	Sinto que tenho algumas boas qualidades	
5	Sinto que não tenho muito de que me orgulhar	
6	Às vezes sinto-me inútil	
10	Tenho uma atitude positiva comigo próprio	

13. CRI - Moos (1992); Versão para investigação de J. P. Oliveira (2008). A seguir apresentam-se algumas perguntas acerca da forma como lida com problemas importantes que surgem na sua vida. Considere o problema maior ou situação de stress que experienciou nos últimos 12 meses (por exemplo, problemas com um familiar ou com um amigo, a doença ou morte de um familiar ou amigo, um acidente ou uma doença, problemas financeiros ou profissionais). Se não tiver vivenciado um problema grave, considere um problema de menor dimensão que tenha experienciado. Responda em seguida a cada uma das 10 perguntas acerca do problema ou da situação vivida, colocando um círculo sobre a resposta adequada.

Coloque um círculo em “CN” se a sua resposta for **CERTAMENTE NÃO**
 Coloque um círculo em “BN” se a sua resposta for **BASICAMENTE NÃO**
 Coloque um círculo em “BS” se a sua resposta for **BASICAMENTE SIM**
 Coloque um círculo em “CS” se a sua resposta for **CERTAMENTE SIM**

1	Já alguma vez lidou com um problema idêntico a este?	CN	BN	BS	CS
3	Teve tempo suficiente para se preparar para lidar com este problema?	CN	BN	BS	CS
5	Quando este problema ocorreu, viu-o como um desafio?	CN	BN	BS	CS
7	Este problema foi causado por alguma coisa que alguém tenha feito?	CN	BN	BS	CS

Leia cada uma das perguntas com atenção e indique a periodicidade com que teve esse comportamento em relação ao problema a que acabou de se referir. Coloque um círculo sobre a resposta adequada:

Coloque um círculo em “N” se a sua resposta for **NÃO, de maneira nenhuma.**
 Coloque um círculo em “U” se a sua resposta for **SIM, uma ou duas vezes.**
 Coloque um círculo em “A” se a sua resposta for **SIM, algumas vezes.**
 Coloque um círculo em “B” se a sua resposta for **SIM, bastantes vezes.**

Não se esqueça de assinalar todas as suas respostas. Responda por favor a cada pergunta com a máxima exactidão.

1	Considerou diferentes formas de lidar com o problema?	N	U	A	B
3	Falou acerca do problema com familiares ou amigos?	N	U	A	B
5	Tentou esquecer tudo?	N	U	A	B
7	Tentou ajudar outras pessoas a lidar com um problema idêntico?	N	U	A	B
45	Tentou negar a gravidade real do problema?	N	U	A	B
48	Fez alguma coisa que considerasse que não ia resultar, mas que lhe desse a sensação de que pelo menos estava a fazer alguma coisa?	N	U	A	B

Anexos

Anexo I - Mapa Autárquico da Cidade de Lisboa

Modelo em vigor

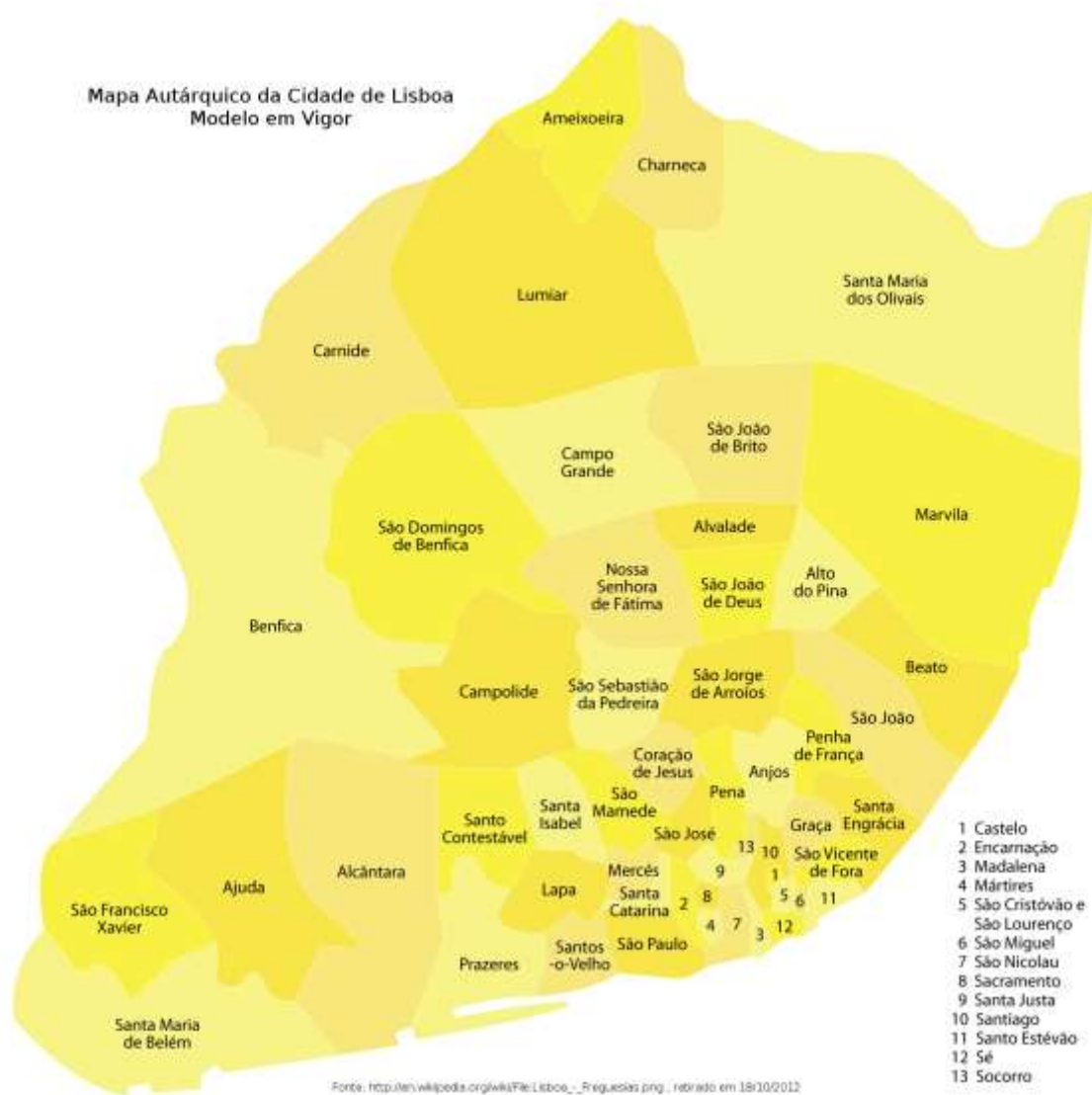
Anexo II - Mapa Autárquico da Cidade de Lisboa

Modelo aprovado, para futura entrada em vigor

Anexo I

Mapa Autárquico da Cidade de Lisboa

Modelo em vigor



Anexo II

Mapa Autárquico da Cidade de Lisboa Modelo aprovado, para futura entrada em vigor

